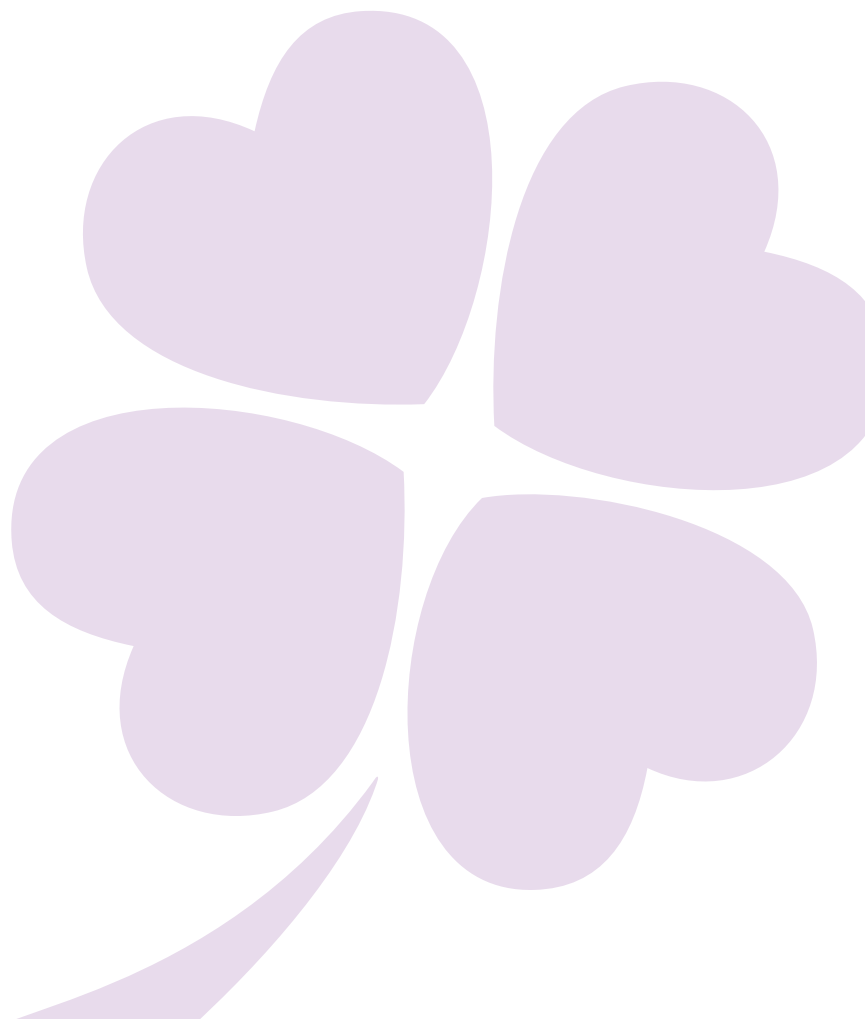


MINISTÉRIO DA SAÚDE  
Secretaria de Vigilância em Saúde  
Departamento de Doenças de Condições Crônicas  
e Infecções Sexualmente Transmissíveis

# HANSENÍASE NO BRASIL

## CARACTERIZAÇÃO DAS INCAPACIDADES FÍSICAS



Brasília DF 2020



2020 Ministério da Saúde.



Esta obra é disponibilizada nos termos da Licença Creative Commons – Atribuição – Não Comercial – Compartilhamento pela mesma licença 4.0 Internacional. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte.

A coleção institucional do Ministério da Saúde pode ser acessada, na íntegra, na Biblioteca Virtual em Saúde do Ministério da Saúde: [www.saude.gov.br/bvs](http://www.saude.gov.br/bvs).

Tiragem: 1ª edição – 2020 – 300 exemplares

*Elaboração, distribuição e informações:*

MINISTÉRIO DA SAÚDE

Secretaria de Vigilância em Saúde

Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis

SRTVN Quadra 701, Av. W5, Edifício PO 700, 5º andar

CEP: 70719-040 – Brasília/DF

Site: [www.saude.gov.br/svs](http://www.saude.gov.br/svs)

E-mail: [cgde@saude.gov.br](mailto:cgde@saude.gov.br)

*Coordenação:*

Gerson Fernando Mendes Pereira – DCCI/SVS/MS

Carmelita Ribeiro Filha Coriolano – CGDE/DCCI/SVS/MS

*Organização e colaboração:*

Carmelita Ribeiro Filha Coriolano – CGDE/DCCI/SVS/MS

Elaine da Rós Oliveira – CGDE/DCCI/SVS/MS

Elaine Silva Nascimento Andrade – CGDE/DCCI/SVS/MS

Estefânia Caires de Almeida – CGDE/DCCI/SVS/MS

Fernanda Cassiano de Lima – CGDE/DCCI/SVS/MS

Jeann Marie Rocha Marcelino – CGDE/DCCI/SVS/MS

Jurema Guerrieri Brandão – CGDE/DCCI/SVS/MS

Mábia Milhomem Bastos – CGDE/DCCI/SVS/MS

Margarida Cristiana Napoleão Rocha – CGDE/DCCI/SVS/MS

Pedro Terra Teles de Sá – CGDE/DCCI/SVS/MS

Raylayne Ferreira Bessa – CGDE/DCCI/SVS/MS

Rossilene Conceição da Silva Cruz – CGDE/DCCI/SVS/MS

*Revisão:*

Angela Gasperin Martinazzo – DCCI/SVS/MS

*Diagramação:*

Sabrina Lopes – Nucom/GAB/SVS

*Normalização:*

Delano de Aquino Silva – Editora MS/CGDI

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

#### Ficha Catalográfica

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis.

Hanseníase no Brasil : caracterização das incapacidades físicas / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis – Brasília : Ministério da Saúde, 2020.

96 p. : il.

ISBN 978-85-334-2756-3

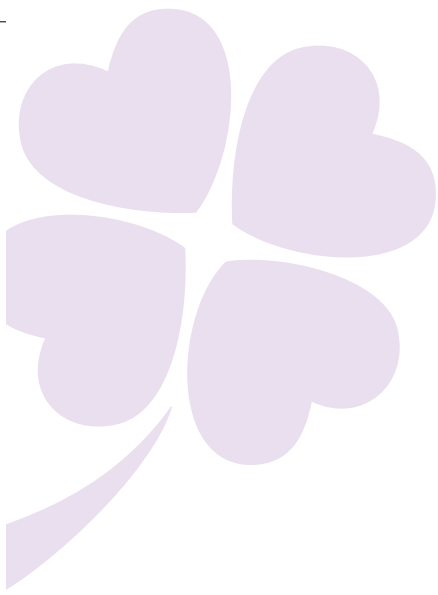
1. Hanseníase. 2. Incapacidades Físicas. 3. Doenças Transmissíveis. I. Título

CDU 616-002.73

Catálogo na fonte – Coordenação-Geral de Documentação e Informação – Editora MS – OS 2020/0048

*Título para indexação:*

Leprosy in Brazil: characterization of physical disabilities



# sumário

**5 Apresentação**

**6 Métodos**

**9** Brasil

**12** Acre

**15** Alagoas

**18** Amapá

**21** Amazonas

**24** Bahia

**27** Ceará

**30** Distrito Federal

**33** Espírito Santo

**36** Goiás

**39** Maranhão

**42** Mato Grosso

**45** Mato Grosso do Sul

**48** Minas Gerais

**51** Pará

**54** Paraíba

**57** Paraná

**60** Pernambuco

**63** Piauí

**66** Rio de Janeiro

**69** Rio Grande do Norte

**72** Rio Grande do Sul

**75** Rondônia

**78** Roraima

**81** Santa Catarina

**84** São Paulo

**87** Sergipe

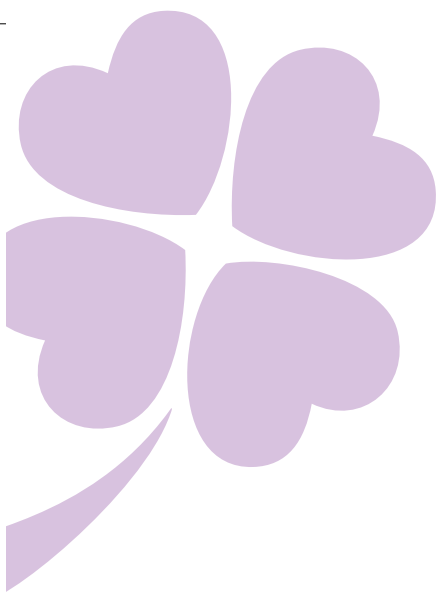
**90** Tocantins

**93 Considerações**

**94 Referências**







# apresentação

O documento **Hanseníase no Brasil: Caracterização das Incapacidades Físicas** apresenta informações sobre a situação das incapacidades físicas ocasionadas pela hanseníase no Brasil e Unidades da Federação (UF), de acordo com as informações oriundas do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan).

A hanseníase caracteriza-se como uma doença infecciosa crônica, com potencial de causar incapacidades físicas que podem acarretar vários problemas, como a limitação nas atividades da vida diária, diminuição da capacidade laboral, restrição à participação social, estigma e discriminação (BRASIL, 2019). Tais situações impactam diretamente na carga da doença.

O agravo permanece como importante problema de saúde pública, de relevância epidemiológica e social. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), em 2018 foram notificados 208.619 casos novos de hanseníase no mundo. Desses, 11.323 foram diagnosticados com grau de incapacidade física (GIF) 2 (OMS, 2019). No Brasil, dos 28.660 casos novos de hanseníase no ano, 2.109 foram diagnosticados com GIF 2, o que corresponde a 18,6% dos casos registrados com incapacidade no mundo, colocando o país na segunda posição em número de casos novos.

Esse cenário requer que a prática dos profissionais de saúde esteja voltada para a busca ativa, a investigação qualificada dos contatos e a orientação para o autocuidado, pois as principais estratégias para a prevenção de incapacidades físicas na hanseníase são o diagnóstico precoce e o tratamento oportuno dos casos, a fim de evitar as limitações funcionais decorrentes dos danos neurais.

Nesse sentido, o objetivo desta publicação é oferecer aos tomadores de decisão, sejam eles gestores, profissionais de saúde ou usuários, informações para subsidiar a análise da situação de saúde, prevenção e tratamento das incapacidades físicas relacionadas à hanseníase. O conjunto de informações que os indicadores apresentam é uma importante ferramenta que permite estimar a magnitude da incapacidade física, possibilitando o delineamento de ações estratégicas para a redução da carga da doença no país.





# métodos

Para a elaboração deste material, foram utilizadas as bases de dados nacionais do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan). Para o cálculo das taxas, utilizaram-se denominadores populacionais segundo Brasil, regiões e Unidades da Federação (UF), disponibilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), referentes ao período de 2009 a 2018.

Foi analisado o grau de incapacidade física, classificado em 0, 1 e 2, segundo as seguintes variáveis do Sinan: (1) faixa etária (menor de 15 anos, 15 a 29, 30 a 59 e 60 anos ou mais); (2) sexo (masculino, feminino e ignorado); (3) raça/cor da pele (branca, preta, amarela, parda, indígena e ignorado); (4) escolaridade (analfabeto, ensino fundamental incompleto, ensino fundamental completo e ensino médio incompleto, ensino médio completo e educação superior incompleta, educação superior completa, não se aplica e ignorado); (5) classificação operacional (paucibacilar, multibacilar e ignorado); e (6) modo de detecção (encaminhamento, demanda espontânea, exame de coletividade, exame de contatos, outros modos e ignorado).

Para a análise da variável escolaridade, as categorias do Sinan foram agregadas da seguinte maneira: analfabeto; ensino fundamental incompleto (1ª a 8ª série incompleta); ensino fundamental completo e ensino médio incompleto; ensino médio completo e educação superior incompleta; educação superior completa e não se aplica.

Foram utilizados os indicadores oficiais contidos nas “Diretrizes para vigilância, atenção e eliminação da hanseníase como problema de saúde pública”, conforme apresentados no Quadro 1 (BRASIL, 2016).

Foi utilizado mapa temático do Brasil para a análise da proporção de casos novos com GIF 2 no diagnóstico e da proporção de incremento ou declínio nos anos de 2009 e 2018, por UF de residência. O indicador proporção

de casos novos com GIF 2 no diagnóstico foi analisado também segundo o nível de atenção: primária, secundária e terciária, utilizando informações do Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde (CNES).

A magnitude da incapacidade física nos indivíduos que receberam alta por cura foi avaliada por meio do número de casos de hanseníase curados com grau 2 de incapacidade física entre os avaliados no momento da alta por cura, no período de 2009 a 2018.

Para o gerenciamento e processamento dos dados, utilizaram-se os programas *Microsoft Office Excel 2013*, *RStudio 3.6.1* e *TabWin* versão 3.6. Os mapas temáticos foram plotados utilizando o *software Quantum GIS (QGIS)*, versão 2.18.28.

**QUADRO 1. Indicadores epidemiológicos e operacionais de hanseníase**

Indicador	Construção	Parâmetros	Período de análise
Taxa de detecção anual de casos novos de hanseníase por 100 mil hab.	<p><b>Numerador:</b> Casos novos residentes no Brasil, região e estados, diagnosticados nos anos de 2009 a 2018.</p> <p><b>Denominador:</b> População total residente no mesmo local e ano.</p> <p><b>Fator de multiplicação:</b> 100 mil.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>■ Baixo: &lt;2,00/100.000 hab.</li> <li>■ Médio: 2,00 a 9,99/100.000 hab.</li> <li>■ Alto: 10,00 a 19,99/100.000 hab.</li> <li>■ Muito alto: 20,00 a 39,99/100.000 hab.</li> <li>■ Hiperendêmico: ≥40,00/100.000 hab.</li> </ul>	
Taxa de detecção anual de casos novos de hanseníase, na população de zero a 14 anos, por 100 mil hab.	<p><b>Numerador:</b> Casos novos em menores de 15 anos, residentes no Brasil, região e estados, diagnosticados nos anos de 2009 a 2018.</p> <p><b>Denominador:</b> População total residente no mesmo local e ano.</p> <p><b>Fator de multiplicação:</b> 100 mil.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>■ Baixo: &lt;0,50/100.000 hab.</li> <li>■ Médio: 0,50 a 2,49/100.000 hab.</li> <li>■ Alto: 2,50 a 4,99/100.000 hab.</li> <li>■ Muito alto: 5,00 a 9,99/100.000 hab.</li> <li>■ Hiperendêmico: ≥10,00/100.000 hab.</li> </ul>	
Taxa de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física no momento do diagnóstico por 1 milhão de hab.	<p><b>Numerador:</b> Casos novos com grau 2 de incapacidade física no diagnóstico, residentes no Brasil, região e estados, diagnosticados nos anos de 2009 a 2018.</p> <p><b>Denominador:</b> População total residente no mesmo local e ano.</p> <p><b>Fator de multiplicação:</b> 1 milhão.</p>	Não definido	
Proporção de casos novos de hanseníase com grau de incapacidade física avaliado no diagnóstico.	<p><b>Numerador:</b> Casos novos de hanseníase com o grau de incapacidade física avaliado no diagnóstico, residentes no Brasil, região e estados, diagnosticados nos anos de 2009 a 2018.</p> <p><b>Denominador:</b> Casos novos de hanseníase, residentes no mesmo local e diagnosticados no ano da avaliação.</p> <p><b>Fator de multiplicação:</b> 100.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>■ Bom: ≥90,0%</li> <li>■ Regular: 75,0% a 89,9%</li> <li>■ Precário: &lt;75,0%</li> </ul>	2009 a 2018
Proporção de casos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física no momento do diagnóstico entre os casos novos detectados e avaliados no ano.	<p><b>Numerador:</b> Casos novos com grau 2 de incapacidade física no diagnóstico, residentes no Brasil, região e estados, diagnosticados nos anos de 2009 a 2018.</p> <p><b>Denominador:</b> Casos novos com grau de incapacidade física avaliado, residentes no mesmo local e diagnosticados no ano da avaliação.</p> <p><b>Fator de multiplicação:</b> 100.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>■ Alto: ≥10,0%</li> <li>■ Médio: 5,0% a 9,9%</li> <li>■ Baixo: ≤5,0%</li> </ul>	
Casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física, diagnosticados por nível de atenção.	Casos novos diagnosticados com grau 2 de incapacidade física, por nível de atenção, residentes no Brasil, região e estados, diagnosticados nos anos de 2009 a 2018.	Não definido	
Proporção de casos novos de hanseníase com grau de incapacidade física avaliado na cura.	<p><b>Numerador:</b> Casos novos de hanseníase com o grau de incapacidade física avaliado na cura, residentes no Brasil, região e estados, diagnosticados nos anos de 2009 a 2018.</p> <p><b>Denominador:</b> Casos novos de hanseníase, residentes no mesmo local e curados no ano da avaliação.</p> <p><b>Fator de multiplicação:</b> 100.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>■ Bom: ≥90,0%</li> <li>■ Regular: 75,0% a 89,9%</li> <li>■ Precário: &lt;75,0%</li> </ul>	

Fonte: Coordenação Geral de Vigilância das Doenças em Eliminação – CGDE/DCCI/SVS-MS.





# Brasil

O grau de incapacidade física indica a existência de perda da sensibilidade protetora, força muscular e/ou deformidades visíveis em face, membros superiores e inferiores, com graduação que varia entre 0, 1 e 2, sendo o GIF 2 sinalizador do diagnóstico tardio (BRASIL, 2017). No período de 2009 a 2018, foram diagnosticados 311.384 casos novos de hanseníase. Desses, 85.217 (27,4%) foram detectados com incapacidade graus 1 e 2. O GIF 1 e 2 foi mais frequente na faixa etária de 30 a 59 anos, correspondendo a mais de 50% dos casos novos nessa faixa etária. O sexo masculino foi predominante em todos os indivíduos avaliados, com o GIF 2 representando 70,5% do total (Tabela 1).

Essa situação também se verificou quando analisada a variável raça/cor, sendo a maior frequência observada nos pardos, com mais de 50% dos casos avaliados. Quanto à escolaridade, houve maior predomínio de GIF 2 em indivíduos com ensino fundamental incompleto, responsáveis por 52% em relação a todos os níveis de escolaridade. No que se refere à classificação operacional, os casos multibacilares também foram predominantes, sendo a diferença mais acentuada nos casos com GIF 2, correspondendo a 92,7% dos casos. Em relação ao modo de detecção, o encaminhamento apresentou o maior percentual de GIF 2, com 53% (Tabela 1).

A análise das taxas de detecção de casos novos de hanseníase em menores de 15 anos e com GIF 2 no diagnóstico permite avaliar a situação da carga da hanseníase no país, uma vez que expressam a magnitude da epidemia (BRASIL, 2016).

O Brasil, no ano de 2018, apresentou endemicidade “alta” tanto na população de menores de 15 anos de idade quanto na população geral. Quando analisado o período de 2009 a 2018, a taxa de detecção geral passou de 19,64 para 13,70 casos por 100 mil habitantes, com uma redução de 30,2% (Figura 1). Esse declínio também foi observado na população de zero a 14 anos, em que a taxa de detecção passou de 5,43 para 3,75 casos por 100 mil habitantes, reduzindo-se 30,9% ao longo da série histórica (Figura 2). A taxa de casos novos de hanseníase com GIF 2 de incapacidade física apresentou oscilação ao longo do tempo, com redução de 20,8%; contudo, nos últimos dois anos, houve aumento da taxa, que passou de 9,39, em 2017, para 10,08 casos por 1 milhão de habitantes, em 2018 (Figura 3).

**TABELA 1. Caracterização dos casos novos de hanseníase segundo o grau de incapacidade física avaliado no diagnóstico. Brasil, 2009 a 2018**

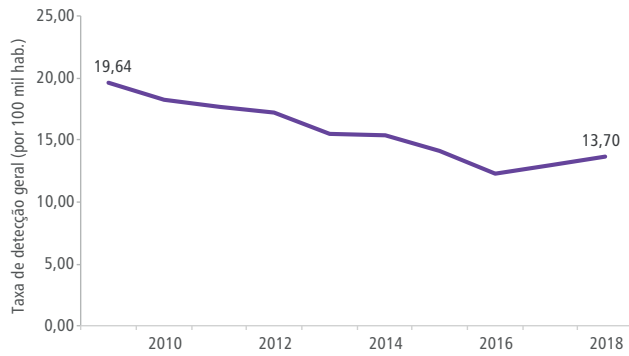
Variáveis	Grau 0*		Grau 1*		Grau 2*	
	n	%	n	%	n	%
	177.417	100	65.255	100	19.962	100
<b>Faixa etária</b>						
Menor de 15 anos	16.251	9,2	2.011	3,1	541	2,7
15-29	35.631	20,1	9.132	14,0	2.537	12,7
30-59	94.760	53,4	36.247	55,5	10.121	50,7
60 ou mais	30.775	17,3	17.865	27,4	6.763	33,9
<b>Sexo</b>						
Feminino	85.791	48,4	26.196	40,1	5.889	29,5
Masculino	91.616	51,6	39.055	59,8	14.073	70,5
Ignorado	10	0,0	4	0,0	0	0,0
<b>Raça/cor</b>						
Branca	46.764	26,4	19.068	29,2	5.801	29,1
Preta	22.037	12,4	8.549	13,1	2.796	14,0
Amarela	1.681	0,9	616	0,9	172	0,9
Parda	100.492	56,6	34.779	53,3	10.372	52,0
Indígena	669	0,4	299	0,5	81	0,4
Ignorado	5.774	3,3	1.944	3,0	740	3,7
<b>Escolaridade</b>						
Analfabeto	14.616	8,2	8.525	13,1	3.578	17,9
Ensino fundamental incompleto	86.751	48,9	33.888	51,9	10.381	52,0
Ensino fundamental completo e Ensino médio incompleto	24.323	13,7	7.669	11,8	1.959	9,8
Ensino médio completo e Educação superior incompleta	26.868	15,1	7.163	11,0	1.506	7,5
Educação superior completa	5.562	3,1	1.397	2,1	244	1,2
Não se aplica	2.207	1,2	142	0,2	18	0,1
Ignorado	17.090	9,6	6.471	9,9	2.276	11,4
<b>Classificação operacional</b>						
Paucibacilar	79.248	44,7	10.454	16,0	1.460	7,3
Multibacilar	98.159	55,3	54.793	84,0	18.502	92,7
Ignorado	10	0,0	8	0,0	0	0,0
<b>Modo de detecção</b>						
Encaminhamento	77.783	43,8	30.295	46,4	10.571	53,0
Demanda espontânea	75.764	42,7	26.489	40,6	7.297	36,6
Exame de coletividade	6.206	3,5	2.420	3,7	587	2,9
Exame de contatos	14.352	8,1	4.521	6,9	860	4,3
Outros modos	2.334	1,3	1.045	1,6	488	2,4
Ignorado	978	0,6	485	0,7	159	0,8

Fonte: Sinan/SVS-MS.

\*Grau de incapacidade física 0, 1 e 2.

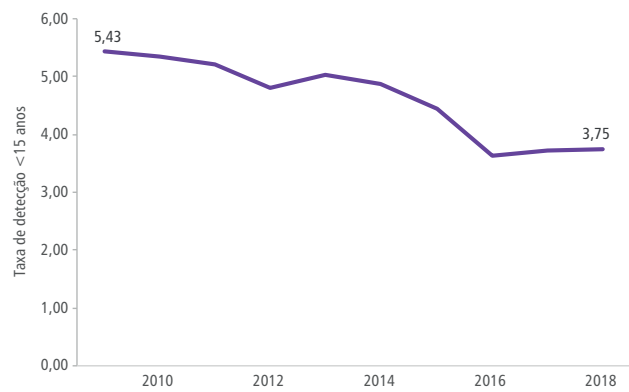


**FIGURA 1. Taxa de detecção geral de casos novos de hanseníase (por 100 mil hab.). Brasil, 2009 a 2018**



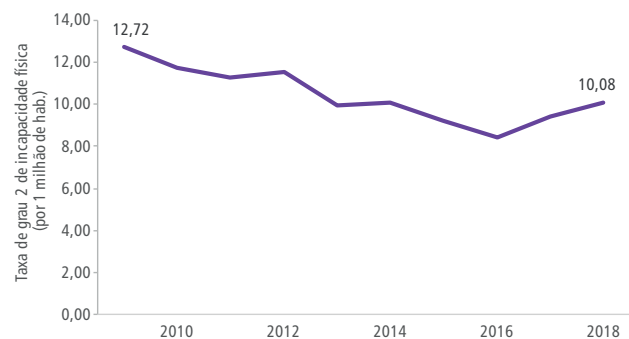
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 2. Taxa de detecção de casos novos de hanseníase em menores de 15 anos (por 100 mil hab.). Brasil, 2009 a 2018**



Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 3. Taxa de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física no momento do diagnóstico (por 1 milhão de hab.). Brasil, 2009 a 2018**



Fonte: Sinan/SVS-MS.

O percentual de pacientes diagnosticados com GIF 2 representa a efetividade dos serviços em realizar as atividades de detecção precoce de casos (BRASIL, 2016). A redução de casos diagnosticados com incapacidade física é prioridade para o Ministério da Saúde e constitui um indicador chave para a elaboração dos grupos epidemiológicos e operacionais da “Estratégia Nacional para Enfrentamento da Hanseníase 2019-2022”.

Estruturada em três pilares: fortalecimento da gestão do programa; enfrentamento da hanseníase e suas complicações; e promoção da inclusão social por meio do combate ao estigma e discriminação, a Estratégia Nacional foi elaborada em alinhamento à “Estratégia Global para Hanseníase 2016-2020” (OMS, 2016).

Na Figura 4, observa-se o mapa temático com o percentual de declínio ou incremento no indicador percentual de casos diagnosticados com GIF 2. Entre os anos de 2009 a 2018, foi observada redução em cinco Unidades da Federação; nas demais, verificou-se aumento. O Distrito Federal apresentou a maior redução, com 36,6%, e o Rio Grande do Sul foi o estado que mostrou o maior incremento, com 203,3%.

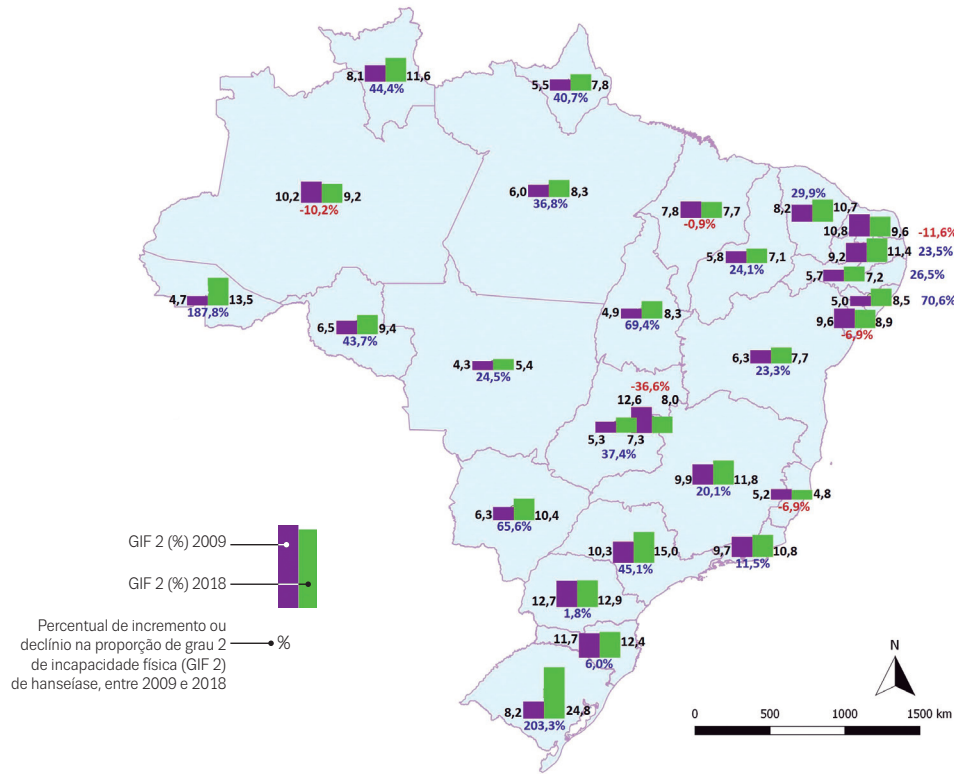
Ao longo do período, o país manteve-se no parâmetro “regular” para a avaliação do grau de incapacidade física no momento do diagnóstico. No que se refere ao percentual de GIF 2, esse indicador oscilou entre 6,6%, em 2014, e 8,5%, em 2018, apresentando classificação “média”, segundo os parâmetros oficiais, conforme apresentado na Figura 5.

Dos casos novos diagnosticados por nível de atenção, o maior percentual de GIF 2 foi observado na atenção terciária, com tendência crescente. Em 2009, 8,9% dos casos foram diagnosticados nesse nível de atenção e, em 2018, 12,6% (Figura 6).

A avaliação do GIF na cura foi considerada “precária” em todo período da análise, com o menor percentual observado no ano de 2015 (66,7%) (Figura 7). Desse universo, 57.312 indivíduos receberam alta com alguma incapacidade física, sendo 15.021 (26,2%) com GIF 2 (Figura 8). Esse cumulativo representa o universo de indivíduos que receberam alta do tratamento poliquimioterápico, mas que, em virtude da incapacidade, necessitam de acompanhamento, demandando cuidado nos diferentes níveis de atenção.

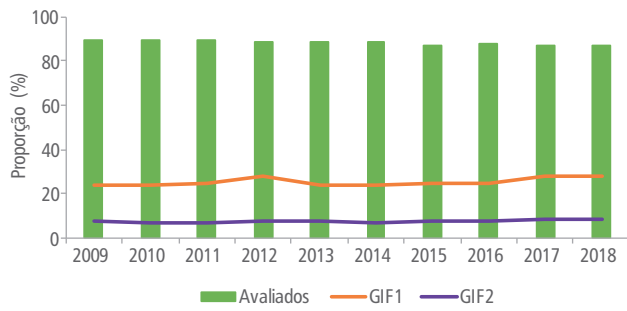


**FIGURA 4.** Proporção de casos novos com grau 2 de incapacidade física no momento do diagnóstico. Brasil, 2009 a 2018



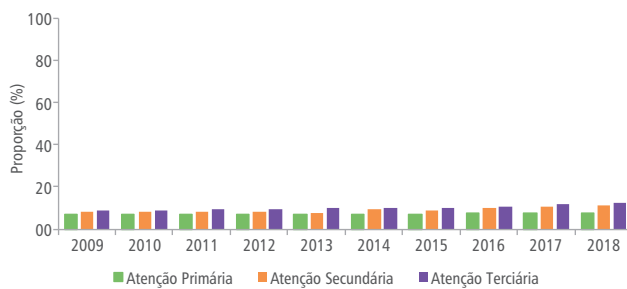
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 5.** Proporção de casos novos de hanseníase com grau de incapacidade física avaliado e graus 1 e 2 de incapacidade física no momento do diagnóstico. Brasil, 2009 a 2018



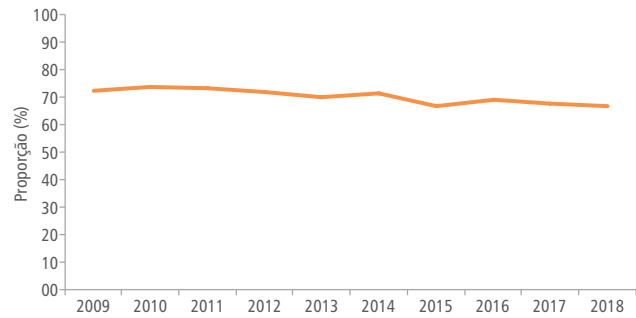
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 6.** Proporção de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física no momento do diagnóstico segundo nível de atenção. Brasil, 2009 a 2018



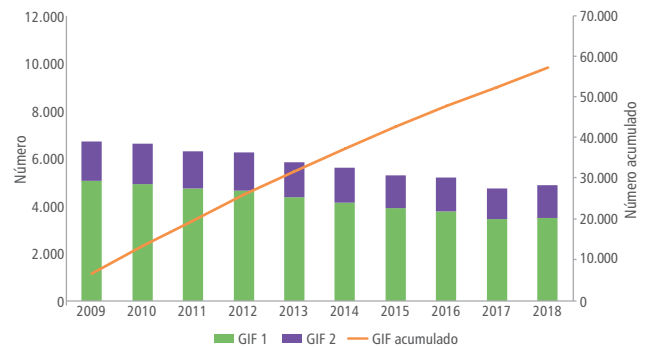
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 7.** Proporção de casos de hanseníase avaliados quanto ao grau de incapacidade física na cura. Brasil, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 8.** Número de casos de hanseníase com grau de incapacidade física na cura. Brasil, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.





# Acre

No período de 2009 a 2018, foram diagnosticados 1.701 casos novos de hanseníase no estado do Acre. Desses, 331 (19,5%) foram diagnosticados com incapacidade graus 1 e 2. O GIF 1 e 2 foi mais frequente na faixa etária de 30 a 59 anos, respondendo por mais de 48% dos casos. O sexo masculino foi predominante nos indivíduos avaliados com GIF 1 e 2, sendo o grau 2 correspondente a 92,4% do total de avaliados (Tabela 2).

Essa situação também se verificou quando analisada a variável raça/cor, sendo a maior frequência observada nos pardos, com mais de 86% dos casos avaliados. Quanto à escolaridade, houve maior predomínio de GIF 2 em indivíduos com ensino fundamental incompleto, com 55,7%. Em relação à classificação operacional, os casos multibacilares também foram predominantes em todas as categorias do GIF, sendo a diferença mais acentuada nos casos com GIF 2, correspondendo a 97,4% dos casos. No que se refere ao modo de detecção, o encaminhamento apresentou o maior percentual de grau 2, com 44,3% (Tabela 2).

O estado do Acre, no ano de 2018, apresentou endemicidade “alta” tanto na população de menores de 15 anos de idade quanto na população geral. Quando analisado o período de 2009 a 2018, a taxa de detecção geral passou de 37,76, em 2009, para 15,79 casos novos por 100 mil habitantes, em 2018, com declínio de 58,2% (Figura 9). Essa redução também foi observada na população de zero a 14 anos, em que a taxa de detecção passou de 9,04 para 4,63 casos novos por 100 mil habitantes no mesmo período, com redução de 48,8% (Figura 10).

A taxa de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física apresentou importante oscilação ao longo do tempo, com o menor registro em 2016, representando uma taxa de 2,45, e o maior em 2018, com 20,18 casos por 1 milhão de habitantes. Durante o período, o incremento no indicador foi de 16,2% (Figura 11). O comportamento das taxas de detecção geral e em menores de 15 anos analisadas na UF assemelha-se ao observado no Brasil e na região Norte; entretanto, a taxa do GIF 2 diferenciou-se em relação ao país.

**TABELA 2. Caracterização dos casos novos de hanseníase segundo o grau de incapacidade física avaliado no diagnóstico. Acre, 2009 a 2018**

Variáveis	Grau 0*		Grau 1*		Grau 2*	
	n	%	n	%	n	%
	1223	100	252	100	79	100
<b>Faixa etária</b>						
Menor de 15 anos	134	11,0	12	4,8	6	7,6
15-29	367	30,0	51	20,2	15	19,0
30-59	609	49,8	142	56,3	38	48,1
60 ou mais	113	9,2	47	18,7	20	25,3
<b>Sexo</b>						
Feminino	490	40,1	68	27,0	6	7,6
Masculino	733	59,9	184	73,0	73	92,4
Ignorado	-	-	-	-	-	-
<b>Raça/cor</b>						
Branca	98	8,0	26	10,3	8	10,1
Preta	12	1,0	5	2,0	3	3,8
Amarela	6	0,5	0	0,0	0	0,0
Parda	1.094	89,5	218	86,5	68	86,1
Indígena	6	0,5	3	1,2	0	0,0
Ignorado	7	0,6	0	0,0	0	0,0
<b>Escolaridade</b>						
Analfabeto	161	13,2	63	25,0	22	27,8
Ensino fundamental incompleto	672	54,9	132	52,4	44	55,7
Ensino fundamental completo e Ensino médio incompleto	193	15,8	25	9,9	6	7,6
Ensino médio completo e Educação superior incompleta	134	11,0	19	7,5	5	6,3
Educação superior completa	29	2,4	2	0,8	1	1,3
Não se aplica	7	0,6	1	0,4	0	0,0
Ignorado	27	2,2	10	4,0	1	1,3
<b>Classificação operacional</b>						
Paucibacilar	388	31,7	22	8,7	2	2,5
Multibacilar	835	68,3	230	91,3	77	97,5
Ignorado	-	-	-	-	-	-
<b>Modo de detecção</b>						
Encaminhamento	365	29,8	85	33,7	35	44,3
Demanda espontânea	292	23,9	87	34,5	24	30,4
Exame de coletividade	94	7,7	15	6,0	2	2,5
Exame de contatos	471	38,5	65	25,8	18	22,8
Outros modos	-	-	-	-	-	-
Ignorado	1	0,1	0	0,0	0	0,0

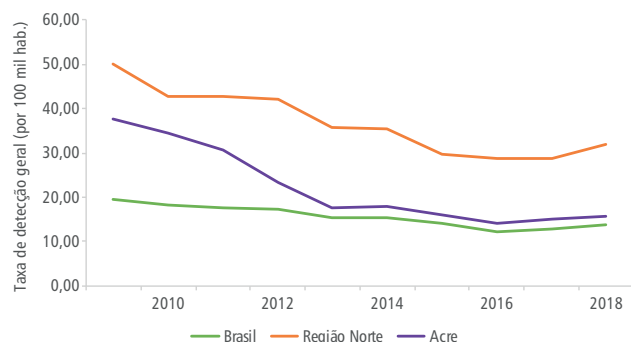
Fonte: Sinan/SVS-MS.

\*Grau de incapacidade física 0, 1 e 2.



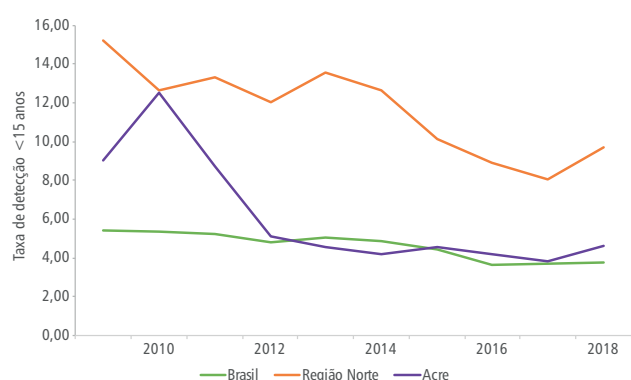


**FIGURA 9. Taxa de detecção geral de casos novos de hanseníase (por 100 mil hab.). Acre, região Norte e Brasil, 2009 a 2018**



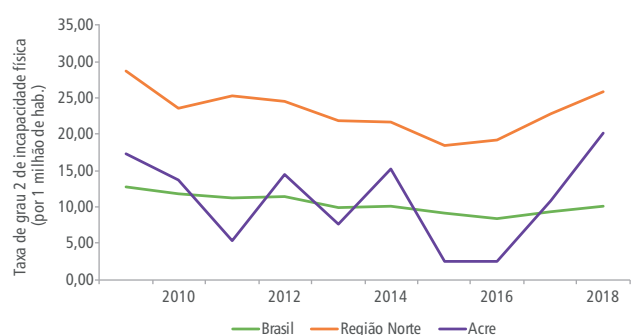
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 10. Taxa de detecção de casos novos em menores de 15 anos (por 100 mil hab.). Acre, região Norte e Brasil, 2009 a 2018**



Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 11. Taxa de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física (por 1 milhão de hab.). Acre, região Norte e Brasil, 2009 a 2018**



Fonte: Sinan/SVS-MS.

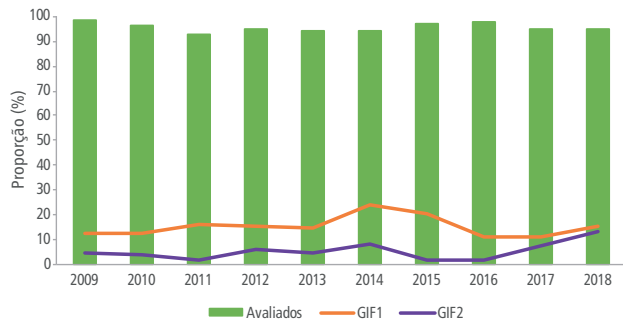
O Acre manteve-se no parâmetro “bom” para a avaliação do grau de incapacidade física no momento do diagnóstico. No que se refere ao GIF 2, esse indicador obteve o menor percentual em 2015, com 1,6%, e o maior em 2018, com 13,5%, apresentando classificação “baixa” e “alta”, respectivamente, segundo os parâmetros oficiais (Figura 12).

Analisando a proporção de casos novos com GIF 2 segundo nível de atenção, o maior percentual variou entre os três níveis de atenção. Os maiores percentuais ao longo da série ocorreram na atenção primária e secundária, no ano de 2018, com 15,5% e 13,7%, respectivamente, e na atenção terciária em 2009, com 11,6% (Figura 13).

A avaliação do GIF na cura foi considerada “precária” na maioria dos anos analisados, apresentando o menor percentual observado em 2015 (Figura 14). Entre os anos de 2009 e 2018, observa-se oscilação na frequência de casos que receberam alta por cura com incapacidade física. Em 2009, houve o maior quantitativo de GIF 1 e GIF 2 na alta, com 29 e 24 casos, respectivamente (Figura 15). No período da análise, 274 indivíduos receberam alta do tratamento com alguma incapacidade física; destes, 88 (32,1%) foram avaliados com GIF 2.

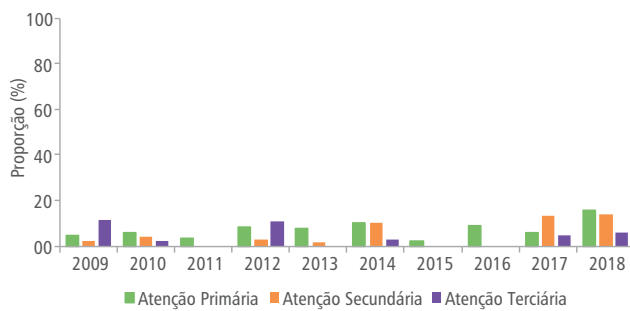


**FIGURA 12.** Proporção de casos novos de hanseníase avaliados quanto ao grau de incapacidade física, graus 1 e 2 no momento diagnóstico. Acre, 2009 a 2018



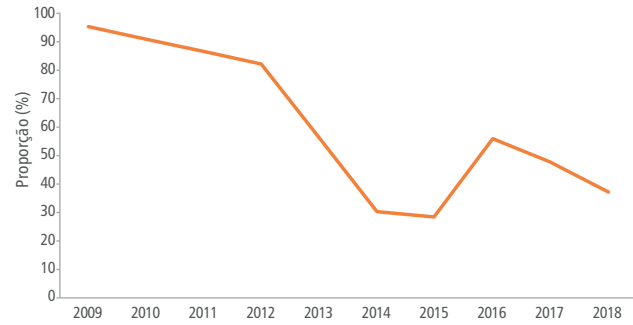
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 13.** Proporção de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física no diagnóstico segundo nível de atenção. Acre, 2009 a 2018



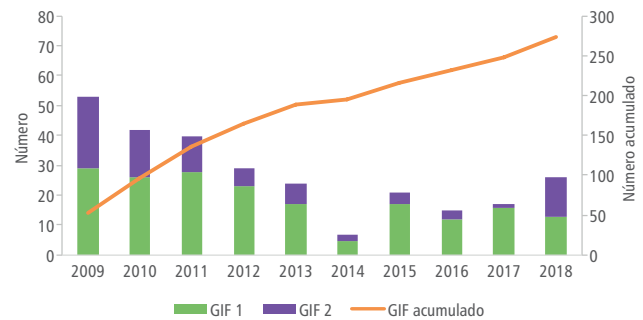
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 14.** Proporção de casos de hanseníase avaliados quanto ao grau de incapacidade física na cura. Acre, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 15.** Número de casos de hanseníase avaliados quanto ao grau de incapacidade física na cura. Acre, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.



# Alagoas

No período de 2009 a 2018, foram diagnosticados 3.621 casos novos de hanseníase no estado de Alagoas. Desses, 970 (26,8%) foram diagnosticados com incapacidade graus 1 e 2. O GIF 1 e 2 foi mais frequente na faixa etária de 30 a 59 anos, respondendo por mais de 50% dos casos. O sexo masculino foi predominante nos indivíduos avaliados com GIF 1 e 2, sendo o grau 2 correspondente a 66,8% do total de avaliados (Tabela 3).

Essa situação também se verificou quando analisada a variável raça/cor, sendo a maior frequência observada nos pardos, com mais de 60% dos casos avaliados. Quanto à escolaridade, houve maior predomínio de GIF 2 em indivíduos com ensino fundamental incompleto, com 52,5%. Em relação à classificação operacional, os casos multibacilares também foram predominantes em todas as categorias do GIF, sendo a diferença mais acentuada nos casos com GIF 2, correspondendo a 92,2% dos casos. No que se refere ao modo de detecção, o encaminhamento apresentou o maior percentual de GIF 2, com 69,4% (Tabela 3).

Em 2018, o estado de Alagoas apresentou endemicidade “alta” tanto na população de menores de 15 anos de idade quanto na população geral. Quando analisado o período de 2009 a 2018, a taxa de detecção geral passou de 12,86 para 10,53 casos por 100 mil habitantes, com redução de 18,1% (Figura 16). Em relação à taxa de detecção anual de casos novos de hanseníase na população de zero a 14 anos, foi observado um aumento de 46,1% na taxa, que passou de 2,15 para 3,14 casos por 100 mil habitantes (Figura 17).

A taxa de casos novos de hanseníase com GIF 2 de incapacidade física apresentou importante oscilação ao longo do tempo, com o menor registro em 2014, representando uma taxa de 4,21, e o maior em 2012, com 12,32 casos por 1 milhão de habitantes. Durante o período, o incremento no indicador foi de 36,7% (Figura 18). O comportamento da taxa de detecção geral analisada na UF acompanha o observado no país e na região Nordeste; entretanto, as taxas referentes aos menores de 15 anos e ao GIF 2 foram diferentes.

**TABELA 3. Caracterização dos casos novos de hanseníase segundo o grau de incapacidade física avaliado no diagnóstico. Alagoas, 2009 a 2018**

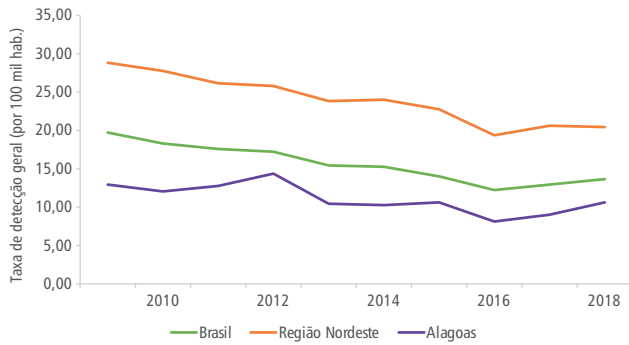
Variáveis	Grau 0*		Grau 1*		Grau 2*	
	n	%	n	%	n	%
	1.745	100	738	100	232	100
<b>Faixa etária</b>						
Menor de 15 anos	157	9,0	24	3,3	5	2,2
15-29	403	23,1	122	16,5	41	17,7
30-59	921	52,8	398	53,9	129	55,6
60 ou mais	264	15,1	194	26,3	57	24,6
<b>Sexo</b>						
Feminino	993	56,9	339	45,9	77	33,2
Masculino	751	43,0	399	54,1	155	66,8
Ignorado	1	0,1	0	0,0	0	0,0
<b>Raça/cor</b>						
Branca	323	18,5	126	17,1	44	19,0
Preta	235	13,5	102	13,8	33	14,2
Amarela	16	0,9	5	0,7	1	0,4
Parda	1.131	64,8	488	66,1	150	64,7
Indígena	7	0,4	7	0,9	1	0,4
Ignorado	33	1,9	10	1,4	3	1,3
<b>Escolaridade</b>						
Analfabeto	257	14,7	186	25,2	78	33,6
Ensino fundamental incompleto	856	49,1	360	48,8	122	52,6
Ensino fundamental completo e Ensino médio incompleto	213	12,2	62	8,4	10	4,3
Ensino médio completo e Educação superior incompleta	246	14,1	78	10,6	12	5,2
Educação superior completa	45	2,6	14	1,9	2	0,9
Não se aplica	22	1,3	0	0,0	0	0,0
Ignorado	106	6,1	38	5,1	8	3,4
<b>Classificação operacional</b>						
Paucibacilar	1.012	58,0	206	27,9	18	7,8
Multibacilar	733	42,0	532	72,1	214	92,2
Ignorado	-	-	-	-	-	-
<b>Modo de detecção</b>						
Encaminhamento	931	53,4	427	57,9	161	69,4
Demanda espontânea	603	34,6	253	34,3	58	25,0
Exame de coletividade	64	3,7	24	3,3	6	2,6
Exame de contatos	116	6,6	24	3,3	4	1,7
Outros modos	20	1,1	6	0,8	2	0,9
Ignorado	11	0,6	4	0,5	1	0,4

Fonte: Sinan/SVS-MS.

\*Grau de incapacidade física 0, 1 e 2.

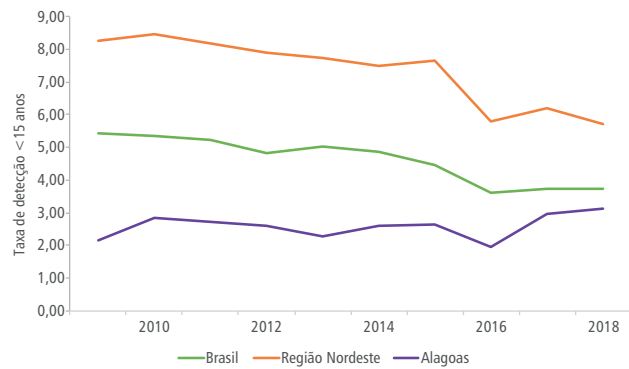


**FIGURA 16.** Taxa de detecção geral de casos novos de hanseníase (por 100 mil hab.). Alagoas, região Nordeste e Brasil, 2009 a 2018



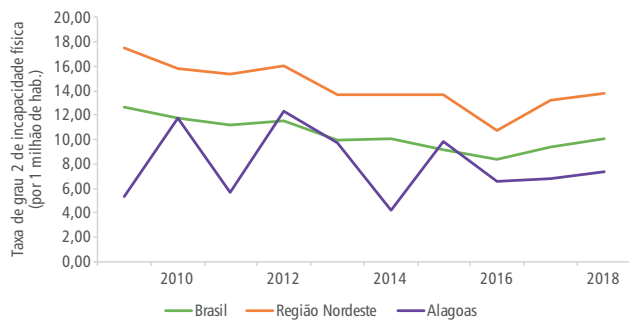
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 17.** Taxa de detecção de casos novos em menores de 15 anos (por 100 mil hab.). Alagoas, região Nordeste e Brasil, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 18.** Taxa de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física (por 1 milhão de hab.). Alagoas, região Nordeste e Brasil, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.

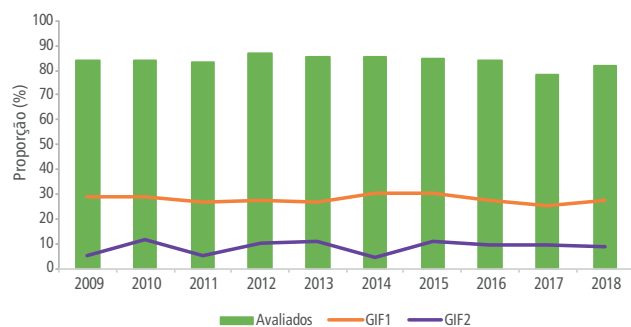
Ao longo do período, Alagoas manteve-se no parâmetro “regular” para a avaliação do grau de incapacidade física no momento do diagnóstico. No que se refere ao GIF 2, esse indicador oscilou entre 11,5% em 2010, como o maior percentual, e 4,1% em 2014, como o menor, apresentando classificação “alta” e “média”, respectivamente, segundo os parâmetros oficiais (Figura 19).

Na análise da proporção de casos novos com GIF 2 segundo nível de atenção, observa-se o maior percentual na atenção secundária. Nos anos de 2017 e 2018, esse percentual foi de 15,5% e 11,5%, respectivamente (Figura 20).

A avaliação do GIF na cura foi considerada “precária” em todo período, com o menor percentual observado em 2016 (Figura 21). Entre os anos de 2009 e 2018, observa-se oscilação na frequência de casos que receberam alta por cura com incapacidade. O ano de 2011 apresentou o maior quantitativo de GIF 1 na alta, com 75 casos, e 2013 teve maior frequência de GIF 2, 32 casos (Figura 22). No período da análise, 690 indivíduos receberam alta do tratamento com alguma incapacidade física; destes, 171 (24,8%) foram avaliados com GIF 2.

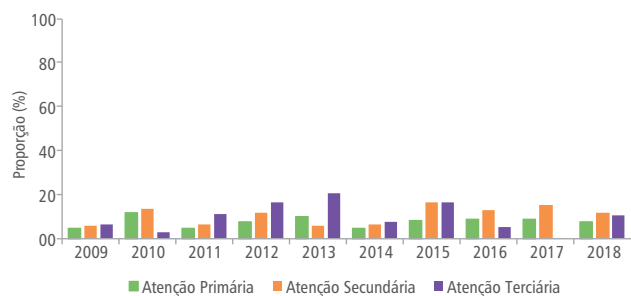


**FIGURA 19.** Proporção de casos novos de hanseníase avaliados quanto ao grau de incapacidade física, graus 1 e 2 no momento do diagnóstico. Alagoas, 2009 a 2018



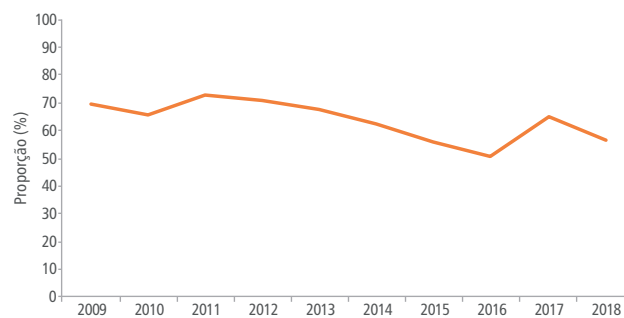
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 20.** Proporção de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física no momento do diagnóstico segundo nível de atenção. Alagoas, 2009 a 2018



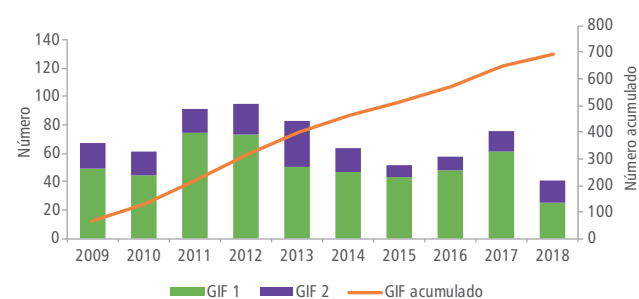
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 21.** Proporção de casos de hanseníase avaliados quanto ao grau de incapacidade física na cura. Alagoas, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 22.** Número de casos de hanseníase avaliados quanto ao grau de incapacidade física na cura. Alagoas, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.



# Amapá

No período de 2009 a 2018, foram diagnosticados 1.321 casos novos de hanseníase no estado do Amapá. Desses, 335 (25,4%) foram diagnosticados com incapacidade graus 1 e 2. O GIF 1 e 2 foi mais frequente na faixa etária de 30 a 59 anos, respondendo por mais de 50% dos casos. O sexo masculino foi predominante nos indivíduos avaliados com GIF 0, 1 e 2, sendo o grau 2 correspondente a 76,1% do total de avaliados (Tabela 4).

Essa situação também se verificou quando analisada a variável raça/cor, sendo a maior frequência observada nos pardos, com mais de 70% dos casos avaliados. Quanto à escolaridade, houve maior predomínio de GIF 2 em indivíduos com ensino fundamental incompleto, com 45,4%. Em relação à classificação operacional, os casos multibacilares também foram predominantes em todas as categorias do GIF, sendo a diferença mais acentuada nos casos com GIF 1, correspondendo a 81,7% dos casos. No que se refere ao modo de detecção, o encaminhamento apresentou o maior percentual de grau 2, com 55,7% (Tabela 4).

O estado do Amapá, no ano de 2018, apresentou endemicidade “alta” tanto na população de menores de 15 anos de idade quanto na população geral. Quando analisado o período de 2009 a 2018, a taxa de detecção geral passou de 30,32 para 13,41 casos por 100 mil habitantes, com redução de 55,8% (Figura 23). Essa redução também foi observada na taxa de detecção anual de casos novos de hanseníase na população de zero a 14 anos, que passou de 8,18 para 2,87 casos por 100 mil habitantes, com redução de 64,9% (Figura 24).

A taxa de casos novos de hanseníase com GIF 2 apresentou importante oscilação ao longo do tempo, com o menor registro em 2014, representando uma taxa de 6,66, e o maior em 2015, com 22,17 casos por 1 milhão de habitantes. Durante o período, a redução no indicador foi de 31,5% (Figura 25). O comportamento das três taxas analisadas no estado assemelha-se ao observado no país e na região Norte.

**TABELA 4. Caracterização dos casos novos de hanseníase segundo o grau de incapacidade física avaliado no diagnóstico. Amapá, 2009 a 2018**

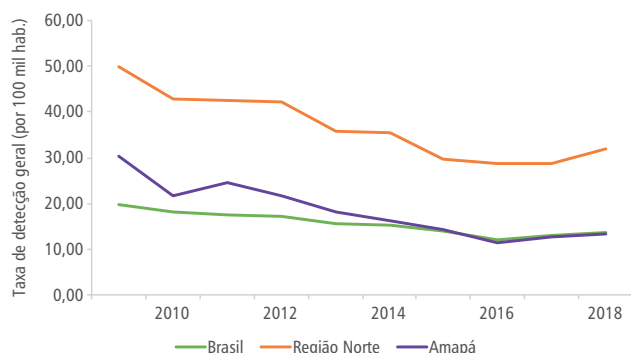
Variáveis	Grau 0*		Grau 1*		Grau 2*	
	n	%	n	%	n	%
	860	100	247	100	88	100
<b>Faixa etária</b>						
Menor de 15 anos	92	10,7	5	2,0	6	6,8
15-29	258	30,0	55	22,3	18	20,5
30-59	429	49,9	122	49,4	45	51,1
60 ou mais	81	9,4	65	26,3	19	21,6
<b>Sexo</b>						
Feminino	358	41,6	72	29,1	21	23,9
Masculino	502	58,4	175	70,9	67	76,1
Ignorado	-	-	-	-	-	-
<b>Raça/cor</b>						
Branca	96	11,2	28	11,3	13	14,8
Preta	87	10,1	31	12,6	5	5,7
Amarela	-	-	-	-	-	-
Parda	671	78,0	188	76,1	70	79,5
Indígena	-	-	-	-	-	-
Ignorado	6	0,7	0	0,0	0	0,0
<b>Escolaridade</b>						
Analfabeto	66	7,7	39	15,8	14	15,9
Ensino fundamental incompleto	336	39,1	113	45,7	40	45,5
Ensino fundamental completo e Ensino médio incompleto	141	16,4	48	19,4	12	13,6
Ensino médio completo e Educação superior incompleta	209	24,3	26	10,5	12	13,6
Educação superior completa	40	4,7	3	1,2	1	1,1
Não se aplica	12	1,4	0	0,0	0	0,0
Ignorado	56	6,5	18	7,3	9	10,2
<b>Classificação operacional</b>						
Paucibacilar	406	47,2	45	18,2	18	20,5
Multibacilar	454	52,8	202	81,8	70	79,5
Ignorado	-	-	-	-	-	-
<b>Modo de detecção</b>						
Encaminhamento	393	45,7	119	48,2	49	55,7
Demanda espontânea	319	37,1	102	41,3	30	34,1
Exame de coletividade	38	4,4	6	2,4	2	2,3
Exame de contatos	105	12,2	15	6,1	5	5,7
Outros modos	1	0,1	4	1,6	2	2,3
Ignorado	4	0,5	1	0,4	0	0,0

Fonte: Sinan/SVS-MS.

\*Grau de incapacidade física 0, 1 e 2.

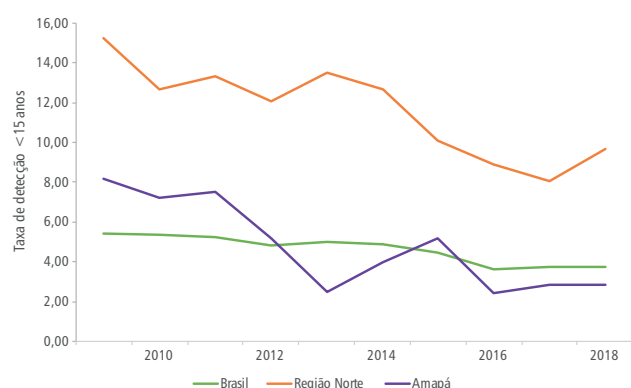


**FIGURA 23.** Taxa de detecção geral de casos novos de hanseníase (por 100 mil hab.). Amapá, região Norte e Brasil, 2009 a 2018



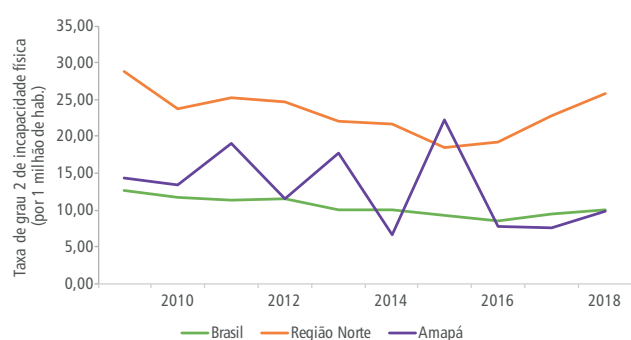
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 24.** Taxa de detecção de casos novos de hanseníase em menores de 15 anos (por 100 mil hab.). Amapá, região Norte e Brasil, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 25.** Taxa de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física no momento do diagnóstico (por 1 milhão de hab.). Amapá, região Norte e Brasil, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.

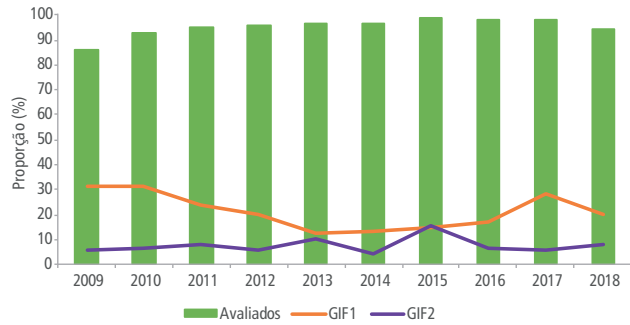
Ao longo do período, o Amapá manteve-se no parâmetro “regular” para a avaliação do grau de incapacidade física no momento do diagnóstico. No que se refere ao GIF 2, esse indicador oscilou entre 4,1% em 2014 e 15,7% em 2015, sendo estes o menor e o maior percentuais, respectivamente (Figura 26).

Analisando a proporção de casos novos com GIF 2 segundo nível de atenção, observa-se uma variação entre os três níveis de atenção. Os maiores percentuais ao longo da série foram observados, na atenção primária, em 2018, com 25%; na atenção secundária, em 2015, com 17,8%; e na atenção terciária, em 2013, com 100% (Figura 27).

A avaliação do GIF na cura foi considerada “regular” na maior parte do período, com o menor percentual observado no ano de 2009 (Figura 28). Entre os anos de 2009 e 2018, observa-se oscilação na frequência de casos que receberam alta por cura com incapacidade. Em 2009, houve maior quantitativo de GIF 1 na alta, com 31 casos, e em 2012, a maior frequência de GIF 2, com 10 casos (Figura 29). No período da análise, 195 indivíduos receberam alta do tratamento com alguma incapacidade física; destes, 54 (27,7%) foram avaliados com GIF 2.

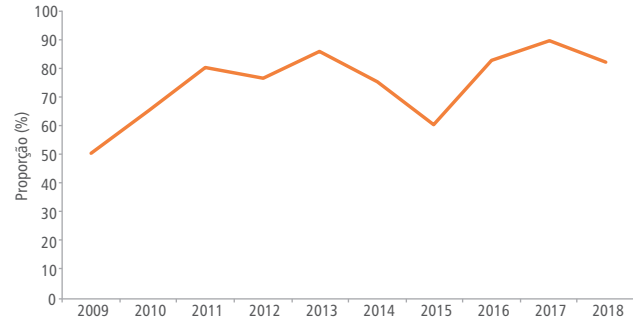


**FIGURA 26.** Proporção de casos novos de hanseníase quanto ao grau de incapacidade física, graus 1 e 2 no momento do diagnóstico. Amapá, 2009 a 2018



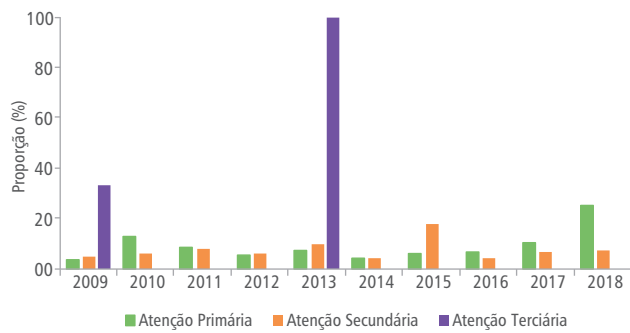
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 28.** Proporção de casos de hanseníase avaliados quanto ao grau de incapacidade física na cura. Amapá, 2009 a 2018



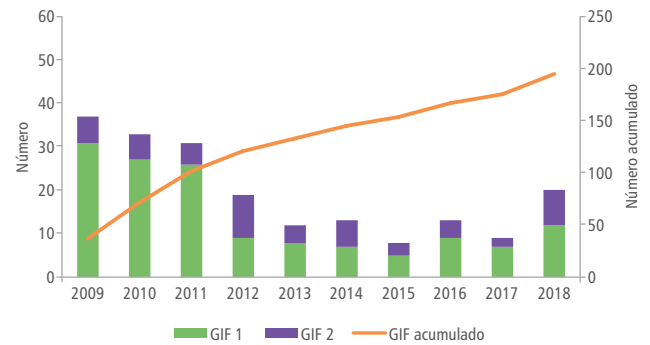
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 27.** Proporção de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física no momento do diagnóstico segundo nível de atenção. Amapá, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 29.** Número de casos de hanseníase avaliados quanto ao grau de incapacidade física na cura. Amapá, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.





# Amazonas

No período de 2009 a 2018, foram diagnosticados 5.773 casos novos de hanseníase no estado do Amazonas. Desses, 1.744 (30,2%) foram diagnosticados com incapacidade física graus 1 e 2. O GIF 1 e 2 foi mais frequente na faixa etária de 30 a 59 anos, respondendo por mais de 50% dos casos. O sexo masculino foi predominante nos indivíduos avaliados com GIF 0, 1 e 2, sendo o grau 2 correspondente a 82,4% do total (Tabela 5).

Essa situação também se verificou quando analisada a variável raça/cor, sendo a maior frequência observada nos pardos, com mais de 70% dos casos. Quanto à escolaridade, houve maior predomínio de GIF 2 em indivíduos com ensino fundamental incompleto, com 53% dos casos. Em relação à classificação operacional, os casos multibacilares também foram predominantes em todas as categorias do GIF, sendo a diferença mais acentuada nos casos com GIF 2, correspondendo a 89,6% dos casos. No que se refere ao modo de detecção, a demanda espontânea apresentou o maior percentual de grau 2, com 56,2% (Tabela 5).

O estado do Amazonas, no ano de 2018, apresentou endemicidade “alta” tanto na população de menores de 15 anos de idade quanto na população geral. Quando analisado o período de 2009 a 2018, a taxa de detecção geral passou de 21,54 para 10,31 casos por 100 mil habitantes, com redução 52,1% (Figura 30). Esse declínio também foi observado na taxa de detecção anual de casos novos de hanseníase na população de zero a 14 anos, que passou de 6,02 para 4,19 casos por 100 mil habitantes, com decréscimo de 30,4% (Figura 31).

A taxa de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física apresentou oscilação ao longo do tempo; em 2009, a taxa foi de 20,33, e em 2018, de 8,97 casos por 1 milhão de habitantes, com declínio de 55,9% (Figura 32). O comportamento das taxas de detecção geral e em menores de 15 anos analisadas na UF acompanha o observado no país e na região; no entanto, a taxa do GIF 2, na região Norte, apresentou aumento em relação aos anos da análise.

**TABELA 5. Caracterização dos casos novos de hanseníase segundo o grau de incapacidade física avaliado no diagnóstico. Amazonas, 2009 a 2018**

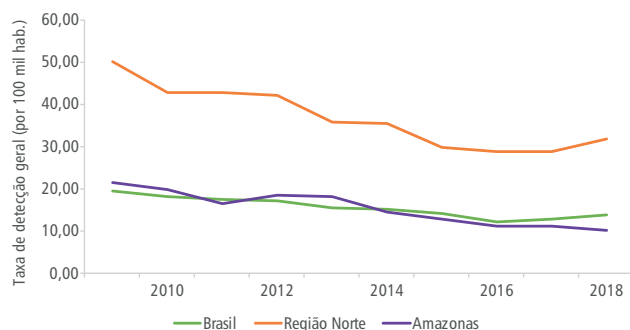
Variáveis	Grau 0*		Grau 1*		Grau 2*	
	n	%	n	%	n	%
	3.324	100	1.244	100	500	100
<b>Faixa etária</b>						
Menor de 15 anos	417	12,5	54	4,3	23	4,6
15-29	1.022	30,7	274	22,0	76	15,2
30-59	1.576	47,4	669	53,8	270	54,0
60 ou mais	309	9,3	247	19,9	131	26,2
<b>Sexo</b>						
Feminino	1.453	43,7	404	32,5	88	17,6
Masculino	1.871	56,3	840	67,5	412	82,4
Ignorado	-	-	-	-	-	-
<b>Raça/cor</b>						
Branca	337	10,1	154	12,4	55	11,0
Preta	207	6,2	79	6,4	38	7,6
Amarela	26	0,8	12	1,0	6	1,2
Parda	2.610	78,5	926	74,4	382	76,4
Indígena	90	2,7	41	3,3	8	1,6
Ignorado	54	1,6	32	2,6	11	2,2
<b>Escolaridade</b>						
Analfabeto	200	6,0	140	11,3	94	18,8
Ensino fundamental incompleto	1.687	50,8	675	54,3	265	53,0
Ensino fundamental completo e Ensino médio incompleto	486	14,6	147	11,8	39	7,8
Ensino médio completo e Educação superior incompleta	608	18,3	160	12,9	50	10,0
Educação superior completa	97	2,9	21	1,7	10	2,0
Não se aplica	37	1,1	2	0,2	1	0,2
Ignorado	-	-	-	-	-	-
<b>Classificação operacional</b>						
Paucibacilar	1.799	54,1	309	24,8	52	10,4
Multibacilar	1.524	45,8	935	75,2	448	89,6
Ignorado	1	0,0	0	0,0	0	0,0
<b>Modo de detecção</b>						
Encaminhamento	798	24,0	354	28,5	156	31,2
Demanda espontânea	1.935	58,2	737	59,2	281	56,2
Exame de coletividade	270	8,1	60	4,8	27	5,4
Exame de contatos	273	8,2	69	5,5	15	3,0
Outros modos	18	0,5	11	0,9	8	1,6
Ignorado	30	0,9	13	1,0	13	2,6

Fonte: Sinan/SVS-MS.

\*Grau de incapacidade física 0, 1 e 2.

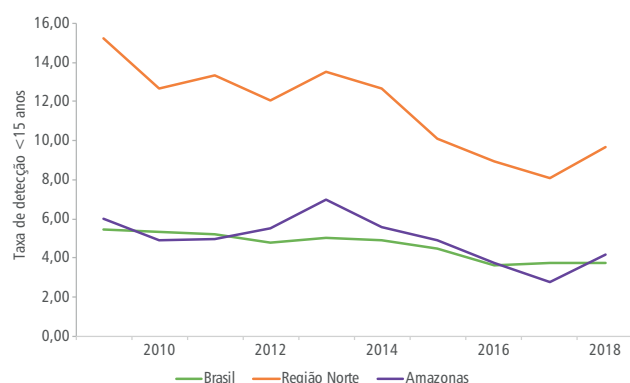


**FIGURA 30. Taxa de detecção geral de casos novos de hanseníase (por 100 mil hab.). Amazonas, região Norte e Brasil, 2009 a 2018**



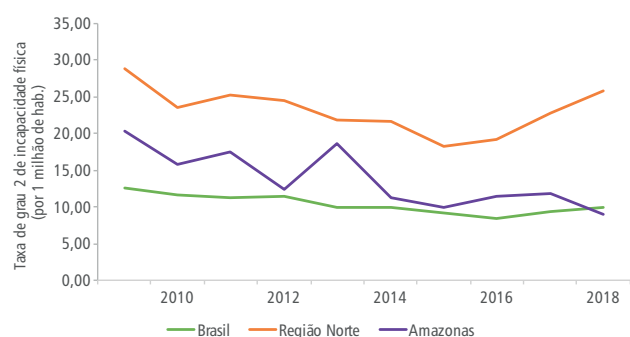
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 31. Taxa de detecção de casos novos de hanseníase em menores de 15 anos (por 100 mil hab.). Amazonas, região Norte e Brasil, 2009 a 2018**



Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 32. Taxa de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física no momento do diagnóstico (por 1 milhão de hab.). Amazonas, região Norte e Brasil, 2009 a 2018**



Fonte: Sinan/SVS-MS.

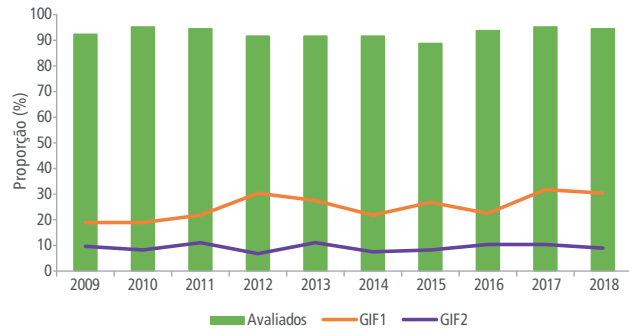
Em relação à avaliação do grau de incapacidade física no momento do diagnóstico, o estado do Amazonas apresentou parâmetro "regular" apenas no ano de 2015; nos demais anos da série, manteve o parâmetro "bom". No que se refere ao GIF 2, esse indicador oscilou entre 11,2% em 2011, com parâmetro "alto", e 7,7% em 2014 e 9,2% em 2018, com classificação "média", segundo os parâmetros oficiais (Figura 33).

Na análise da proporção de casos novos com GIF 2 segundo nível de atenção, observa-se ao longo da série que o maior percentual foi identificado na atenção secundária, nos anos de 2016 e 2017, correspondendo a 18,1% e 13,3%, respectivamente (Figura 34).

A avaliação do GIF na cura foi considerada "regular" na maioria dos anos, com o menor percentual observado no ano de 2011 (Figura 35). Entre os anos de 2009 e 2018, observa-se oscilação na frequência de casos que receberam alta por cura com incapacidade. Em 2018, foi encontrado o maior quantitativo de GIF 1 na alta, com 118 casos, e em 2010, a maior frequência de GIF 2, com 78 casos (Figura 36). No período da análise, 1.577 indivíduos receberam alta do tratamento com alguma incapacidade física; destes, 554 (35,1%) foram avaliados com GIF 2.

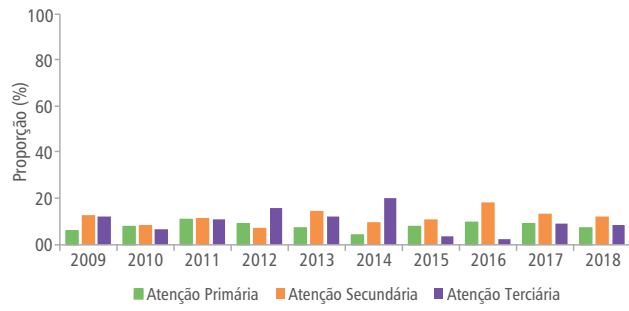


**FIGURA 33.** Proporção de casos novos de hanseníase quanto ao grau de incapacidade física, graus 1 e 2 no momento do diagnóstico. Amazonas, 2009 a 2018



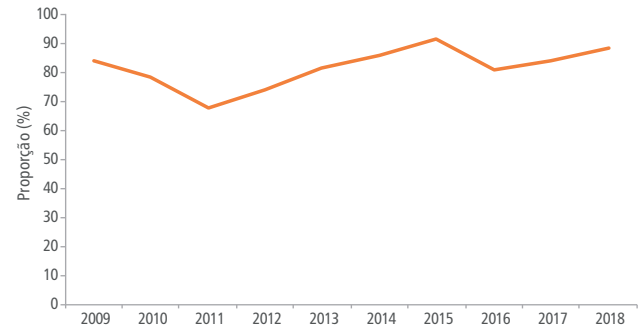
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 34.** Proporção de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física no momento do diagnóstico segundo nível de atenção. Amazonas, 2009 a 2018



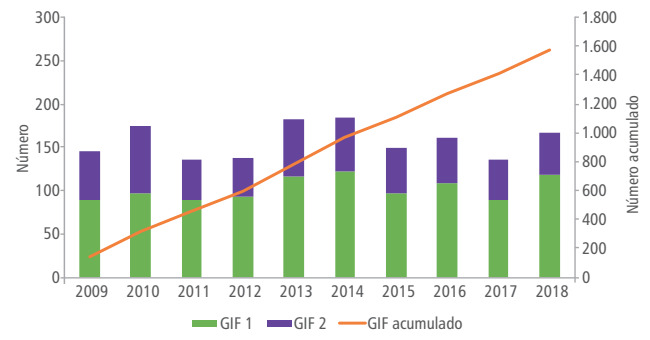
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 35.** Proporção de casos de hanseníase avaliados quanto ao grau de incapacidade física na cura. Amazonas, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 36.** Número de casos de hanseníase avaliados quanto ao grau de incapacidade física na cura. Amazonas, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.



# Bahia

No período de 2009 a 2018, foram diagnosticados 24.601 casos novos de hanseníase no estado da Bahia. Desses, 4.953 (20,1%) foram diagnosticados com incapacidade física graus 1 e 2. O GIF 1 e 2 foi mais frequente na faixa etária de 30 a 59 anos, respondendo por mais de 50% dos casos. O sexo masculino foi predominante nos indivíduos avaliados com GIF 1 e 2, sendo o grau 2 correspondente a 70,3% do total de avaliados. Essa situação também se verificou quando analisada a variável raça/cor, sendo a maior frequência observada nos pardos, com quase 60% dos casos avaliados (Tabela 6).

Quanto à escolaridade, houve maior predomínio de GIF 2 em indivíduos com ensino fundamental incompleto, com 48,8%. Em relação à classificação operacional, os casos multibacilares também foram predominantes em todas as categorias do GIF, sendo a diferença mais acentuada nos casos com GIF 2, correspondendo a 91,6% dos casos. No que se refere ao modo de detecção, o encaminhamento apresentou o maior percentual de grau 2, com 60,4% (Tabela 6).

O estado da Bahia, no ano de 2018, apresentou endemicidade “alta” tanto na população de menores de 15 anos de idade quanto na população geral. Quando analisado o período de 2009 a 2018, a taxa de detecção geral passou de 19,37 para 13,83 casos por 100 mil habitantes, representando um declínio de 28,6% (Figura 37). A taxa de detecção anual de casos novos de hanseníase na população de zero a 14 anos mostrou uma redução de 37,3%, passando de 5,69 para 3,57 casos por 100 mil habitantes no mesmo período (Figura 38).

O comportamento das taxas de detecção geral e em menores de 15 e GIF 2 analisadas no estado assemelha-se ao do país e região. A taxa de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física apresentou oscilação ao longo do tempo, com aumento em 2017 e diminuição em 2018. Entre 2009 e 2018, a redução nesse indicador foi de 17,3% (Figura 39).

**TABELA 6. Caracterização dos casos novos de hanseníase segundo o grau de incapacidade física avaliado no diagnóstico. Bahia, 2009 a 2018**

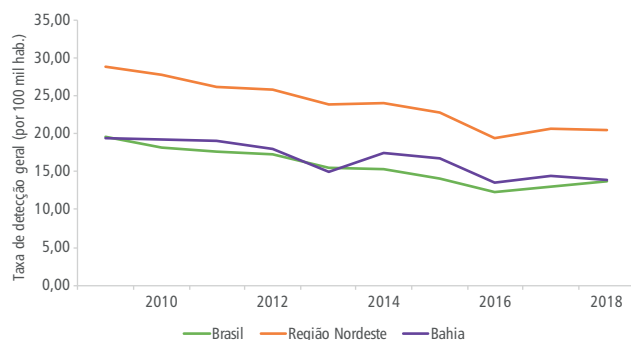
Variáveis	Grau 0*		Grau 1*		Grau 2*	
	n	%	n	%	n	%
	13.893	100	3.650	100	1.303	100
<b>Faixa etária</b>						
Menor de 15 anos	1.248	9,0	137	3,8	41	3,1
15-29	2.545	18,3	530	14,5	183	14,0
30-59	7.504	54,0	1.974	54,1	676	51,9
60 ou mais	2.596	18,7	1.009	27,6	403	30,9
<b>Sexo</b>						
Feminino	7.210	51,9	1.602	43,9	387	29,7
Masculino	6.682	48,1	2.048	56,1	916	70,3
Ignorado	1	0,0	0	0,0	0	0,0
<b>Raça/cor</b>						
Branca	2.313	16,6	586	16,1	224	17,2
Preta	2.319	16,7	640	17,5	251	19,3
Amarela	116	0,8	50	1,4	13	1,0
Parda	8.680	62,5	2.243	61,5	778	59,7
Indígena	52	0,4	17	0,5	5	0,4
Ignorado	413	3,0	114	3,1	32	2,5
<b>Escolaridade</b>						
Analfabeto	1.131	8,1	487	13,3	277	21,3
Ensino fundamental incompleto	6.609	47,6	1.851	50,7	637	48,9
Ensino fundamental completo e Ensino médio incompleto	1.624	11,7	378	10,4	113	8,7
Ensino médio completo e Educação superior incompleta	2.416	17,4	444	12,2	115	8,8
Educação superior completa	419	3,0	41	1,1	19	1,5
Não se aplica	173	1,2	9	0,2	3	0,2
Ignorado	1.521	10,9	440	12,1	139	10,7
<b>Classificação operacional</b>						
Paucibacilar	6.653	47,9	759	20,8	109	8,4
Multibacilar	7.235	52,1	2.889	79,2	1.194	91,6
Ignorado	5	0,0	2	0,1	0	0,0
<b>Modo de detecção</b>						
Encaminhamento	6.999	50,4	1.996	54,7	788	60,5
Demanda espontânea	4.944	35,6	1.277	35,0	402	30,9
Exame de coletividade	313	2,3	61	1,7	10	0,8
Exame de contatos	1.335	9,6	210	5,8	59	4,5
Outros modos	211	1,5	71	1,9	35	2,7
Ignorado	91	0,7	35	1,0	9	0,7

Fonte: Sinan/SVS-MS.

\*Grau de incapacidade física 0, 1 e 2.

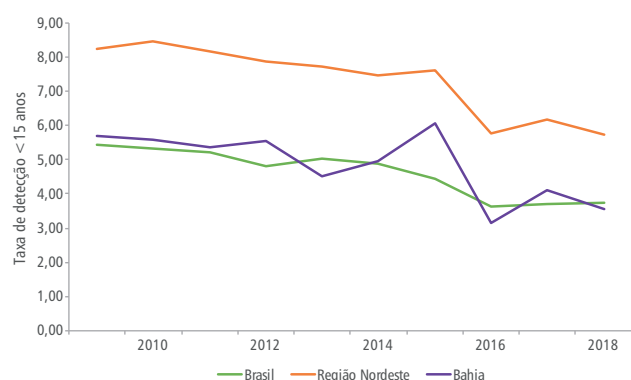


**FIGURA 37. Taxa de detecção geral de casos novos de hanseníase (por 100 mil hab.). Bahia, região Nordeste e Brasil, 2009 a 2018**



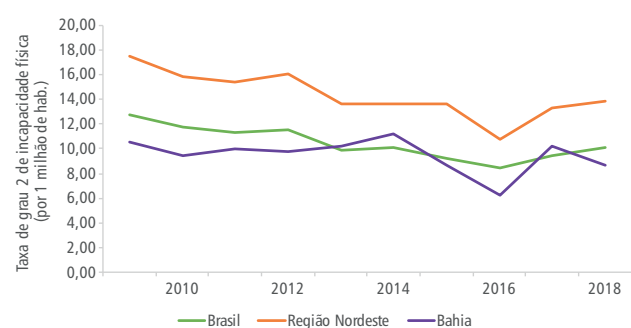
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 38. Taxa de detecção de casos novos de hanseníase em menores de 15 anos (por 100 mil hab.). Bahia, região Nordeste e Brasil, 2009 a 2018**



Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 39. Taxa de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física no momento do diagnóstico (por 1 milhão de hab.) Bahia, região Nordeste e Brasil, 2009 a 2018**



Fonte: Sinan/SVS-MS.

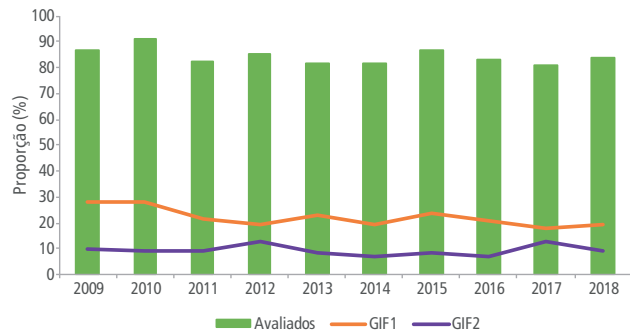
Ao longo do período, a Bahia manteve-se no parâmetro “regular” para a avaliação do grau de incapacidade física no momento do diagnóstico. No que se refere ao GIF 2, esse indicador apresentou o menor percentual em 2014, com 7,0%, e o maior em 2017, com 12,8%, apresentando classificação “média” e “alta”, respectivamente, segundo os parâmetros oficiais (Figura 40).

Analisando a proporção de casos novos com GIF 2 segundo nível de atenção, o maior percentual foi observado na atenção terciária, nos anos de 2017 e 2018, representando 13,8% e 14%, respectivamente (Figura 41).

A avaliação do GIF na cura foi considerada “precária” em todo período, com o menor percentual observado no ano de 2015 (Figura 42). Entre os anos de 2009 e 2018, observa-se oscilação na frequência de casos que receberam alta por cura com incapacidade; 2009 foi o ano com o maior quantitativo de GIF 1 na alta, com 298 casos, e 2016 apresentou a maior frequência de GIF 2, com 93 casos (Figura 43). No período da análise, 2.878 indivíduos receberam alta do tratamento com alguma incapacidade física; destes, 774 (26,9%) foram avaliados com GIF 2.

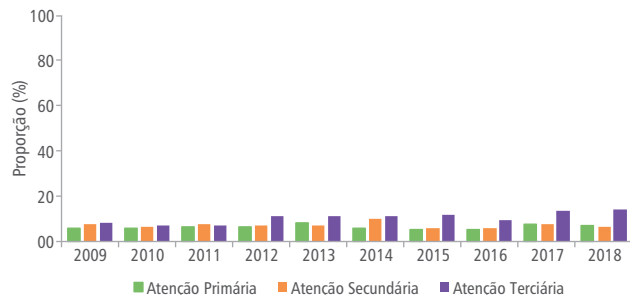


**FIGURA 40.** Proporção de casos novos de hanseníase quanto ao grau de incapacidade física, graus 1 e 2 no momento do diagnóstico. Bahia, 2009 a 2018



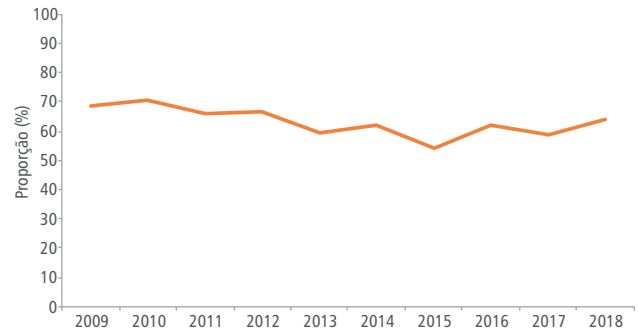
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 41.** Proporção de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física no momento do diagnóstico segundo nível de atenção. Bahia, 2009 a 2018



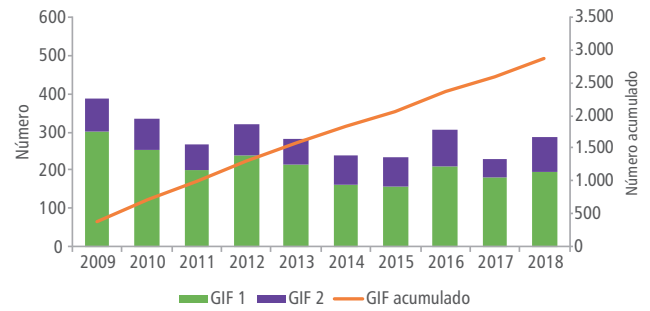
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 42.** Proporção de casos de hanseníase avaliados quanto ao grau de incapacidade física na cura. Bahia, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 43.** Número de casos de hanseníase avaliados quanto ao grau de incapacidade física na cura. Bahia, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.



# Ceará

No período de 2009 a 2018, foram diagnosticados 19.355 casos novos de hanseníase no estado do Ceará. Desses, 1.610 (8,3%) foram diagnosticados com incapacidade graus 1 e 2. O GIF 1 e 2 foi mais frequente na faixa etária de 30 a 59 anos, respondendo por aproximadamente 50% dos casos. O sexo masculino foi predominante nos indivíduos avaliados quanto ao GIF 0, 1 e 2, sendo o grau 2 correspondente a 72,3% do total de avaliados. Essa situação também se verificou quando analisada a variável raça/cor, sendo a maior frequência observada nos pardos, com mais de 50% dos casos avaliados (Tabela 7).

Quanto à escolaridade, houve maior predomínio de GIF 2 em indivíduos com ensino fundamental incompleto, com 38,8%. Em relação à classificação operacional, os casos multibacilares também foram predominantes em todas as categorias do GIF, sendo a diferença mais acentuada nos casos com GIF 2, correspondendo a 90,6% dos casos. No que se refere ao modo de detecção, o encaminhamento apresentou o maior percentual de grau 2, com 59,4% (Tabela 7).

O estado do Ceará, no ano de 2018, apresentou endemicidade “alta” tanto na população de menores de 15 anos de idade quanto na população geral. Quando analisado o período de 2009 a 2018, a taxa de detecção geral passou de 26,16 para 18,63 casos por 100 mil habitantes, correspondendo a um decréscimo de 28,8% (Figura 44). Essa redução também foi observada na taxa de detecção anual de casos novos de hanseníase na população de zero a 14 anos, que passou de 4,97 para 3,04 casos por 100 mil habitantes, representando declínio de 38,8% (Figura 45).

A taxa de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física apresentou oscilação ao longo do tempo; em 2009, alcançou 18,37, e em 2018, 16,09 casos por 1 milhão de habitantes, com redução de 12,4% no período (Figura 46). O comportamento das taxas de detecção geral, menores de 15 anos e GIF 2 analisadas na UF assemelha-se ao observado no país e na região.

**TABELA 7. Caracterização dos casos novos de hanseníase segundo o grau de incapacidade física avaliado no diagnóstico. Ceará, 2009 a 2018**

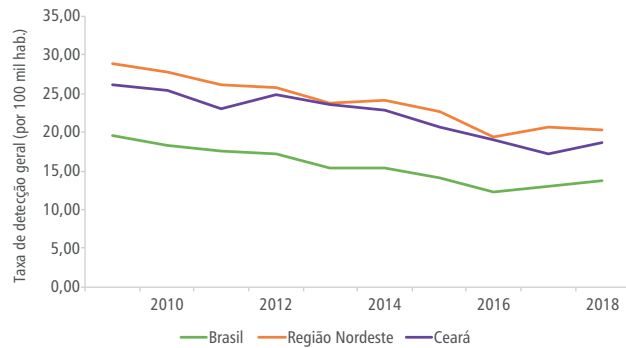
Variáveis	Grau 0*		Grau 1*		Grau 2*	
	n	%	n	%	n	%
	10.450	100	3.443	100	1.267	100
<b>Faixa etária</b>						
Menor de 15 anos	790	7,6	77	2,2	46	3,6
15-29	1.557	14,9	353	10,3	167	13,2
30-59	5.661	54,2	1.677	48,7	549	43,3
60 ou mais	2.442	23,4	1.336	38,8	505	39,9
<b>Sexo</b>						
Feminino	5.155	49,3	1.237	35,9	351	27,7
Masculino	5.294	50,7	2.205	64,0	916	72,3
Ignorado	1	0,0	1	0,0	0	0,0
<b>Raça/cor</b>						
Branca	1.972	18,9	650	18,9	196	15,5
Preta	694	6,6	289	8,4	116	9,2
Amarela	120	1,1	24	0,7	9	0,7
Parda	5.810	55,6	1.917	55,7	686	54,1
Indígena	29	0,3	8	0,2	4	0,3
Ignorado	1.825	17,5	555	16,1	256	20,2
<b>Escolaridade</b>						
Analfabeto	1.064	10,2	576	16,7	227	17,9
Ensino fundamental incompleto	4.092	39,2	1.457	42,3	491	38,8
Ensino fundamental completo e Ensino médio incompleto	1.036	9,9	275	8,0	85	6,7
Ensino médio completo e Educação superior incompleta	1.098	10,5	218	6,3	56	4,4
Educação superior completa	211	2,0	30	0,9	14	1,1
Não se aplica	114	1,1	7	0,2	0	0,0
Ignorado	2.835	27,1	880	25,6	394	31,1
<b>Classificação operacional</b>						
Paucibacilar	4.887	46,8	633	18,4	119	9,4
Multibacilar	5.563	53,2	2.810	81,6	1.148	90,6
Ignorado	-	-	-	-	-	-
<b>Modo de detecção</b>						
Encaminhamento	5.802	55,5	1.863	54,1	752	59,4
Demanda espontânea	3.946	37,8	1.343	39,0	415	32,8
Exame de coletividade	183	1,8	65	1,9	22	1,7
Exame de contatos	294	2,8	71	2,1	29	2,3
Outros modos	153	1,5	75	2,2	37	2,9
Ignorado	72	0,7	26	0,8	12	0,9

Fonte: Sinan/SVS-MS.

\*Grau de incapacidade física 0, 1 e 2.

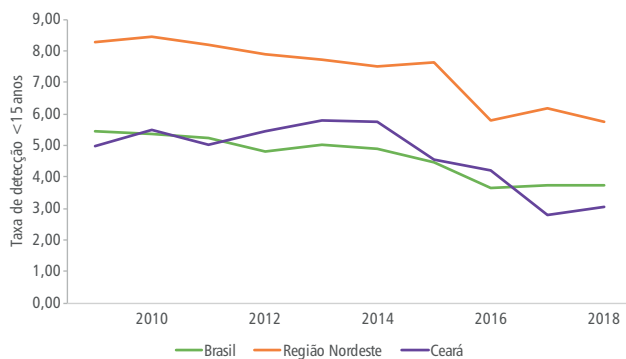


**FIGURA 44. Taxa de detecção geral de casos novos de hanseníase (por 100 mil hab.). Ceará, região Nordeste e Brasil, 2009 a 2018**



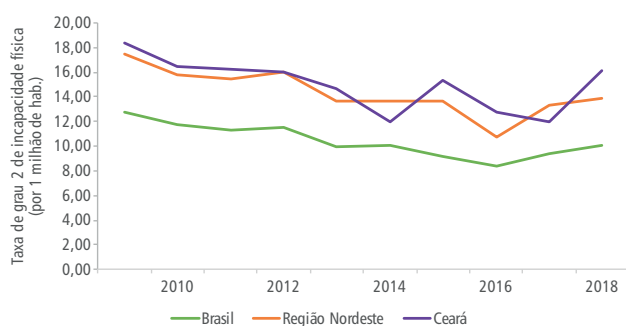
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 45. Taxa de detecção de casos novos de hanseníase em menores de 15 anos (por 100 mil hab.). Ceará, região Nordeste e Brasil, 2009 a 2018**



Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 46. Taxa de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física no momento do diagnóstico (por 1 milhão de hab.). Ceará, região Nordeste e Brasil, 2009 a 2018**



Fonte: Sinan/SVS-MS.

Ao longo do período, o Ceará manteve-se no parâmetro “regular” para a avaliação do grau de incapacidade física no momento do diagnóstico. No que se refere ao GIF 2, esse indicador oscilou entre 5,2% em 2014 e 9,1% em 2015, com parâmetro “médio”, e alcançou 10,6% em 2018, apresentando classificação “alta”, segundo os parâmetros oficiais (Figura 47).

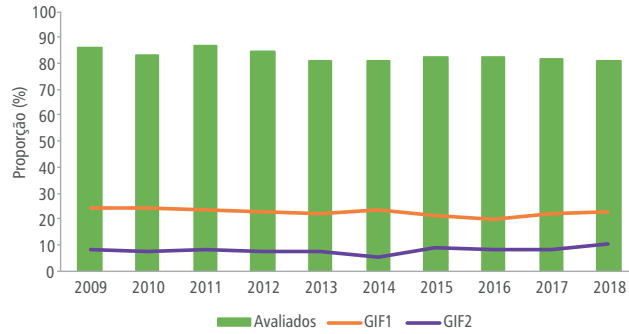
Na análise da proporção de casos novos com GIF 2 segundo nível de atenção, observa-se, ao longo da série, o maior percentual de GIF 2 na atenção secundária, nos anos de 2017 e 2018, com 14,5% e 16,4%, respectivamente (Figura 48).

A avaliação do GIF na cura foi considerada “precária” em todo período, com o menor percentual observado no ano de 2015 (Figura 49). Em relação aos casos que receberam alta por cura com avaliação da incapacidade, observa-se que 2010 foi o ano com o maior quantitativo de GIF 1 e GIF 2 na alta, com 320 e 129 casos, respectivamente (Figura 50). No período da análise, 3.578 indivíduos receberam alta do tratamento com alguma incapacidade física; destes, 1.043 (29,2%) foram avaliados com GIF 2.



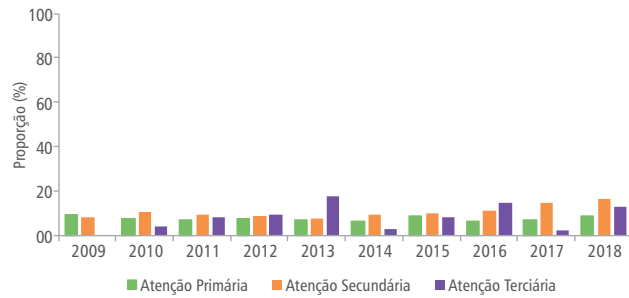


**FIGURA 47.** Proporção de casos novos de hanseníase quanto ao grau de incapacidade física, graus 1 e 2 no momento do diagnóstico. Ceará, 2009 a 2018



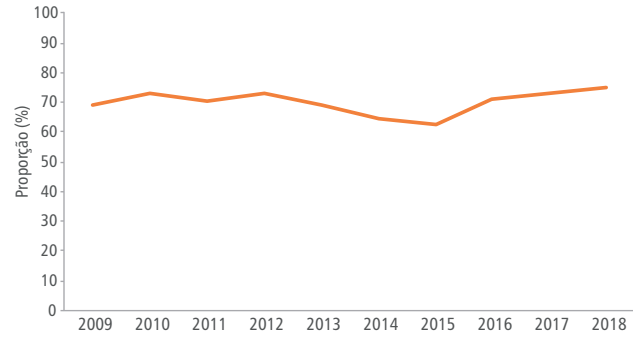
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 48.** Proporção de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física no momento do diagnóstico segundo nível de atenção. Ceará, 2009 a 2018



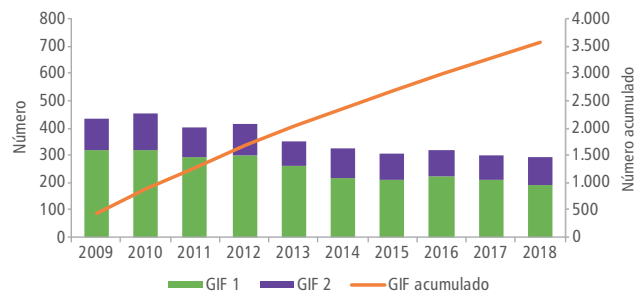
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 49.** Proporção de casos de hanseníase avaliados quanto ao grau de incapacidade física na cura. Ceará, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 50.** Número de casos de hanseníase avaliados quanto ao grau de incapacidade física na cura. Ceará, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.



# Distrito Federal

No período de 2009 a 2018, foram diagnosticados 1.972 casos novos de hanseníase no Distrito Federal. Desses, 707 (35,9%) foram diagnosticados com incapacidade graus 1 e 2. O GIF 1 e 2 foi mais frequente na faixa etária de 30 a 59 anos, respondendo por mais de 50% dos casos. O sexo masculino foi predominante nos indivíduos avaliados com GIF 0, 1 e 2, sendo o grau 2 correspondente a 60,1% do total de avaliados (Tabela 8).

Essa situação também se verificou quando analisada a variável raça/cor, sendo a maior frequência observada nos pardos, com mais de 47% dos casos avaliados. Quanto à escolaridade, houve maior predomínio de GIF 2 em indivíduos com ensino fundamental incompleto, com 46,8%. Em relação à classificação operacional, os casos multibacilares também foram predominantes em todas as categorias do GIF, sendo a diferença mais acentuada nos casos com GIF 2, correspondendo a 93,7% dos casos. No que se refere ao modo de detecção, o encaminhamento apresentou o maior percentual de grau 2, com 57,6% (Tabela 8).

O Distrito Federal, no ano de 2018, apresentou endemicidade “baixa” na população de menores de 15 anos de idade e “média” na população geral. Quando analisado o período de 2009 a 2018, a taxa de detecção geral passou de 9,40 para 4,51 casos por 100 mil habitantes, representando um decréscimo de 52% (Figura 51). Essa redução também foi observada na taxa de detecção anual de casos novos de hanseníase na população de zero a 14 anos, que passou de 0,89 para 0,48 casos por 100 mil habitantes, com declínio de 46,1% (Figura 52).

A taxa de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física apresentou oscilação ao longo do tempo; em 2009, a taxa foi de 11,12, e em 2018, de 2,58 casos por 1 milhão de habitantes, com redução de 76,8% no período (Figura 53). O comportamento das três taxas analisadas no estado acompanha o observado no país e na região.

**TABELA 8. Caracterização dos casos novos de hanseníase segundo o grau de incapacidade física avaliado no diagnóstico. Distrito Federal, 2009 a 2018**

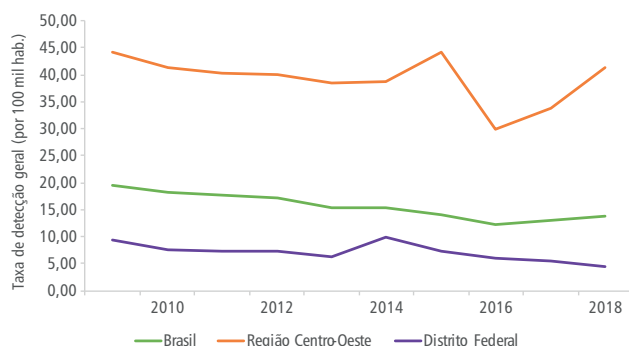
Variáveis	Grau 0*		Grau 1*		Grau 2*	
	n	%	n	%	n	%
	933	100	549	100	158	100
<b>Faixa etária</b>						
Menor de 15 anos	53	5,7	9	1,6	4	2,5
15-29	241	25,8	114	20,8	28	17,7
30-59	520	55,7	335	61,0	83	52,5
60 ou mais	119	12,8	91	16,6	43	27,2
<b>Sexo</b>						
Feminino	458	49,1	270	49,2	63	39,9
Masculino	475	50,9	279	50,8	95	60,1
Ignorado	-	-	-	-	-	-
<b>Raça/cor</b>						
Branca	302	32,4	153	27,9	40	25,3
Preta	120	12,9	69	12,6	32	20,3
Amarela	17	1,8	8	1,5	3	1,9
Parda	439	47,1	278	50,6	72	45,6
Indígena	4	0,4	0	0,0	1	0,6
Ignorado	51	5,5	41	7,5	10	6,3
<b>Escolaridade</b>						
Analfabeto	32	3,4	32	5,8	7	4,4
Ensino fundamental incompleto	342	36,7	236	43,0	74	46,8
Ensino fundamental completo e Ensino médio incompleto	172	18,4	102	18,6	22	13,9
Ensino médio completo e Educação superior incompleta	183	19,6	51	9,3	21	13,3
Educação superior completa	61	6,5	22	4,0	2	1,3
Não se aplica	10	1,1	0	0,0	0	0,0
Ignorado	133	14,3	106	19,3	32	20,3
<b>Classificação operacional</b>						
Paucibacilar	349	37,4	78	14,2	10	6,3
Multibacilar	584	62,6	469	85,4	148	93,7
Ignorado	0	0,0	2	0,4	0	0,0
<b>Modo de detecção</b>						
Encaminhamento	433	46,4	289	52,6	91	57,6
Demanda espontânea	360	38,6	205	37,3	52	32,9
Exame de coletividade	35	3,8	16	2,9	9	5,7
Exame de contatos	95	10,2	33	6,0	3	1,9
Outros modos	8	0,9	3	0,5	1	0,6
Ignorado	2	0,2	3	0,5	2	1,3

Fonte: Sinan/SVS-MS.

\*Grau de incapacidade física 0, 1 e 2.

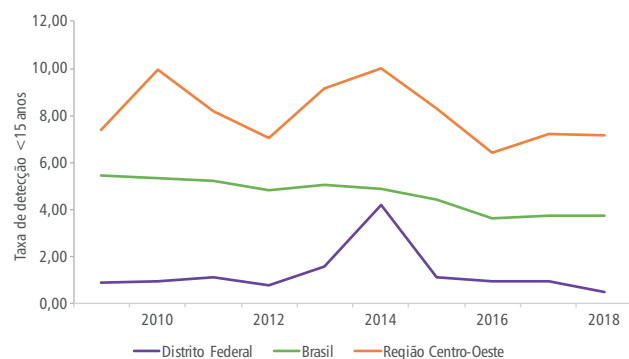


**FIGURA 51. Taxa de detecção geral de casos novos de hanseníase (por 100 mil hab.). Distrito Federal, região Centro-Oeste e Brasil, 2009 a 2018**



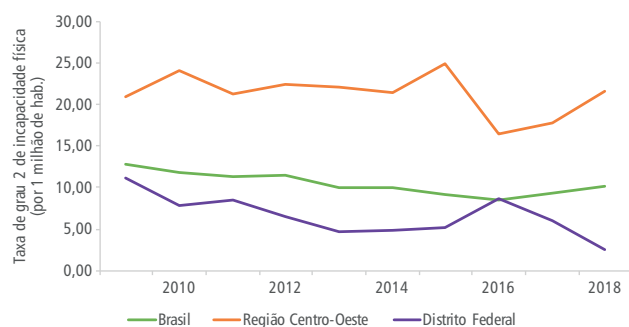
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 52. Taxa de detecção de casos novos de hanseníase em menores de 15 anos (por 100 mil hab.). Distrito Federal, região Centro-Oeste e Brasil, 2009 a 2018**



Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 53. Taxa de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física no momento do diagnóstico (por 1 milhão de hab.). Distrito Federal, região Centro-Oeste e Brasil, 2009 a 2018**



Fonte: Sinan/SVS-MS.

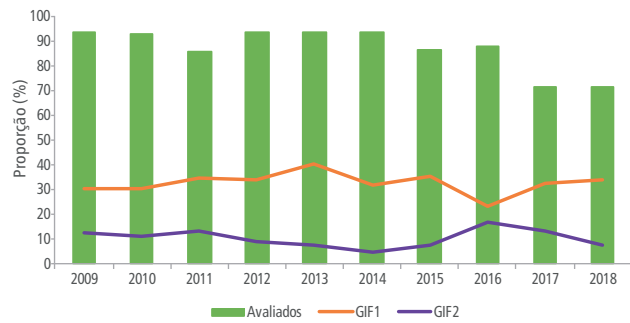
Ao longo do período, o Distrito Federal apresentou importante oscilação nos parâmetros de avaliação do grau de incapacidade física no momento do diagnóstico, iniciando a série com parâmetro “bom” e finalizando com parâmetro “precário”. No que se refere ao GIF 2, esse indicador oscilou entre 5,0% em 2014 e 16,7% em 2016, com parâmetro “médio” e “alto”, e alcançou 8% em 2018, apresentando classificação “média”, segundo os parâmetros oficiais (Figura 54).

Na análise da proporção de casos novos com GIF 2 segundo nível de atenção, observa-se, ao longo da série, o maior percentual de GIF 2 na atenção secundária, com 25% dos casos no ano de 2015 (Figura 55).

A avaliação do GIF na cura foi considerada “regular” na maioria dos anos, com o menor percentual observado em 2018 (Figura 56). Em relação aos casos que receberam alta por cura com avaliação da incapacidade, observa-se que 2009 foi o ano com o maior quantitativo de GIF 1 e GIF 2 na alta: 67 e 25 casos respectivamente (Figura 57). No período da análise, 581 indivíduos receberam alta do tratamento com alguma incapacidade física; destes, 147 (25,3%) foram avaliados com GIF 2.

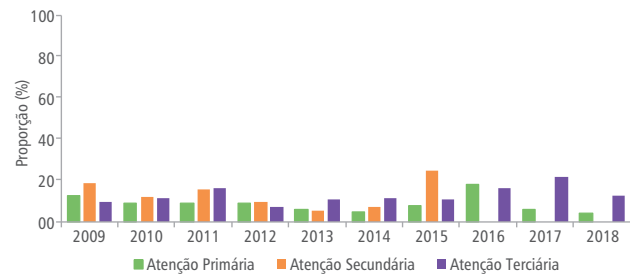


**FIGURA 54.** Proporção de casos novos de hanseníase quanto ao grau de incapacidade física, graus 1 e 2 no momento do diagnóstico. Distrito Federal, 2009 a 2018



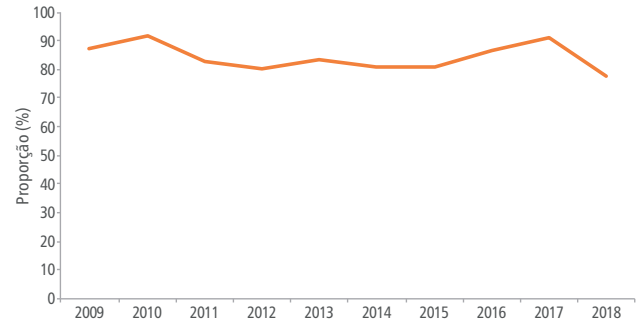
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 55.** Proporção de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física no momento do diagnóstico segundo nível de atenção. Distrito Federal, 2009 a 2018



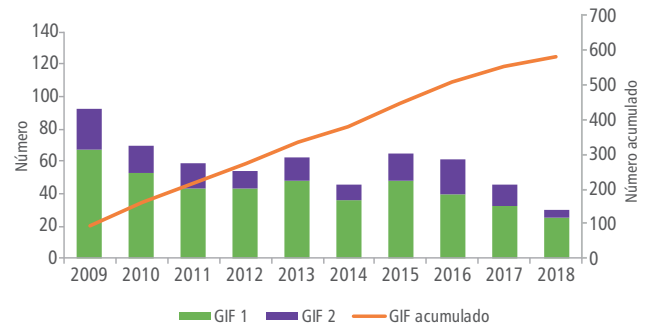
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 56.** Proporção de casos de hanseníase avaliados quanto ao grau de incapacidade física na cura. Distrito Federal, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 57.** Número de casos de hanseníase avaliados quanto ao grau de incapacidade física na cura. Distrito Federal, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.



# Espírito Santo

No período de 2009 a 2018, foram diagnosticados 7.259 casos novos de hanseníase no estado do Espírito Santo. Desses, 1.897 (26,1%) foram diagnosticados com incapacidade graus 1 e 2. O GIF 1 e 2 foi mais frequente na faixa etária de 30 a 59 anos, respondendo por mais de 50% dos casos. O sexo masculino foi predominante nos indivíduos avaliados quanto ao GIF 0, 1 e 2, sendo o grau 2 correspondente a 74% do total de avaliados (Tabela 9).

Essa situação também se verificou quando analisada a variável raça/cor, sendo a maior frequência observada nos pardos, com mais de 43% dos casos avaliados. Quanto à escolaridade, houve maior predomínio de GIF 2 em indivíduos com ensino fundamental incompleto, com 56,4%. Em relação à classificação operacional, os casos multibacilares também foram predominantes no GIF 1 e 2, sendo a diferença mais acentuada nos casos com GIF 2, correspondendo a 83,9% dos casos. No que se refere ao modo de detecção, o encaminhamento apresentou o maior percentual de grau 2, com 62,5% (Tabela 9).

O estado do Espírito Santo, no ano de 2018, apresentou endemicidade “alta” tanto na população de menores de 15 anos de idade quanto na população geral. Quando analisado o período de 2009 a 2018, a taxa de detecção geral passou de 29,94 para 11,48 casos por 100 mil habitantes, correspondendo a um decréscimo de 61,7% (Figura 58). Essa redução também foi observada na taxa de detecção anual de casos novos de hanseníase na população de zero a 14 anos, que passou de 9,25 para 3,09 casos por 100 mil habitantes, representando declínio de 66,6% (Figura 59).

A taxa de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física apresentou oscilação ao longo do tempo; em 2009, alcançou 14,34, e em 2018, 5,17 casos por 1 milhão de habitantes, com redução de 64% no período (Figura 60). O comportamento das três taxas analisadas na UF assemelha-se ao observado no país e região.

**TABELA 9. Caracterização dos casos novos de hanseníase segundo o grau de incapacidade física avaliado no diagnóstico. Espírito Santo, 2009 a 2018**

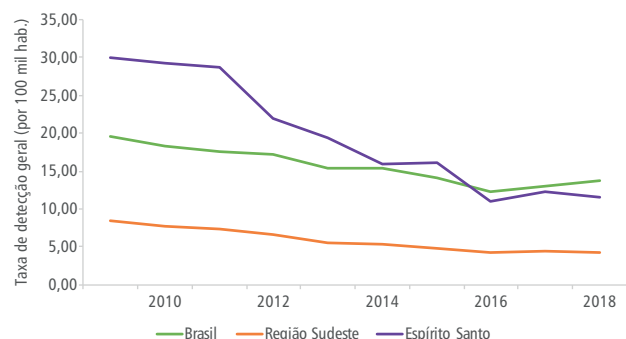
Variáveis	Grau 0*		Grau 1*		Grau 2*	
	n	%	n	%	n	%
	4.885	100	1.500	100	397	100
<b>Faixa etária</b>						
Menor de 15 anos	414	8,5	25	1,7	9	2,3
15-29	1.050	21,5	179	11,9	45	11,3
30-59	2.597	53,2	802	53,5	204	51,4
60 ou mais	824	16,9	494	32,9	139	35,0
<b>Sexo</b>						
Feminino	2.414	49,4	568	37,9	103	25,9
Masculino	2.470	50,6	932	62,1	294	74,1
Ignorado	1	0,0	0	0,0	0	0,0
<b>Raça/cor</b>						
Branca	1.645	33,7	568	37,9	130	32,7
Preta	694	14,2	240	16,0	76	19,1
Amarela	24	0,5	13	0,9	1	0,3
Parda	2.400	49,1	648	43,2	179	45,1
Indígena	7	0,1	4	0,3	0	0,0
Ignorado	115	2,4	27	1,8	11	2,8
<b>Escolaridade</b>						
Analfabeto	332	6,8	207	13,8	64	16,1
Ensino fundamental incompleto	2.413	49,4	843	56,2	224	56,4
Ensino fundamental completo e Ensino médio incompleto	802	16,4	180	12,0	40	10,1
Ensino médio completo e Educação superior incompleta	895	18,3	165	11,0	32	8,1
Educação superior completa	176	3,6	27	1,8	7	1,8
Não se aplica	56	1,1	2	0,1	0	0,0
Ignorado	211	4,3	76	5,1	30	7,6
<b>Classificação operacional</b>						
Paucibacilar	3.063	62,7	370	24,7	64	16,1
Multibacilar	1.822	37,3	1.130	75,3	333	83,9
Ignorado	-	-	-	-	-	-
<b>Modo de detecção</b>						
Encaminhamento	2.457	50,3	833	55,5	248	62,5
Demanda espontânea	1.771	36,3	509	33,9	116	29,2
Exame de coletividade	95	1,9	32	2,1	5	1,3
Exame de contatos	479	9,8	84	5,6	13	3,3
Outros modos	78	1,6	35	2,3	15	3,8
Ignorado	5	0,1	7	0,5	0	0,0

Fonte: Sinan/SVS-MS.

\*Grau de incapacidade física 0, 1 e 2.

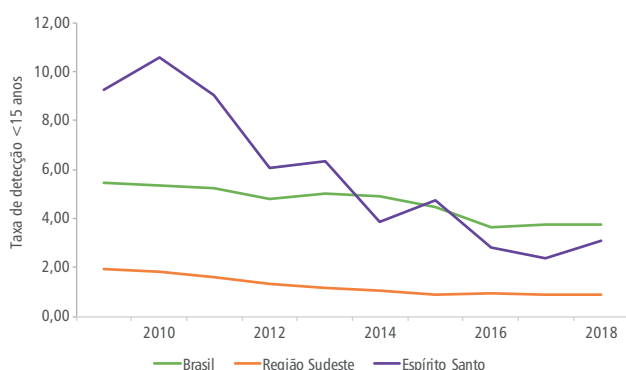


**FIGURA 58. Taxa de detecção geral de casos novos de hanseníase (por 100 mil hab.). Espírito Santo, região Sudeste e Brasil, 2009 a 2018**



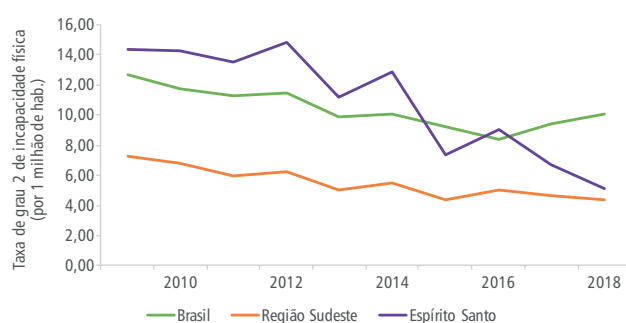
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 59. Taxa de detecção de casos novos de hanseníase em menores de 15 anos (por 100 mil hab.). Espírito Santo, região Sudeste e Brasil, 2009 a 2018**



Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 60. Taxa de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física no momento do diagnóstico (por 1 milhão de hab.). Espírito Santo, região Sudeste e Brasil, 2009 a 2018**



Fonte: Sinan/SVS-MS.

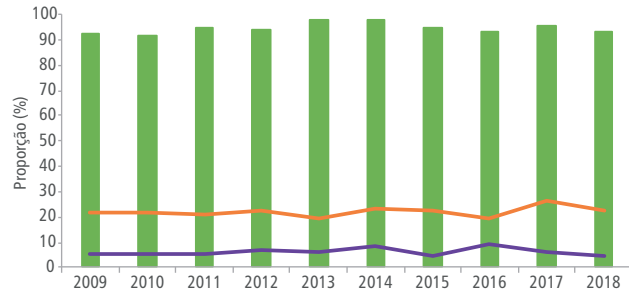
Ao longo do período, o Espírito Santo manteve-se no parâmetro “bom” para a avaliação do grau de incapacidade física no momento do diagnóstico. No que se refere ao GIF 2, esse indicador oscilou entre 4,9% em 2015, 8,9% em 2016 e 4,8% em 2018, apresentando classificação “baixa”, segundo os parâmetros oficiais (Figura 61).

Na análise da proporção de casos novos com GIF 2 segundo nível de atenção, observou-se variação entre os três níveis de atenção. Os maiores percentuais ao longo da série, na atenção primária, ocorreram em 2016, com 9,4%; na atenção secundária, em 2014, com 8,6%; e na atenção terciária, em 2009, com 12% (Figura 62).

A avaliação do GIF na cura foi considerada “regular” em todo período, com o menor percentual observado no ano de 2018 (Figura 63). Em relação aos casos que receberam alta por cura com avaliação da incapacidade, observa-se que 2011 foi o ano com o maior quantitativo de GIF 1 na alta, com 164 casos, e 2012, o ano com o maior quantitativo de GIF 2 na alta, com 47 casos (Figura 64). No período da análise, 1.514 indivíduos receberam alta do tratamento com alguma incapacidade física; destes, 330 (21,8%) foram avaliados com GIF 2.

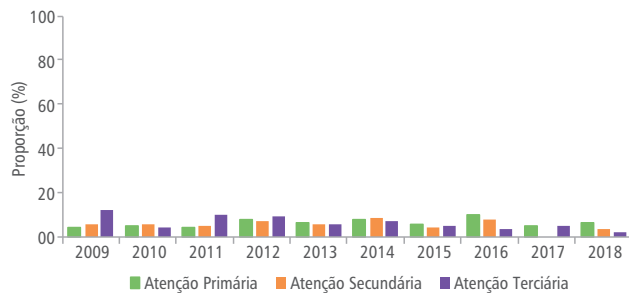


**FIGURA 61.** Proporção de casos novos de hanseníase quanto ao grau de incapacidade física, graus 1 e 2 no momento do diagnóstico. Espírito Santo, 2009 a 2018



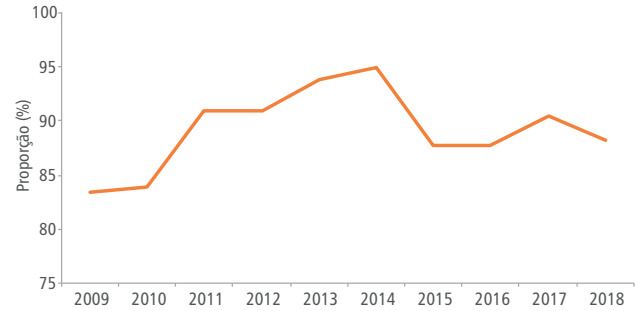
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 62.** Proporção de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física no momento do diagnóstico segundo nível de atenção. Espírito Santo, 2009 a 2018



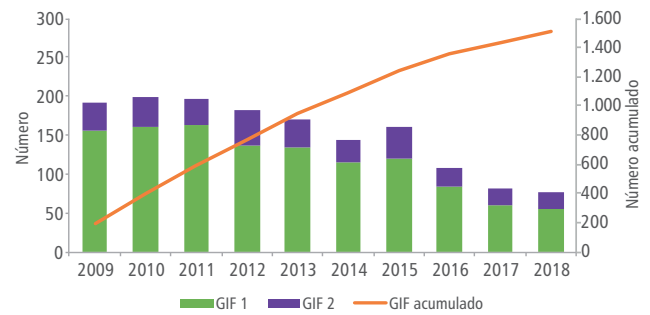
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 63.** Proporção de casos de hanseníase avaliados quanto ao grau de incapacidade física na cura. Espírito Santo, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 64.** Número de casos de hanseníase avaliados quanto ao grau de incapacidade física na cura. Espírito Santo, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.



# Goiás

No período de 2009 a 2018, foram diagnosticados 19.277 casos novos de hanseníase do estado de Goiás. Desses, 4.624 (24%) foram diagnosticados com incapacidade graus 1 e 2. O GIF 1 e 2 foi mais frequente na faixa etária de 30 a 59 anos, respondendo por mais de 50% dos casos. O sexo masculino foi predominante nos indivíduos avaliados quanto ao GIF 0, 1 e 2, sendo o grau 2 correspondente a 69,9% do total de avaliados (Tabela 10).

Essa situação também se verificou quando analisada a variável raça/cor, sendo a maior frequência observada nos pardos, com mais de 50% dos casos avaliados. Quanto à escolaridade, houve maior predomínio de GIF 2 em indivíduos com ensino fundamental incompleto, com 55,9%. Em relação à classificação operacional, os casos multibacilares também foram predominantes em todas as categorias do GIF, sendo a diferença mais acentuada nos casos com GIF 2, correspondendo a 97,9% dos casos. No que se refere ao modo de detecção, o encaminhamento apresentou o maior percentual de grau 2, com 52,6% (Tabela 10).

O estado de Goiás, no ano de 2018, apresentou endemicidade “alta” na população de menores de 15 anos de idade e “muito alta” na população geral. Quando analisado o período de 2009 a 2018, a taxa de detecção geral passou de 43,25 para 21,46 casos por 100 mil habitantes, correspondendo a um decréscimo de 50,4% (Figura 65). Essa redução também foi observada na taxa de detecção anual de casos novos de hanseníase na população de zero a 14 anos, que passou de 6,25 para 3,01 casos por 100 mil habitantes, representando declínio de 51,8% (Figura 66).

A taxa de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física apresentou oscilação ao longo do tempo. Em 2009, alcançou 21,43, e em 2018, 14,87 casos por 1 milhão de hab., com redução de 30,6% no período (Figura 67). O comportamento das três taxas analisadas na UF acompanha o observado no país e na região.

**TABELA 10. Caracterização dos casos novos de hanseníase segundo o grau de incapacidade física avaliado no diagnóstico. Goiás, 2009 a 2018**

Variáveis	Grau 0*		Grau 1*		Grau 2*	
	n	%	n	%	n	%
	12.848	100	3.522	100	1.102	100
<b>Faixa etária</b>						
Menor de 15 anos	665	5,2	45	1,3	23	2,1
15-29	2.149	16,7	419	11,9	130	11,8
30-59	7.728	60,1	2.076	58,9	623	56,5
60 ou mais	2.306	17,9	982	27,9	326	29,6
<b>Sexo</b>						
Feminino	5.615	43,7	1.309	37,2	332	30,1
Masculino	7.232	56,3	2.213	62,8	770	69,9
Ignorado	1	0,0	0	0,0	0	0,0
<b>Raça/cor</b>						
Branca	4.267	33,2	1.162	33,0	345	31,3
Preta	1.475	11,5	432	12,3	120	10,9
Amarela	156	1,2	40	1,1	13	1,2
Parda	6.686	52,0	1.812	51,4	591	53,6
Indígena	36	0,3	10	0,3	2	0,2
Ignorado	228	1,8	66	1,9	31	2,8
<b>Escolaridade</b>						
Analfabeto	874	6,8	358	10,2	146	13,2
Ensino fundamental incompleto	6.308	49,1	1.867	53,0	616	55,9
Ensino fundamental completo e Ensino médio incompleto	2.050	16,0	468	13,3	129	11,7
Ensino médio completo e Educação superior incompleta	1.873	14,6	392	11,1	75	6,8
Educação superior completa	425	3,3	72	2,0	13	1,2
Não se aplica	92	0,7	5	0,1	0	0,0
Ignorado	1.226	9,5	360	10,2	123	11,2
<b>Classificação operacional</b>						
Paucibacilar	4.015	31,3	298	8,5	23	2,1
Multibacilar	8.833	68,8	3.223	91,5	1.079	97,9
Ignorado	0	0,0	1	0,0	0	0,0
<b>Modo de detecção</b>						
Encaminhamento	5.235	40,7	1.668	47,4	580	52,6
Demanda espontânea	6.572	51,2	1.627	46,2	456	41,4
Exame de coletividade	187	1,5	39	1,1	24	2,2
Exame de contatos	607	4,7	107	3,0	19	1,7
Outros modos	175	1,4	62	1,8	18	1,6
Ignorado	72	0,6	19	0,5	5	0,5

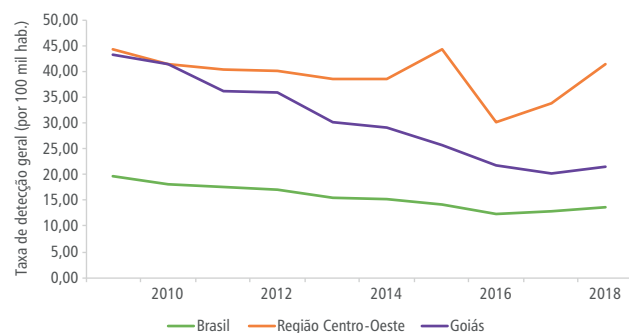
Fonte: Sinan/SVS-MS.

\*Grau de incapacidade física 0, 1 e 2.



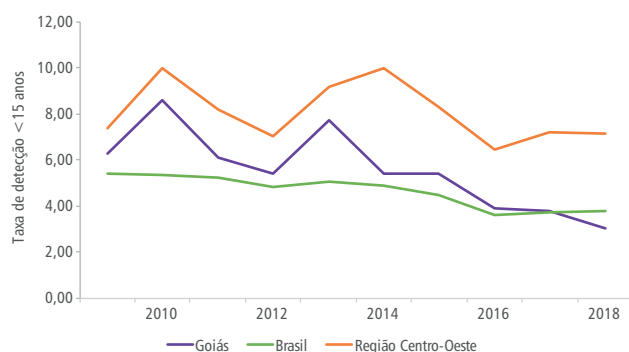


**FIGURA 65. Taxa de detecção geral de casos novos de hanseníase (por 100 mil hab.). Goiás, região Centro-Oeste e Brasil, 2009 a 2018**



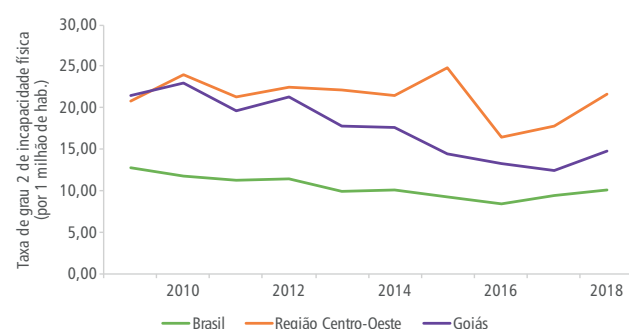
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 66. Taxa de detecção de casos novos de hanseníase em menores de 15 anos (por 100 mil hab.). Goiás, região Centro-Oeste e Brasil, 2009 a 2018**



Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 67. Taxa de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física no momento do diagnóstico (por 1 milhão de hab.). Goiás, região Centro-Oeste e Brasil, 2009 a 2018**



Fonte: Sinan/SVS-MS.

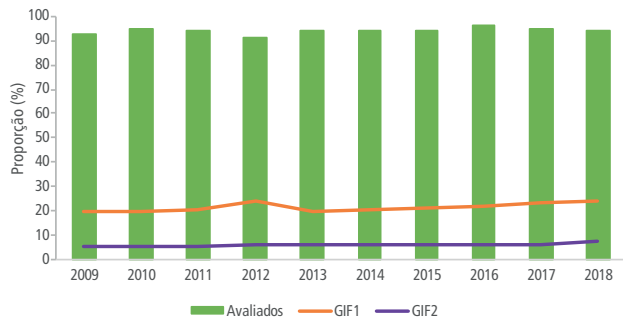
Ao longo do período, Goiás manteve-se no parâmetro “bom” para a avaliação do grau de incapacidade física no momento do diagnóstico. No que se refere ao GIF 2, esse indicador manteve-se estável em toda série histórica; em 2018, obteve 7,3%, apresentando classificação “média”, segundo os parâmetros oficiais (Figura 68).

Na análise da proporção de casos novos com GIF 2 segundo nível de atenção, observou-se variação entre os três níveis de atenção. Os maiores percentuais ao longo da série, na atenção primária, foram 6,5% em 2015 e 2018; na atenção secundária, 10,5% em 2018; e na atenção terciária, 11,1% em 2012 (Figura 69).

A avaliação do GIF na cura foi considerada “precária” na maioria dos anos, com o menor percentual observado no ano de 2012 (Figura 70). Em relação aos casos que receberam alta por cura com avaliação da incapacidade, observa-se que 2010 foi o ano com o maior quantitativo de GIF 1 na alta, com 252 casos, e 2016, o ano com o maior quantitativo de GIF 2, com 75 casos (Figura 71). No período da análise, 2.625 indivíduos receberam alta do tratamento com alguma incapacidade física; destes, 670 (25,5%) foram avaliados com GIF 2.

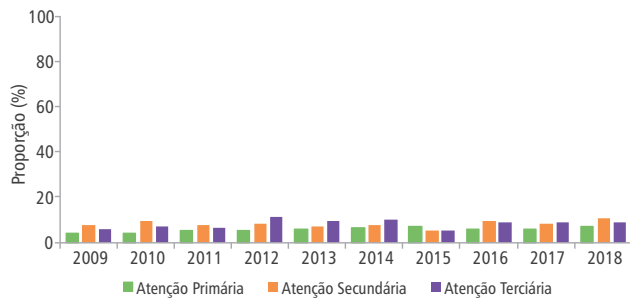


**FIGURA 68.** Proporção de casos novos de hanseníase quanto ao grau de incapacidade física, graus 1 e 2 no momento do diagnóstico. Goiás, 2009 a 2018



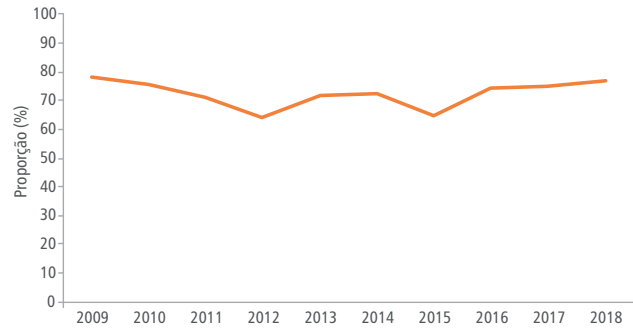
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 69.** Proporção de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física no momento do diagnóstico segundo nível de atenção. Goiás, 2009 a 2018



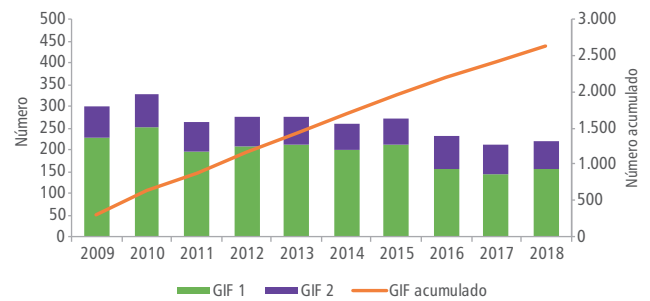
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 70.** Proporção de casos de hanseníase avaliados quanto ao grau de incapacidade física na cura. Goiás, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 71.** Número de casos de hanseníase avaliados quanto ao grau de incapacidade física na cura. Goiás, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.



# Maranhão

No período de 2009 a 2018, foram diagnosticados 35.866 casos novos de hanseníase no estado do Maranhão. Desses, 5.744 (16%) foram diagnosticados com incapacidade graus 1 e 2. O GIF 1 e 2 foi mais frequente na faixa etária de 30 a 59 anos, respondendo por mais de 44% dos casos. O sexo masculino foi predominante nos indivíduos avaliados quanto ao GIF 0, 1 e 2, sendo o grau 2 correspondente a 71,3% do total de avaliados (Tabela 11).

Essa situação também se verificou quando analisada a variável raça/cor, sendo a maior frequência observada nos pardos, com mais de 60% dos casos avaliados. Quanto à escolaridade, houve maior predomínio de GIF 2 em indivíduos com ensino fundamental incompleto, com 48,5%. Em relação à classificação operacional, os casos multibacilares também foram predominantes em todas as categorias do GIF, sendo a diferença mais acentuada nos casos com GIF 2, correspondendo a 95,1% dos casos. No que se refere ao modo de detecção, a demanda espontânea apresentou o maior percentual de grau 2, com 50,3% (Tabela 11).

O estado do Maranhão, no ano de 2018, apresentou parâmetro “hiperendêmico” tanto na população de menores de 15 anos de idade quanto na população geral. Quando analisado o período de 2009 a 2018, a taxa de detecção geral passou de 61,99 para 44,94 casos por 100 mil habitantes, correspondendo a um decréscimo de 27,5% (Figura 72). Essa redução também foi observada na taxa de detecção anual de casos novos de hanseníase na população de zero a 14 anos, que passou de 18,25 para 15,21 casos por 100 mil habitantes, representando declínio de 16,7% (Figura 73).

A taxa de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física apresentou oscilação ao longo do tempo. Em 2009, alcançou 39,42, e em 2018, 29,53 casos por 1 milhão de habitantes, com redução de 25,1% no período (Figura 74). O comportamento das três taxas analisadas na UF acompanha o observado no país e na região.

**TABELA 11. Caracterização dos casos novos de hanseníase segundo o grau de incapacidade física avaliado no diagnóstico. Maranhão, 2009 a 2018**

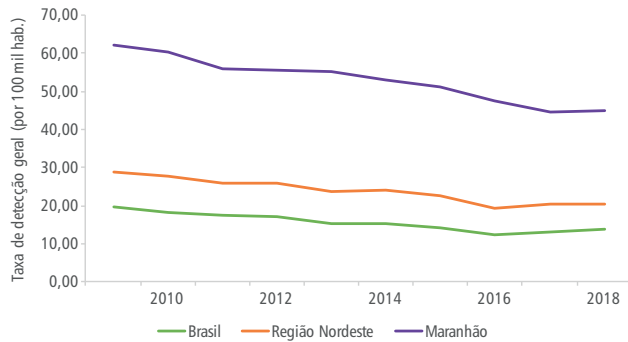
Variáveis	Grau 0*		Grau 1*		Grau 2*	
	n	%	n	%	n	%
	19.557	100	7.593	100	2.151	100
<b>Faixa etária</b>						
Menor de 15 anos	2.515	12,9	373	4,9	103	4,8
15-29	4.606	23,6	1.377	18,1	402	18,7
30-59	9.228	47,2	3.809	50,2	961	44,7
60 ou mais	3.208	16,4	2.034	26,8	685	31,8
<b>Sexo</b>						
Feminino	9.367	47,9	3.030	39,9	618	28,7
Masculino	10.190	52,1	4.563	60,1	1.533	71,3
Ignorado	-	-	-	-	-	-
<b>Raça/cor</b>						
Branca	3.089	15,8	1.172	15,4	327	15,2
Preta	3.149	16,1	1.313	17,3	375	17,4
Amarela	196	1,0	82	1,1	22	1,0
Parda	12.837	65,6	4.877	64,2	1.395	64,9
Indígena	53	0,3	31	0,4	6	0,3
Ignorado	233	1,2	118	1,6	26	1,2
<b>Escolaridade</b>						
Analfabeto	2.551	13,0	1.578	20,8	622	28,9
Ensino fundamental incompleto	9.676	49,5	3.834	50,5	1.044	48,5
Ensino fundamental completo e Ensino médio incompleto	2.723	13,9	892	11,7	215	10,0
Ensino médio completo e Educação superior incompleta	3.303	16,9	913	12,0	189	8,8
Educação superior completa	508	2,6	100	1,3	11	0,5
Não se aplica	325	1,7	26	0,3	6	0,3
Ignorado	471	2,4	250	3,3	64	3,0
<b>Classificação operacional</b>						
Paucibacilar	7.686	39,3	1.030	13,6	106	4,9
Multibacilar	11.871	60,7	6.563	86,4	2.045	95,1
Ignorado	-	-	-	-	-	-
<b>Modo de detecção</b>						
Encaminhamento	7.603	38,9	3.189	42,0	902	41,9
Demanda espontânea	9.982	51,0	3.723	49,0	1.082	50,3
Exame de coletividade	878	4,5	332	4,4	71	3,3
Exame de contatos	826	4,2	209	2,8	55	2,6
Outros modos	179	0,9	91	1,2	31	1,4
Ignorado	89	0,5	49	0,6	10	0,5

Fonte: Sinan/SVS-MS.

\*Grau de incapacidade física 0, 1 e 2.

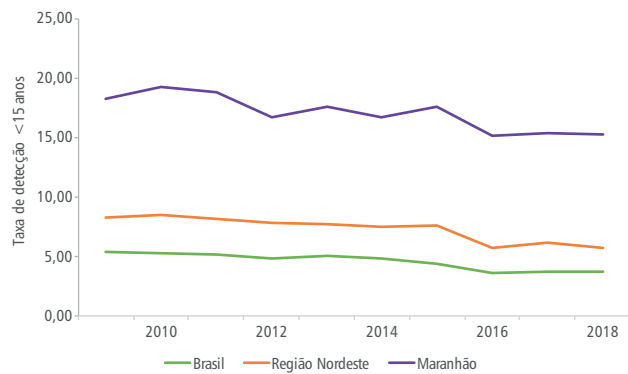


**FIGURA 72. Taxa de detecção geral de casos novos de hanseníase (por 100 mil hab.). Maranhão, região Nordeste e Brasil, 2009 a 2018**



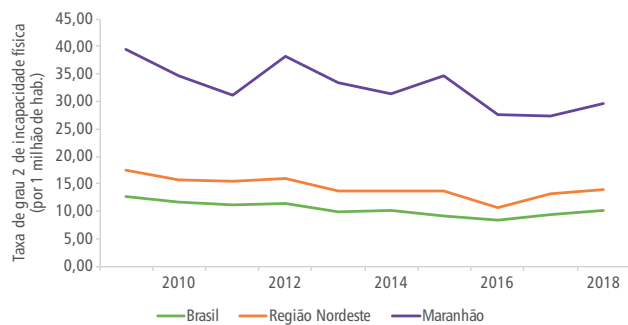
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 73. Taxa de detecção de casos novos de hanseníase em menores de 15 anos (por 100 mil hab.). Maranhão, região Nordeste e Brasil, 2009 a 2018**



Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 74. Taxa de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física no momento do diagnóstico (por 1 milhão de hab.). Maranhão, região Nordeste e Brasil, 2009 a 2018**



Fonte: Sinan/SVS-MS.

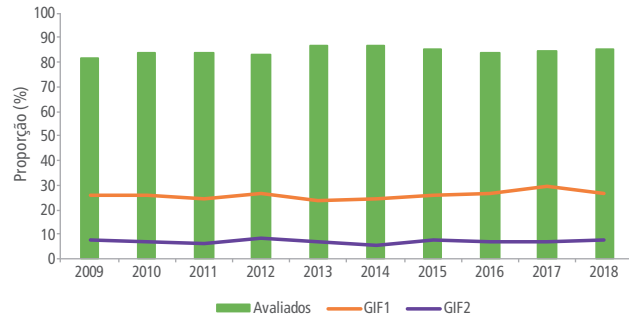
Ao longo do período, o Maranhão manteve-se no parâmetro “regular” para a avaliação do grau de incapacidade física no momento do diagnóstico. No que se refere ao GIF 2, esse indicador manteve-se estável em toda série histórica, obtendo, em 2018, 7,7% de GIF 2 e apresentando classificação “média”, segundo os parâmetros oficiais (Figura 75).

Na análise da proporção de casos novos com GIF 2 segundo nível de atenção, observa-se, ao longo da série, que o maior percentual de GIF 2 variou entre os três níveis de atenção. Os maiores percentuais ao longo da série ocorreram, na atenção primária, em 2012, com 8,3%; na atenção secundária, em 2016, com 8,8%; e na atenção terciária, em 2014, com 8,2% (Figura 76).

A avaliação do GIF na cura foi considerada “precária”, em todo período, com o menor percentual observado no ano de 2013 (Figura 77). Em relação aos casos que receberam alta por cura com avaliação da incapacidade, observa-se que 2009 foi o ano com o maior quantitativo de GIF 1 na alta, com 491 casos, e 2016, o ano com o maior quantitativo de GIF 2 na alta, com 161 casos (Figura 78). No período da análise, 5.694 indivíduos receberam alta do tratamento com alguma incapacidade física; destes, 1.361 (23,9%) foram avaliados com GIF 2.

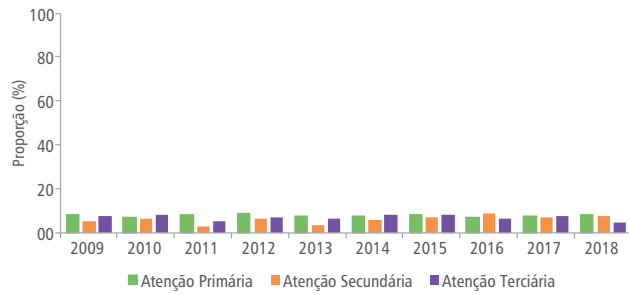


**FIGURA 75.** Proporção de casos novos de hanseníase quanto ao grau de incapacidade física, graus 1 e 2 no momento do diagnóstico. Maranhão, 2009 a 2018



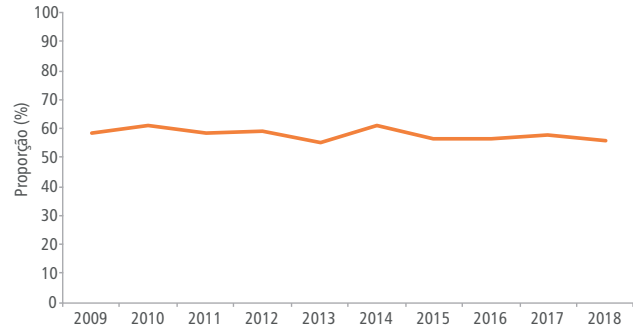
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 76.** Proporção de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física no momento do diagnóstico segundo nível de atenção. Maranhão, 2009 a 2018



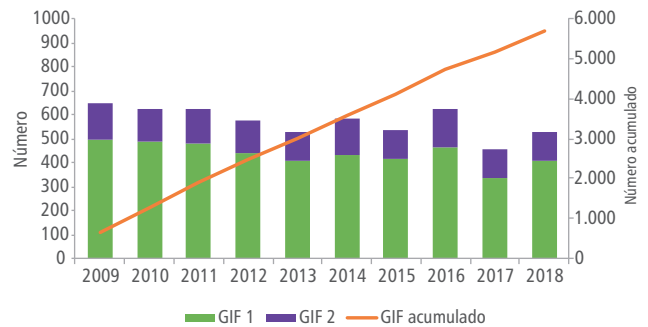
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 77.** Proporção de casos de hanseníase avaliados quanto ao grau de incapacidade física na cura. Maranhão, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 78.** Número de casos de hanseníase avaliados quanto ao grau de incapacidade física na cura. Maranhão, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.



# Mato Grosso

No período de 2009 a 2018, foram diagnosticados 29.684 casos novos de hanseníase no estado do Mato Grosso. Desses, 9.043 (30,5%) foram diagnosticados com incapacidade graus 1 e 2. O GIF 1 e 2 foi mais frequente na faixa etária de 30 a 59 anos, respondendo por mais de 55% dos casos. O sexo masculino foi predominante nos indivíduos avaliados quanto ao GIF 0, 1 e 2, sendo o grau 2 correspondente a 65,7% do total de avaliados (Tabela 12).

Essa situação também se verificou quando analisada a variável raça/cor, sendo a maior frequência observada nos pardos, com mais de 50% dos casos avaliados. Quanto à escolaridade, houve maior predomínio de GIF 2 em indivíduos com ensino fundamental incompleto, com 58,4%. Em relação à classificação operacional, os casos multibacilares também foram predominantes em todas as categorias do GIF, sendo a diferença mais acentuada nos casos com GIF 2, correspondendo a 95,6% dos casos. No que se refere ao modo de detecção, a demanda espontânea apresentou o maior percentual de grau 2, com 50,1% (Tabela 12).

O estado de Mato Grosso, no ano de 2018, apresentou parâmetro “hiperendêmico” tanto na população de menores de 15 anos de idade quanto na população geral. Quando analisado o período de 2009 a 2018, verifica-se que a taxa de detecção geral passou de 89,48 para 138,30 casos por 100 mil habitantes, correspondendo a um acréscimo de 54,6% (Figura 79). Esse aumento também foi observado na taxa de detecção anual de casos novos de hanseníase na população de zero a 14 anos, que passou de 17,37 para 24,56 casos por 100 mil habitantes, representando incremento de 41,4% (Figura 80).

A taxa de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física apresentou oscilação ao longo do tempo; em 2009, foi de 33,65, e em 2018, de 62,08 casos por 1 milhão de habitantes, com incremento de 84,5% no período (Figura 81). O comportamento das três taxas analisadas do estado difere do comportamento do país e região.

**TABELA 12. Caracterização dos casos novos de hanseníase segundo o grau de incapacidade física avaliado no diagnóstico. Mato Grosso, 2009 a 2018**

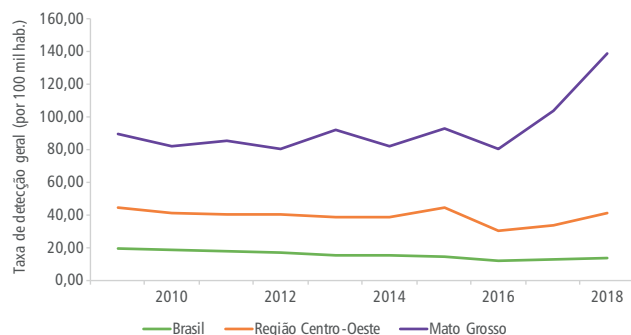
Variáveis	Grau 0*		Grau 1*		Grau 2*	
	n	%	n	%	n	%
	16.459	100	7.686	100	1.357	100
<b>Faixa etária</b>						
Menor de 15 anos	1.202	7,3	230	3,0	29	2,1
15-29	3.034	18,4	952	12,4	151	11,1
30-59	9.933	60,3	4.867	63,3	767	56,5
60 ou mais	2.290	13,9	1.637	21,3	410	30,2
<b>Sexo</b>						
Feminino	8.094	49,2	3.567	46,4	466	34,3
Masculino	8.365	50,8	4.119	53,6	891	65,7
Ignorado	-	-	-	-	-	-
<b>Raça/cor</b>						
Branca	5.568	33,8	2.553	33,2	433	31,9
Preta	1.941	11,8	989	12,9	188	13,9
Amarela	135	0,8	60	0,8	10	0,7
Parda	8.633	52,5	3.975	51,7	710	52,3
Indígena	54	0,3	42	0,5	8	0,6
Ignorado	128	0,8	67	0,9	8	0,6
<b>Escolaridade</b>						
Analfabeto	1.138	6,9	764	9,9	203	15,0
Ensino fundamental incompleto	8.281	50,3	4.040	52,6	792	58,4
Ensino fundamental completo e Ensino médio incompleto	2.598	15,8	1.098	14,3	149	11,0
Ensino médio completo e Educação superior incompleta	2.768	16,8	1.082	14,1	103	7,6
Educação superior completa	773	4,7	277	3,6	24	1,8
Não se aplica	151	0,9	12	0,2	0	0,0
Ignorado	750	4,6	413	5,4	86	6,3
<b>Classificação operacional</b>						
Paucibacilar	5.238	31,8	751	9,8	60	4,4
Multibacilar	11.221	68,2	6.935	90,2	1.297	95,6
Ignorado	-	-	-	-	-	-
<b>Modo de detecção</b>						
Encaminhamento	4.191	25,5	1.818	23,7	386	28,4
Demanda espontânea	8.162	49,6	3.723	48,4	680	50,1
Exame de coletividade	1.049	6,4	614	8,0	96	7,1
Exame de contatos	2.750	16,7	1.379	17,9	140	10,3
Outros modos	259	1,6	122	1,6	49	3,6
Ignorado	48	0,3	30	0,4	6	0,4

Fonte: Sinan/SVS-MS.

\*Grau de incapacidade física 0, 1 e 2.

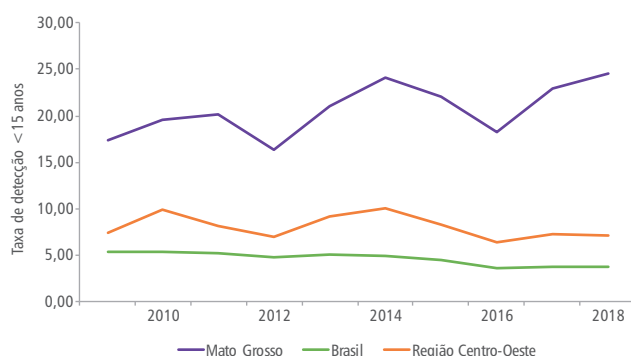


**FIGURA 79. Taxa de detecção geral de casos novos de hanseníase (por 100 mil hab.). Mato Grosso, região Centro-Oeste e Brasil, 2009 a 2018**



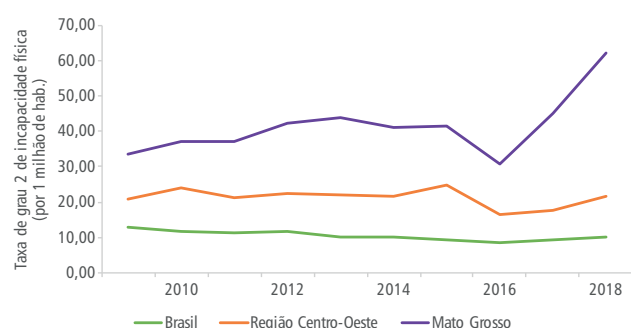
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 80. Taxa de detecção de casos novos de hanseníase em menores de 15 anos (por 100 mil hab.). Mato Grosso, região Centro-Oeste e Brasil, 2009 a 2018**



Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 81. Taxa de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física no momento do diagnóstico (por 1 milhão de hab.) Mato Grosso, região Centro-Oeste e Brasil, 2009 a 2018**



Fonte: Sinan/SVS-MS.

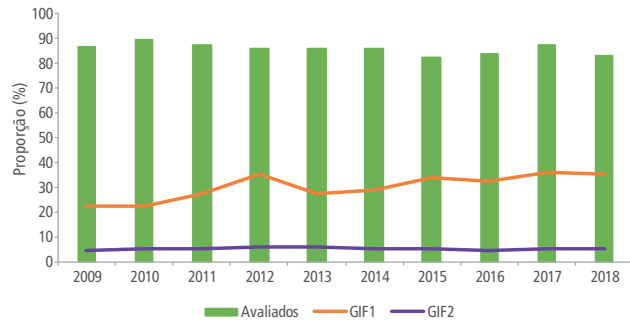
Ao longo do período, o Mato Grosso manteve-se no parâmetro “regular” para a avaliação do grau de incapacidade física no momento do diagnóstico. No que se refere ao GIF 2, esse indicador manteve-se estável em toda série histórica, obtendo 5,4% em 2018 e apresentando classificação “média”, segundo os parâmetros oficiais (Figura 82).

Na análise da proporção de casos novos com GIF 2 segundo nível de atenção, observa-se, ao longo da série, que o maior percentual de GIF 2 variou entre dois níveis de atenção. Os maiores percentuais observados ao longo da série foram 7,1% na atenção secundária, e 24,6% na atenção terciária, ambos em 2018 (Figura 83).

A avaliação do GIF na cura foi considerada “precária” na maior parte do período, com o menor percentual observado no ano de 2016 (Figura 84). Em relação aos casos que receberam alta por cura com avaliação da incapacidade, observa-se que 2014 foi o ano com o maior quantitativo de GIF 1 na alta, com 345 casos, e 2012, o ano com o maior quantitativo de GIF 2, com 69 casos (Figura 85). No período da análise, 3.602 indivíduos receberam alta do tratamento com alguma incapacidade física; destes, 598 (16,6%) foram avaliados com GIF 2.

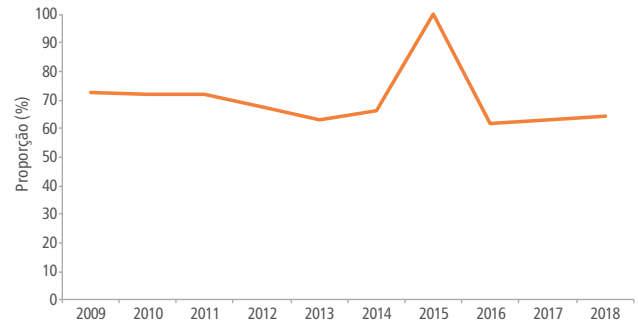


**FIGURA 82.** Proporção de casos novos de hanseníase quanto ao grau de incapacidade física, graus 1 e 2 no momento do diagnóstico. Mato Grosso, 2009 a 2018



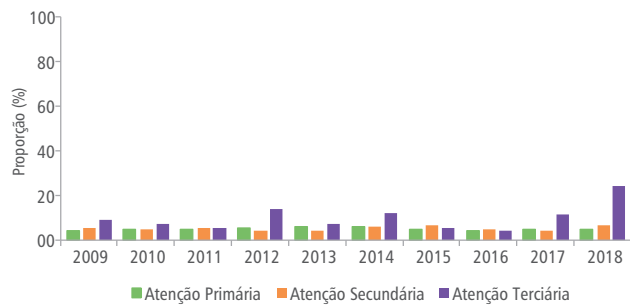
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 84.** Proporção de casos de hanseníase avaliados quanto ao grau de incapacidade física na cura. Mato Grosso, 2009 a 2018



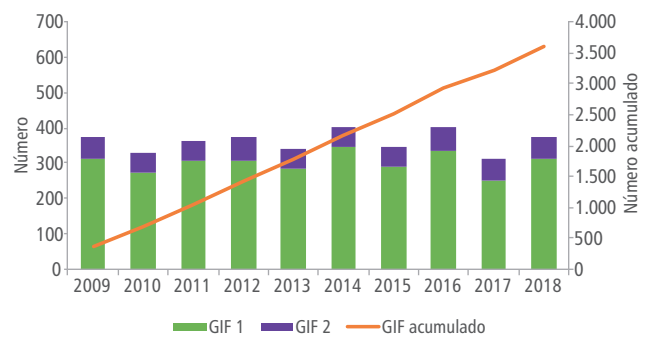
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 83.** Proporção de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física no momento do diagnóstico segundo nível de atenção. Mato Grosso, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 85.** Número de casos de hanseníase avaliados quanto ao grau de incapacidade física na cura. Mato Grosso, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.





# Mato Grosso do Sul

No período de 2009 a 2018, foram diagnosticados 6.598 casos novos de hanseníase no estado de Mato Grosso do Sul. Desses, 2.317 (35,1%) foram diagnosticados com incapacidade graus 1 e 2. O GIF 1 e 2 foi mais frequente na faixa etária de 30 a 59 anos, respondendo por mais de 50% dos casos. O sexo masculino foi predominante nos indivíduos avaliados quanto ao GIF 0, 1 e 2, sendo o grau 2 correspondente a 65,9% do total de avaliados (Tabela 13).

Essa situação também se verificou quando analisada a variável raça/cor, sendo a maior frequência observada nos pardos, com mais de 43% dos casos avaliados. Quanto à escolaridade, houve maior predomínio de GIF 2 em indivíduos com ensino fundamental incompleto, com 55,4%. Em relação à classificação operacional, os casos multibacilares também foram predominantes em todas as categorias do GIF, sendo a diferença mais acentuada nos casos com GIF 2, correspondendo a 95,2% dos casos. No que se refere ao modo de detecção, a demanda espontânea apresentou o maior percentual de grau 2, com 38,7% (Tabela 13).

O estado de Mato Grosso do Sul, no ano de 2018, apresentou parâmetro de endemicidade “médio” na população de menores de 15 anos de idade e “alto” na população geral. Quando analisado o período de 2009 a 2018, a taxa de detecção geral passou de 27,92 para 12,83 casos por 100 mil habitantes, correspondendo a um decréscimo de 54,1% (Figura 86). Essa redução também foi observada na taxa de detecção anual de casos novos de hanseníase na população de zero a 14 anos, que passou de 3,88 para 1,42 casos por 100 mil habitantes, representando declínio de 63,4% (Figura 87).

A taxa de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física apresentou oscilação ao longo do tempo. No ano de 2009, a taxa foi de 13,98, e em 2018, de 10,21 casos por 1 milhão de habitantes, com declínio de 27% no período (Figura 88). O comportamento das três taxas analisadas na UF acompanha o observado no país e na região.

**TABELA 13. Caracterização dos casos novos de hanseníase segundo o grau de incapacidade física avaliado no diagnóstico. Mato Grosso do Sul, 2009 a 2018**

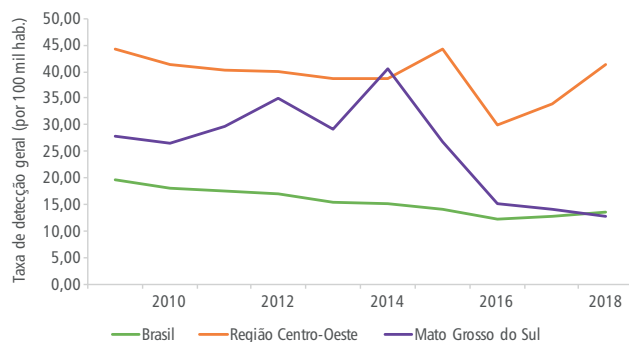
Variáveis	Grau 0*		Grau 1*		Grau 2*	
	n	%	n	%	n	%
	2.857	100	1.821	100	496	100
<b>Faixa etária</b>						
Menor de 15 anos	170	6,0	48	2,6	3	0,6
15-29	416	14,6	176	9,7	32	6,5
30-59	1.699	59,5	1.103	60,6	260	52,4
60 ou mais	572	20,0	494	27,1	201	40,5
<b>Sexo</b>						
Feminino	1.318	46,1	878	48,2	169	34,1
Masculino	1.539	53,9	943	51,8	327	65,9
Ignorado	-	-	-	-	-	-
<b>Raça/cor</b>						
Branca	1.217	42,6	758	41,6	193	38,9
Preta	273	9,6	175	9,6	62	12,5
Amarela	27	0,9	13	0,7	3	0,6
Parda	1.250	43,8	796	43,7	220	44,4
Indígena	25	0,9	11	0,6	4	0,8
Ignorado	65	2,3	68	3,7	14	2,8
<b>Escolaridade</b>						
Analfabeto	231	8,1	197	10,8	90	18,1
Ensino fundamental incompleto	1.438	50,3	913	50,1	275	55,4
Ensino fundamental completo e Ensino médio incompleto	364	12,7	183	10,0	30	6,0
Ensino médio completo e Educação superior incompleta	327	11,4	153	8,4	19	3,8
Educação superior completa	72	2,5	37	2,0	7	1,4
Não se aplica	24	0,8	7	0,4	2	0,4
Ignorado	401	14,0	331	18,2	73	14,7
<b>Classificação operacional</b>						
Paucibacilar	1.002	35,1	255	14,0	24	4,8
Multibacilar	1.855	64,9	1.566	86,0	472	95,2
Ignorado	-	-	-	-	-	-
<b>Modo de detecção</b>						
Encaminhamento	921	32,2	646	35,5	166	33,5
Demanda espontânea	1.171	41,0	680	37,3	192	38,7
Exame de coletividade	157	5,5	91	5,0	31	6,3
Exame de contatos	511	17,9	330	18,1	75	15,1
Outros modos	60	2,1	41	2,3	19	3,8
Ignorado	37	1,3	33	1,8	13	2,6

Fonte: Sinan/SVS-MS.

\*Grau de incapacidade física 0, 1 e 2.

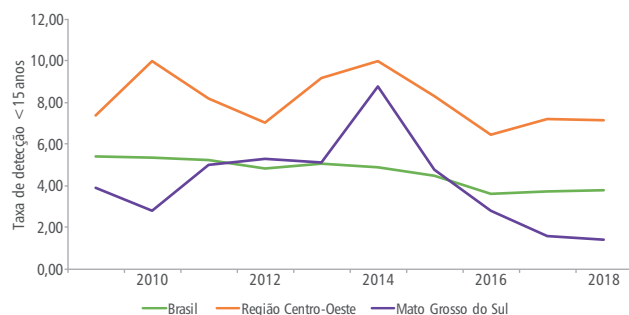


**FIGURA 86.** Taxa de detecção geral de casos novos de hanseníase (por 100 mil hab.). Mato Grosso do Sul, região Centro-Oeste e Brasil, 2009 a 2018



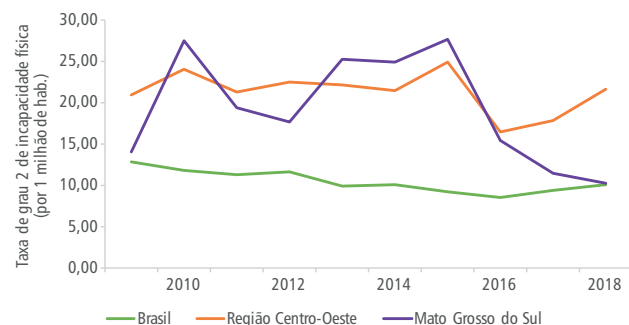
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 87.** Taxa de detecção de casos novos de hanseníase em menores de 15 anos (por 100 mil hab.). Mato Grosso do Sul, região Centro-Oeste e Brasil, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 88.** Taxa de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física no momento do diagnóstico (por 1 milhão de hab.). Mato Grosso do Sul, região Centro-Oeste e Brasil, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.

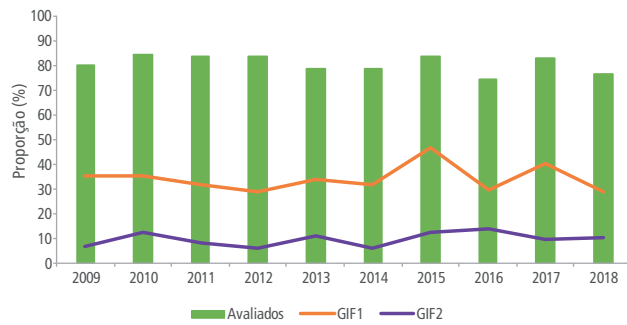
Ao longo do período, o Mato Grosso do Sul manteve-se no parâmetro “regular” para a avaliação do grau de incapacidade física no momento do diagnóstico, exceto no ano de 2016, que apresentou parâmetro “precário”. No que se refere ao GIF 2, esse indicador oscilou entre 6,1% em 2014, com o menor percentual, e 13,6% em 2016, com o maior percentual; em 2018, obteve 10,4%, apresentando classificação “alta”, segundo os parâmetros oficiais (Figura 89).

Na análise da proporção de casos novos com GIF 2 segundo nível de atenção, observa-se, ao longo da série, que o maior percentual variou entre dois níveis de atenção. Os maiores percentuais de GIF 2 ocorreram na atenção primária, com 13,5% em 2010, e na atenção terciária, com 24,3% em 2018 (Figura 90).

A avaliação do GIF na cura foi considerada “precária” em todo período, com o menor percentual observado no ano de 2009 (Figura 91). Em relação aos casos que receberam alta por cura com avaliação da incapacidade, observa-se que 2013 foi o ano com o maior quantitativo de GIF 1 na alta, com 175 casos, e 2014, o ano com o maior quantitativo de GIF 2 na alta, com 55 casos (Figura 92). No período da análise, 1.557 indivíduos receberam alta do tratamento com alguma incapacidade física; destes, 353 (22,7%) foram avaliados com GIF 2.

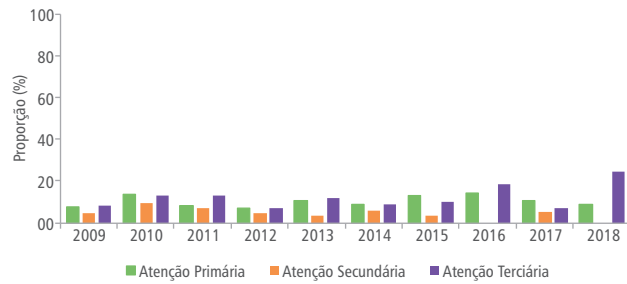


**FIGURA 89.** Proporção de casos novos de hanseníase quanto ao grau de incapacidade física, graus 1 e 2 no momento do diagnóstico. Mato Grosso do Sul, 2009 a 2018



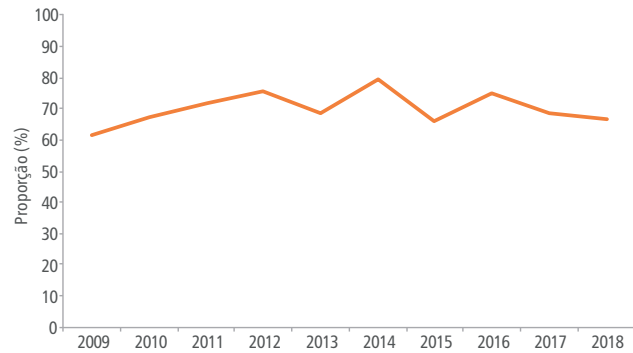
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 90.** Proporção de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física no momento do diagnóstico segundo nível de atenção. Mato Grosso do Sul, 2009 a 2018



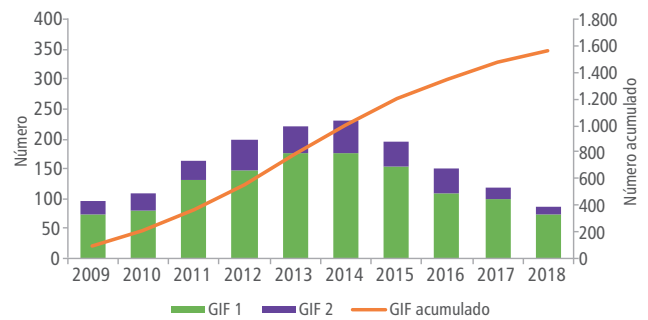
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 91.** Proporção de casos de hanseníase avaliados quanto ao grau de incapacidade física na cura. Mato Grosso do Sul, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 92.** Número de casos de hanseníase avaliados quanto ao grau de incapacidade física na cura. Mato Grosso do Sul, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.



# Minas Gerais

No período de 2009 a 2018, foram diagnosticados 13.315 casos novos de hanseníase no estado de Minas Gerais. Desses, 4.548 (34,2%) foram diagnosticados com incapacidade graus 1 e 2. O GIF 1 e 2 foi mais frequente na faixa etária de 30 a 59 anos, respondendo por mais de 50% dos casos. O sexo masculino foi predominante nos indivíduos avaliados quanto ao GIF 0, 1 e 2, sendo o grau 2 correspondente a 70,3% do total de avaliados (Tabela 14).

Essa situação também se verificou quando analisada a variável a raça/cor, sendo a maior frequência observada nos pardos, com mais de 41% dos casos avaliados. Quanto à escolaridade, houve maior predomínio de GIF 2 em indivíduos com ensino fundamental incompleto, com 55,2%. Em relação à classificação operacional, os casos multibacilares também foram predominantes em todas as categorias do GIF, sendo a diferença mais acentuada nos casos com GIF 2, correspondendo a 92,7% dos casos. No que se refere ao modo de detecção, o encaminhamento apresentou o maior percentual de grau 2, com 59,7% (Tabela 14).

O estado de Minas Gerais, no ano de 2018, apresentou endemicidade “média” tanto na população de menores de 15 anos de idade quanto na população geral. Quando analisado o período de 2009 a 2018, a taxa de detecção geral passou de 9,39 para 4,93 casos por 100 mil habitantes, correspondendo a um decréscimo de 47,5% (Figura 93). Essa redução também foi observada na taxa de detecção anual de casos novos de hanseníase na população de zero a 14 anos, que passou de 1,73 para 1,38 casos por 100 mil habitantes, representando incremento de 20,2% (Figura 94).

A taxa de casos novos com grau 2 de incapacidade física apresentou oscilação ao longo do tempo; em 2009, foi de 8,98, e em 2018, de 5,27 casos por 1 milhão de habitantes. Durante o período, o declínio no indicador foi de 41,3% (Figura 95). O comportamento das taxas de detecção geral e do GIF 2 analisadas na UF acompanha o observado no país e na região; entretanto, a taxa da população em menores de 15 anos apresentou diferenças.

**TABELA 14. Caracterização dos casos novos de hanseníase segundo o grau de incapacidade física avaliado no diagnóstico. Minas Gerais, 2009 a 2018**

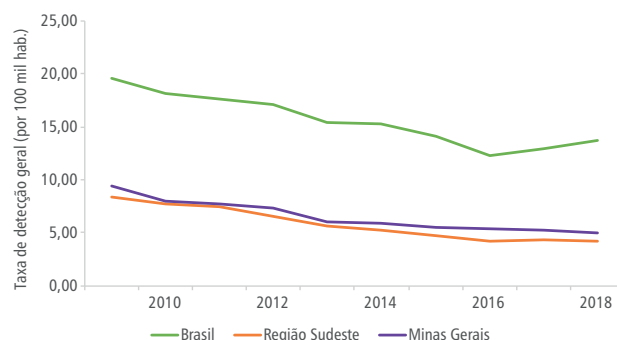
Variáveis	Grau 0*		Grau 1*		Grau 2*	
	n	%	n	%	n	%
	6.630	100	3.241	100	1.307	100
<b>Faixa etária</b>						
Menor de 15 anos	458	6,9	46	1,4	13	1,0
15-29	1.018	15,4	315	9,7	83	6,4
30-59	3.724	56,2	1.835	56,6	691	52,9
60 ou mais	1.430	21,6	1.045	32,2	520	39,8
<b>Sexo</b>						
Feminino	3.162	47,7	1.285	39,6	388	29,7
Masculino	3.468	52,3	1.956	60,4	919	70,3
Ignorado	-	-	-	-	-	-
<b>Raça/cor</b>						
Branca	2.354	35,5	1.212	37,4	455	34,8
Preta	981	14,8	516	15,9	227	17,4
Amarela	72	1,1	40	1,2	12	0,9
Parda	2.905	43,8	1.340	41,3	555	42,5
Indígena	21	0,3	10	0,3	4	0,3
Ignorado	297	4,5	123	3,8	54	4,1
<b>Escolaridade</b>						
Analfabeto	522	7,9	419	12,9	225	17,2
Ensino fundamental incompleto	3.262	49,2	1.746	53,9	721	55,2
Ensino fundamental completo e Ensino médio incompleto	826	12,5	293	9,0	81	6,2
Ensino médio completo e Educação superior incompleta	883	13,3	285	8,8	69	5,3
Educação superior completa	238	3,6	68	2,1	14	1,1
Não se aplica	74	1,1	4	0,1	0	0,0
Ignorado	825	12,4	426	13,1	197	15,1
<b>Classificação operacional</b>						
Paucibacilar	2.708	40,8	471	14,5	95	7,3
Multibacilar	3.922	59,2	2.769	85,4	1.212	92,7
Ignorado	0	0,0	1	0,0	0	0,0
<b>Modo de detecção</b>						
Encaminhamento	3.350	50,5	1.719	53,0	776	59,4
Demanda espontânea	2.283	34,4	1.191	36,7	411	31,4
Exame de coletividade	111	1,7	56	1,7	13	1,0
Exame de contatos	745	11,2	201	6,2	62	4,7
Outros modos	114	1,7	52	1,6	35	2,7
Ignorado	27	0,4	22	0,7	10	0,8

Fonte: Sinan/SVS-MS.

\*Grau de incapacidade física 0, 1 e 2.

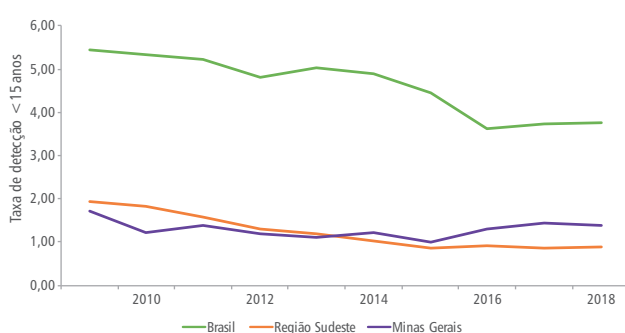


**FIGURA 93. Taxa de detecção geral de casos novos de hanseníase (por 100 mil hab.). Minas Gerais, região Sudeste e Brasil, 2009 a 2018**



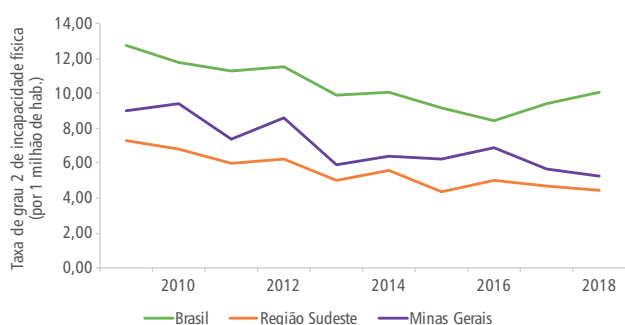
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 94. Taxa de detecção de casos novos de hanseníase em menores de 15 anos (por 100 mil hab.). Minas Gerais, região Sudeste e Brasil, 2009 a 2018**



Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 95. Taxa de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física no momento do diagnóstico (por 1 milhão de hab.). Minas Gerais, região Sudeste e Brasil, 2009 a 2018**



Fonte: Sinan/SVS-MS.

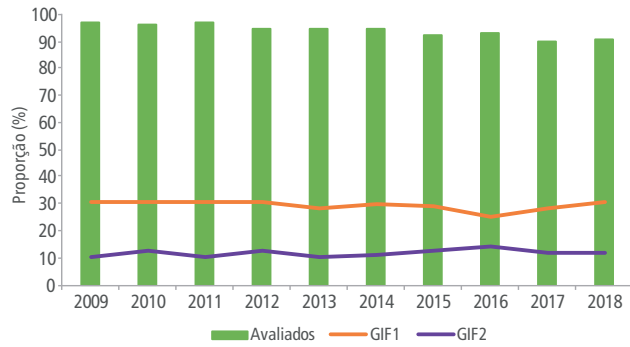
Ao longo do período, Minas Gerais manteve-se no parâmetro “bom” para a avaliação do grau de incapacidade física no momento do diagnóstico, exceto no ano de 2017, que apresentou parâmetro “regular”. No que se refere ao GIF 2, esse indicador oscilou entre 9,9% em 2009, como o menor percentual, e 13,8% em 2016, como o maior percentual; em 2018, obteve 11,8%, apresentando classificação “alta”, segundo os parâmetros oficiais (Figura 96).

Na análise da proporção de casos novos com GIF 2 segundo nível de atenção, ao longo da série, o maior percentual variou entre dois níveis de atenção, ocorrendo na atenção primária, com 13,1% em 2012, e na atenção terciária, com 26,2% em 2016 (Figura 97).

A avaliação do GIF na cura foi considerada “precária” em todo período, com o menor percentual observado no ano de 2018 (Figura 98). Em relação aos casos que receberam alta por cura com avaliação da incapacidade, o ano de 2009 apresentou o maior quantitativo de GIF 1 e de GIF 2 na alta, com 414 e 141 casos, respectivamente (Figura 99). No período da análise, 3.559 indivíduos receberam alta do tratamento com alguma incapacidade física; destes, 1.037 (29,1%) foram avaliados com GIF 2.

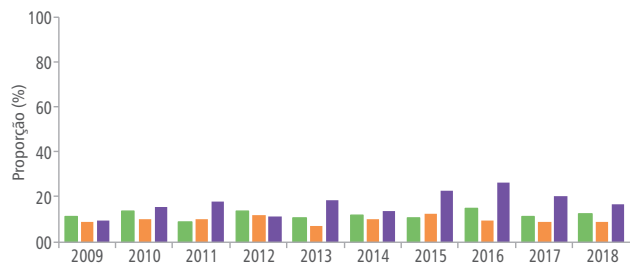


**FIGURA 96.** Proporção de casos novos de hanseníase quanto ao grau de incapacidade física, graus 1 e 2 no momento do diagnóstico. Minas Gerais, 2009 a 2018



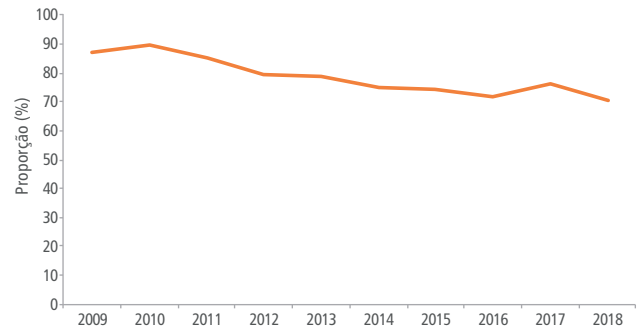
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 97.** Proporção de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física no momento do diagnóstico segundo nível de atenção. Minas Gerais, 2009 a 2018



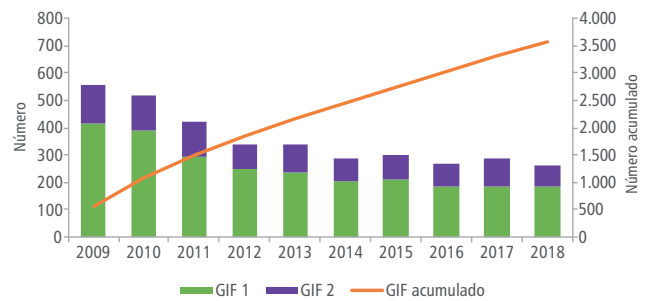
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 98.** Proporção de casos de hanseníase avaliados quanto ao grau de incapacidade física na cura. Minas Gerais, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 99.** Número de casos de hanseníase avaliados quanto ao grau de incapacidade física na cura. Minas Gerais, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.



# Pará

No período de 2009 a 2018, foram diagnosticados 32.926 casos novos de hanseníase no estado do Pará. Desses, 8.866 (26,9%) foram diagnosticados com incapacidade graus 1 e 2. O GIF 1 e 2 foi mais frequente na faixa etária de 30 a 59 anos, respondendo por mais de 49% dos casos. O sexo masculino foi predominante nos indivíduos avaliados quanto ao GIF 0, 1 e 2, sendo o grau 2 correspondente a 75,9% do total de avaliados. Essa situação também se verificou quando analisada a variável raça/cor, sendo a maior frequência observada nos pardos, com mais de 60% dos casos avaliados (Tabela 15).

Quanto à escolaridade, houve maior predomínio de GIF 2 em indivíduos com ensino fundamental incompleto, com 58,0%. Em relação à classificação operacional, os casos multibacilares também foram predominantes em todas as categorias do GIF, sendo a diferença mais acentuada nos casos com GIF 2, correspondendo a 95,6% dos casos. No que se refere ao modo de detecção, a demanda espontânea apresentou o maior percentual de grau 2, com 47,5% (Tabela 15).

O estado do Pará, no ano de 2018, apresentou parâmetro “hiperendêmico” na população de menores de 15 anos de idade e “muito alto” na população geral. Quando analisado o período de 2009 a 2018, a taxa de detecção geral passou de 55,70 para 30,44 casos por 100 mil habitantes, correspondendo a um decréscimo de 45,4% (Figura 100). Essa redução também foi observada na taxa de detecção anual de casos novos de hanseníase na população de zero a 14 anos, que passou de 19,11 para 11,10 casos por 100 mil habitantes, representando declínio de 41,9% (Figura 101).

A taxa de casos novos com grau 2 de incapacidade física apresentou oscilação ao longo do tempo; em 2009, foi de 30,28, e em 2018, de 23,53 casos por 1 milhão de habitantes. Durante o período, o decréscimo no indicador foi de 22,3% (Figura 102). O comportamento das taxas de detecção geral e em menores de 15 anos analisadas na UF acompanha o observado no país e na região; entretanto, a taxa do GIF 2 apresentou diferença em relação à região Norte.

**TABELA 15. Caracterização dos casos novos de hanseníase segundo o grau de incapacidade física avaliado no diagnóstico. Pará, 2009 a 2018**

Variáveis	Grau 0*		Grau 1*		Grau 2*	
	n	%	n	%	n	%
	20.546	100	6.801	100	1.885	100
<b>Faixa etária</b>						
Menor de 15 anos	2.785	13,6	369	5,4	101	5,4
15-29	5.492	26,7	1.284	18,9	341	18,1
30-59	9.858	48,0	3.647	53,6	936	49,7
60 ou mais	2.411	11,7	1.501	22,1	507	26,9
<b>Sexo</b>						
Feminino	8.898	43,3	2.290	33,7	455	24,1
Masculino	11.648	56,7	4.508	66,3	1.430	75,9
Ignorado	0	0,0	3	0,0	0	0,0
<b>Raça/cor</b>						
Branca	2.761	13,4	977	14,4	277	14,7
Preta	2.628	12,8	885	13,0	256	13,6
Amarela	157	0,8	45	0,7	19	1,0
Parda	14.645	71,3	4.748	69,8	1.301	69,0
Indígena	87	0,4	45	0,7	9	0,5
Ignorado	268	1,3	101	1,5	23	1,2
<b>Escolaridade</b>						
Analfabeto	1.554	7,6	969	14,2	370	19,6
Ensino fundamental incompleto	11.739	57,1	3.995	58,7	1.093	58,0
Ensino fundamental completo e Ensino médio incompleto	2.741	13,3	668	9,8	157	8,3
Ensino médio completo e Educação superior incompleta	2.571	12,5	589	8,7	138	7,3
Educação superior completa	378	1,8	78	1,1	20	1,1
Não se aplica	241	1,2	18	0,3	0	0,0
Ignorado	1.322	6,4	484	7,1	107	5,7
<b>Classificação operacional</b>						
Paucibacilar	9.262	45,1	775	11,4	82	4,4
Multibacilar	11.284	54,9	6.026	88,6	1.803	95,6
Ignorado	-	-	-	-	-	-
<b>Modo de detecção</b>						
Encaminhamento	7.205	35,1	2.593	38,1	823	43,7
Demanda espontânea	10.885	53,0	3.456	50,8	896	47,5
Exame de coletividade	903	4,4	267	3,9	46	2,4
Exame de contatos	1.264	6,2	361	5,3	65	3,4
Outros modos	204	1,0	87	1,3	38	2,0
Ignorado	85	0,4	37	0,5	17	0,9

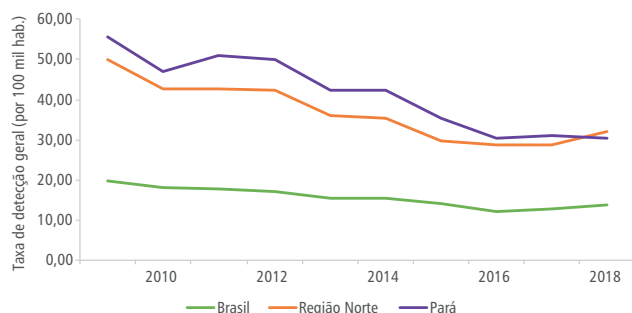
Fonte: Sinan/SVS-MS.

\*Grau de incapacidade física 0, 1 e 2.



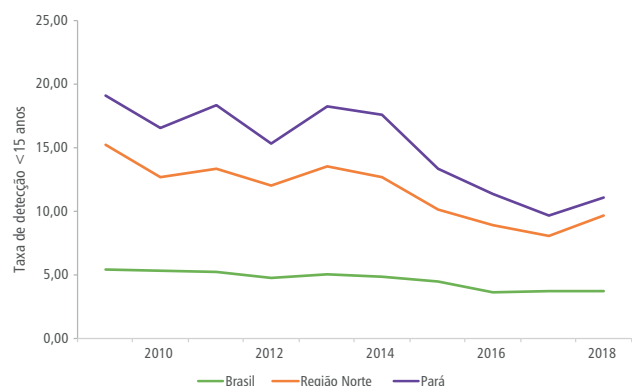


**FIGURA 100.** Taxa de detecção geral de casos novos de hanseníase (por 100 mil hab.). Pará, região Norte e Brasil, 2009 a 2018



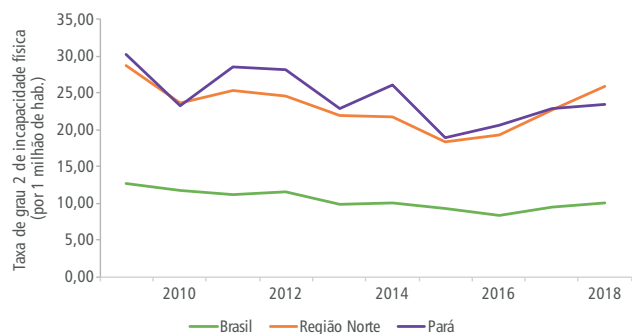
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 101.** Taxa de detecção de casos novos de hanseníase em menores de 15 anos (por 100 mil hab.). Pará, região Norte e Brasil, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 102.** Taxa de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física no momento do diagnóstico (por 1 milhão de hab.). Pará, região Norte e Brasil, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.

Ao longo do período, o Pará manteve-se no parâmetro “bom” para a avaliação do grau de incapacidade física no momento do diagnóstico. No que se refere ao GIF 2, esse indicador manteve-se estável em toda a série histórica, alcançando 8,3% em 2018 e apresentando classificação “média”, segundo os parâmetros oficiais (Figura 103).

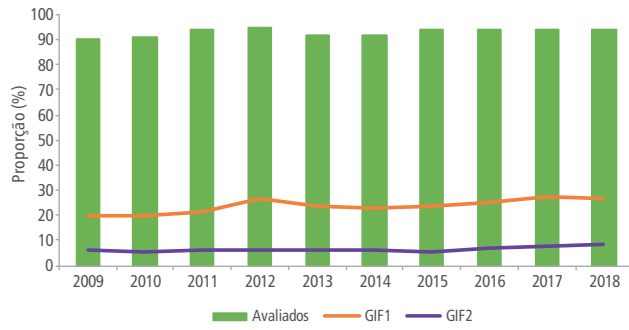
Na análise da proporção de casos novos com GIF 2 segundo nível de atenção, o maior percentual variou entre dois níveis de atenção. Os maiores percentuais ao longo da série ocorrem na atenção secundária, com 13,1% em 2009, e na atenção terciária, com 11,1% em 2011 e 2017 (Figura 104).

A avaliação do GIF na cura foi “precária” em todo período, com o menor percentual observado no ano de 2009 (Figura 105). Em relação aos casos que receberam alta por cura com avaliação da incapacidade, observa-se que 2014 foi o ano com o maior quantitativo de GIF 1 na alta, com 419 casos, e 2013 o ano com o maior quantitativo de GIF 2 na alta, com 127 casos (Figura 106). No período da análise, 4.671 indivíduos receberam alta do tratamento com alguma incapacidade física; destes, 1.155 (24,7%) foram avaliados com GIF 2.



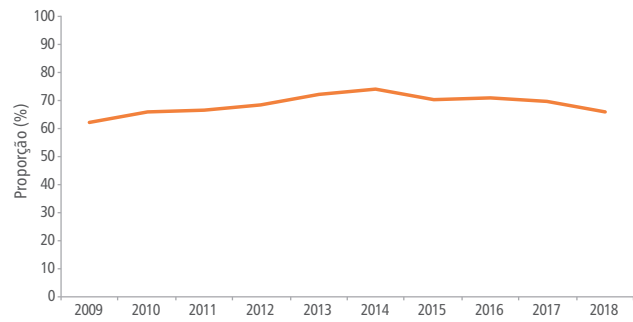


**FIGURA 103.** Proporção de casos novos de hanseníase quanto ao grau de incapacidade física, graus 1 e 2 no momento do diagnóstico. Pará, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 105.** Proporção de casos de hanseníase avaliados quanto ao grau de incapacidade física na cura. Pará, 2009 a 2018



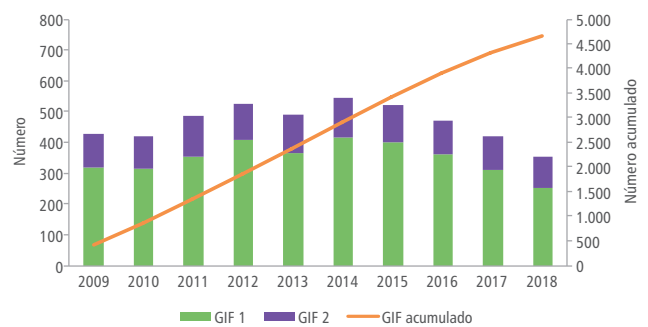
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 104.** Proporção de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física no momento do diagnóstico segundo nível de atenção. Pará, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 106.** Número de casos de hanseníase avaliados quanto ao grau de incapacidade física na cura. Pará, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.



# Paraíba

No período de 2009 a 2018, foram diagnosticados 5.948 casos novos de hanseníase no estado da Paraíba. Desses, 1.575 (26,5%) foram diagnosticados com incapacidade graus 1 e 2. O GIF 1 e 2 foi mais frequente na faixa etária de 30 a 59 anos, respondendo por mais de 50% dos casos. O sexo masculino foi predominante nos indivíduos avaliados quanto ao GIF 1 e 2, sendo o grau 2 correspondente a 70,7% do total de avaliados (Tabela 16).

Essa situação também se verificou quando analisada a variável raça/cor, sendo a maior frequência observada nos pardos, com mais de 58% dos casos avaliados. Quanto à escolaridade, houve maior predomínio de GIF 2 em indivíduos com ensino fundamental incompleto, com 47,0%. Em relação à classificação operacional, os casos multibacilares também foram predominantes em todas as categorias do GIF, sendo a diferença mais acentuada nos casos com GIF 2, correspondendo a 89,4% dos casos. No que se refere ao modo de detecção, o encaminhamento apresentou o maior percentual de grau 2, com 68,9% (Tabela 16).

O estado da Paraíba, no ano de 2018, apresentou endemicidade “média” na população de menores de 15 anos de idade e “alta” na população geral. Quando analisado o período de 2009 a 2018, a taxa de detecção geral passou de 19,34 para 12,79 casos por 100 mil habitantes, correspondendo a um decréscimo de 33,9% (Figura 107). Essa redução também foi observada na taxa de detecção anual de casos novos de hanseníase na população de zero a 14 anos, que passou de 5,17 para 2,07 casos por 100 mil habitantes, representando declínio de 60,0% (Figura 108).

A taxa de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física apresentou oscilação ao longo do tempo; em 2009, alcançou 14,85, e em 2018, 11,85 casos por 1 milhão de habitantes. Durante o período, o decréscimo no indicador foi de 20,2% (Figura 109). O comportamento das taxas de detecção geral e em menores de 15 anos analisadas na UF acompanha o observado no país e na região; entretanto, a taxa do GIF 2 foi diferente das verificadas no Brasil e no Nordeste.

**TABELA 16. Caracterização dos casos novos de hanseníase segundo o grau de incapacidade física avaliado no diagnóstico. Paraíba, 2009 a 2018**

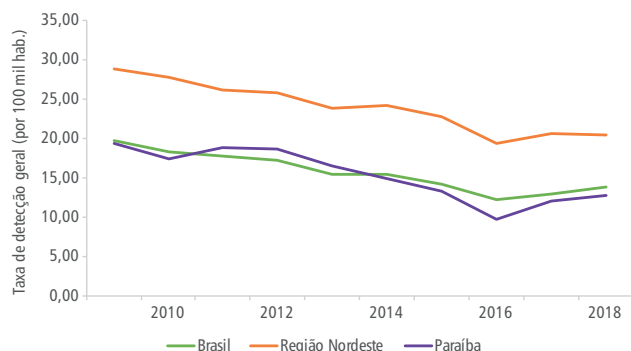
Variáveis	Grau 0*		Grau 1*		Grau 2*	
	n	%	n	%	n	%
	3.018	100	1.179	100	396	100
<b>Faixa etária</b>						
Menor de 15 anos	239	7,9	32	2,7	6	1,5
15-29	587	19,4	159	13,5	59	14,9
30-59	1.608	53,3	630	53,4	198	50,0
60 ou mais	584	19,4	358	30,4	133	33,6
<b>Sexo</b>						
Feminino	1.533	50,8	495	42,0	116	29,3
Masculino	1.485	49,2	684	58,0	280	70,7
Ignorado	-	-	-	-	-	-
<b>Raça/cor</b>						
Branca	858	28,4	305	25,9	98	24,7
Preta	299	9,9	143	12,1	50	12,6
Amarela	34	1,1	13	1,1	1	0,3
Parda	1.758	58,3	694	58,9	242	61,1
Indígena	11	0,4	6	0,5	1	0,3
Ignorado	58	1,9	18	1,5	4	1,0
<b>Escolaridade</b>						
Analfabeto	299	9,9	210	17,8	90	22,7
Ensino fundamental incompleto	1.401	46,4	589	50,0	186	47,0
Ensino fundamental completo e Ensino médio incompleto	377	12,5	127	10,8	45	11,4
Ensino médio completo e Educação superior incompleta	408	13,5	100	8,5	26	6,6
Educação superior completa	128	4,2	24	2,0	7	1,8
Não se aplica	47	1,6	1	0,1	1	0,3
Ignorado	358	11,9	128	10,9	41	10,4
<b>Classificação operacional</b>						
Paucibacilar	1.669	55,3	305	25,9	42	10,6
Multibacilar	1.349	44,7	874	74,1	354	89,4
Ignorado	-	-	-	-	-	-
<b>Modo de detecção</b>						
Encaminhamento	1.887	62,5	770	65,3	273	68,9
Demanda espontânea	914	30,3	333	28,2	102	25,8
Exame de coletividade	51	1,7	18	1,5	5	1,3
Exame de contatos	93	3,1	25	2,1	4	1,0
Outros modos	42	1,4	24	2,0	7	1,8
Ignorado	31	1,0	9	0,8	5	1,3

Fonte: Sinan/SVS-MS.

\*Grau de incapacidade física 0, 1 e 2.

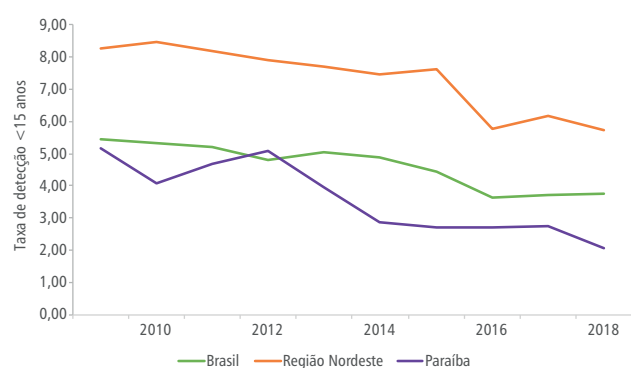


**FIGURA 107.** Taxa de detecção geral de casos novos de hanseníase (por 100 mil hab.). Paraíba, região Nordeste e Brasil, 2009 a 2018



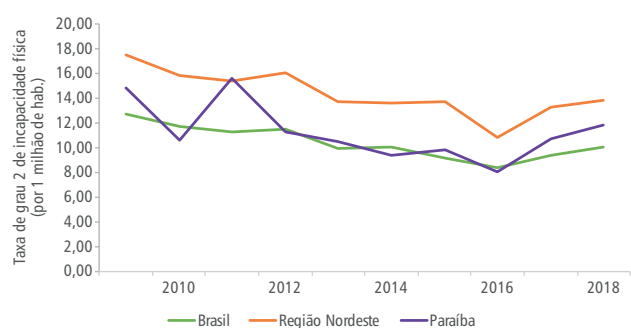
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 108.** Taxa de detecção de casos novos de hanseníase em menores de 15 anos (por 100 mil hab.). Paraíba, região Nordeste e Brasil, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 109.** Taxa de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física no momento do diagnóstico (por 1 milhão de hab.). Paraíba, região Nordeste e Brasil, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.

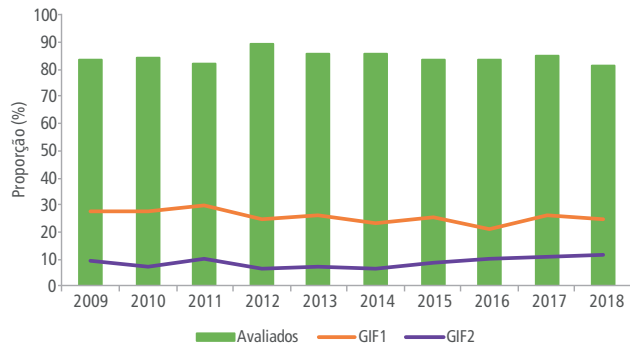
Ao longo do período, a Paraíba manteve-se no parâmetro “regular” para a avaliação do grau de incapacidade física no momento do diagnóstico. No que se refere ao GIF 2, esse indicador oscilou entre 6,3% em 2014, com o menor percentual, e 11,4% em 2018, com o maior percentual, obtendo classificação “alta”, segundo os parâmetros oficiais (Figura 110).

Na análise da proporção de casos novos com GIF 2 segundo nível de atenção, o maior percentual de GIF 2 variou entre dois níveis de atenção. Os maiores percentuais ao longo da série ocorreram na atenção secundária, com 21,7% em 2016, e na atenção terciária, com 15,4% em 2017 (Figura 111).

A avaliação do GIF na cura foi considerada “precária” em todo período, com o menor percentual observado no ano de 2018 (Figura 112). Em relação aos casos que receberam alta por cura com avaliação da incapacidade, observa-se que 2009 foi o ano com o maior quantitativo de GIF 1 e 2 na alta, com 96 e 42 casos, respectivamente (Figura 113). No período da análise, 833 indivíduos receberam alta do tratamento com alguma incapacidade física; destes, 226 (27,1%) foram avaliados com GIF 2.

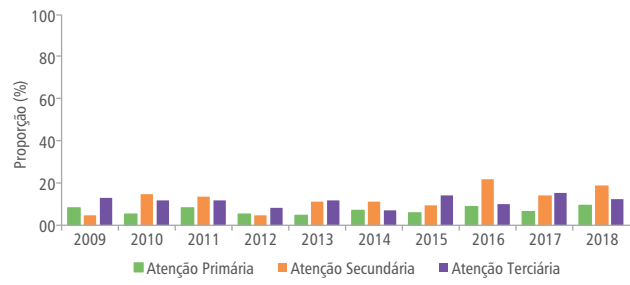


**FIGURA 110.** Proporção de casos novos de hanseníase quanto ao grau de incapacidade física, graus 1 e 2 no momento do diagnóstico. Paraíba, 2009 a 2018



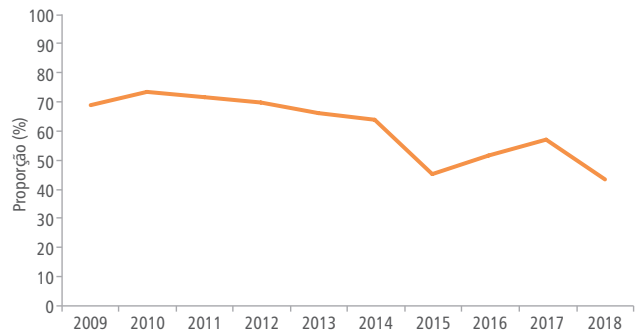
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 111.** Proporção de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física no momento do diagnóstico segundo nível de atenção. Paraíba, 2009 a 2018



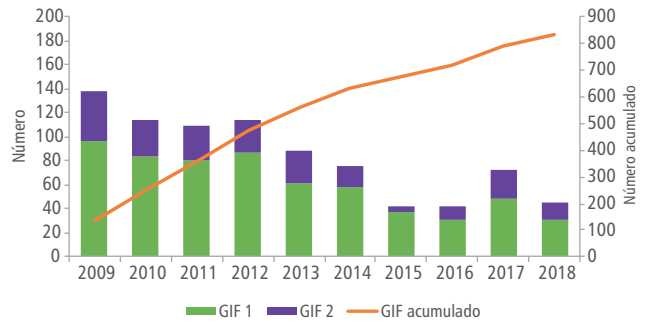
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 112.** Proporção de casos de hanseníase avaliados quanto ao grau de incapacidade física na cura. Paraíba, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 113.** Número de casos de hanseníase avaliados quanto ao grau de incapacidade física na cura. Paraíba, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.



# Paraná

No período de 2009 a 2018, foram diagnosticados 8.295 casos novos de hanseníase no estado do Paraná. Desses, 3.453 (41,6%) foram diagnosticados com incapacidade graus 1 e 2. O GIF 1 e 2 foi mais frequente na faixa etária de 30 a 59 anos, respondendo por mais de 50% dos casos. O sexo masculino foi predominante nos indivíduos avaliados quanto ao GIF 0, 1 e 2, sendo o grau 2 correspondente a 70,8% do total de avaliados (Tabela 17).

Essa situação também se verificou quando analisada a variável raça/cor, sendo a maior frequência observada nos brancos, com mais de 70% dos casos avaliados. Quanto à escolaridade, houve maior predomínio de GIF 2 em indivíduos com ensino fundamental incompleto, com 60,1%. Em relação à classificação operacional, os casos multibacilares também foram predominantes em todas as categorias do GIF, sendo a diferença mais acentuada nos casos com GIF 2, correspondendo a 94,9% dos casos. No que se refere ao modo de detecção, o encaminhamento apresentou o maior percentual de grau 2, com 58,9% (Tabela 17).

O estado do Paraná, no ano de 2018, apresentou endemicidade “baixa” na população de menores de 15 anos de idade e “média” na população geral. Quando analisado o período de 2009 a 2018, a taxa de detecção geral passou de 11,17 para 4,91 casos por 100 mil habitantes, correspondendo a um decréscimo de 56% (Figura 114). Essa redução também foi observada na taxa de detecção anual de casos novos de hanseníase na população de zero a 14 anos, que passou de 0,63 para 0,30 casos por 100 mil habitantes, representando declínio de 52,4% (Figura 115).

A taxa de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física apresentou oscilação ao longo do tempo; em 2009, alcançou 13,57, e em 2018, 6,05 casos por 1 milhão de habitantes. Durante o período, a redução no indicador foi de 55,4% (Figura 116). O comportamento das três taxas analisadas do estado acompanha o observado no país e na região Sul.

**TABELA 17. Caracterização dos casos novos de hanseníase segundo o grau de incapacidade física avaliado no diagnóstico. Paraná, 2009 a 2018**

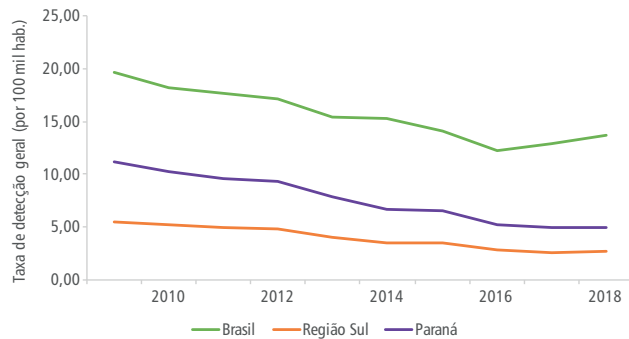
Variáveis	Grau 0*		Grau 1*		Grau 2*	
	n	%	n	%	n	%
	4.402	100	2.625	100	828	100
<b>Faixa etária</b>						
Menor de 15 anos	95	2,2	7	0,3	3	0,4
15-29	615	14,0	184	7,0	29	3,5
30-59	2.572	58,4	1.509	57,5	447	54,0
60 ou mais	1.120	25,4	925	35,2	349	42,1
<b>Sexo</b>						
Feminino	2.030	46,1	1.008	38,4	242	29,2
Masculino	2.371	53,9	1.617	61,6	586	70,8
Ignorado	1	0,0	0	0,0	0	0,0
<b>Raça/cor</b>						
Branca	3.151	71,6	1.872	71,3	602	72,7
Preta	232	5,3	164	6,2	58	7,0
Amarela	25	0,6	12	0,5	7	0,8
Parda	949	21,6	537	20,5	143	17,3
Indígena	5	0,1	5	0,2	2	0,2
Ignorado	40	0,9	35	1,3	16	1,9
<b>Escolaridade</b>						
Analfabeto	379	8,6	311	11,8	142	17,1
Ensino fundamental incompleto	2.515	57,1	1.642	62,6	498	60,1
Ensino fundamental completo e Ensino médio incompleto	524	11,9	229	8,7	57	6,9
Ensino médio completo e Educação superior incompleta	551	12,5	169	6,4	37	4,5
Educação superior completa	124	2,8	41	1,6	4	0,5
Não se aplica	19	0,4	0	0,0	0	0,0
Ignorado	290	6,6	233	8,9	90	10,9
<b>Classificação operacional</b>						
Paucibacilar	1.518	34,5	279	10,6	42	5,1
Multibacilar	2.884	65,5	2.346	89,4	786	94,9
Ignorado	-	-	-	-	-	-
<b>Modo de detecção</b>						
Encaminhamento	2.434	55,3	1.553	59,2	488	58,9
Demanda espontânea	1.558	35,4	871	33,2	278	33,6
Exame de coletividade	23	0,5	14	0,5	2	0,2
Exame de contatos	309	7,0	130	5,0	33	4,0
Outros modos	73	1,7	50	1,9	24	2,9
Ignorado	5	0,1	7	0,3	3	0,4

Fonte: Sinan/SVS-MS.

\*Grau de incapacidade física 0, 1 e 2.

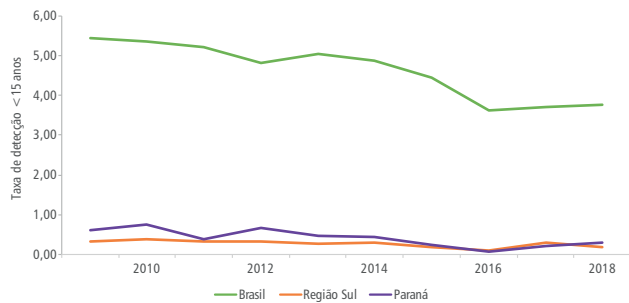


**FIGURA 114. Taxa de detecção geral de casos novos de hanseníase (por 100 mil hab.). Paraná, região Sul e Brasil, 2009 a 2018**



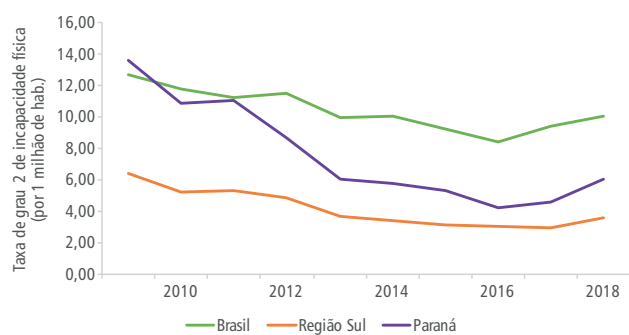
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 115. Taxa de detecção de casos novos de hanseníase em menores de 15 anos (por 100 mil hab.). Paraná, região Sul e Brasil, 2009 a 2018**



Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 116. Taxa de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física no momento do diagnóstico (por 1 milhão de hab.). Paraná, região Sul e Brasil, 2009 a 2018**



Fonte: Sinan/SVS-MS.

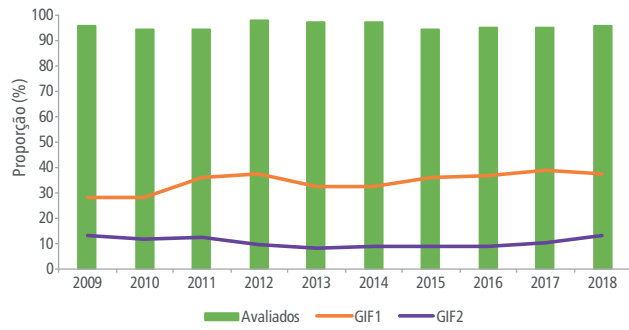
Ao longo do período, o Paraná manteve-se no parâmetro “bom” para a avaliação do grau de incapacidade física no momento do diagnóstico. No que se refere ao GIF 2, esse indicador oscilou entre 8,6% em 2014, com o menor percentual e 12,7% em 2009, com o maior percentual, apresentando classificação “média” e “alta”, respectivamente (Figura 117).

Na análise da proporção de casos novos com GIF 2 segundo nível de atenção, o maior percentual variou em dois níveis de atenção. Os maiores percentuais ao longo da série ocorreram na atenção secundária, com 15,3%, e na atenção terciária, com 29,4%, ambos em 2017 (Figura 118).

A avaliação do GIF na cura foi considerada “regular” na maior parte do período, com o menor percentual observado no ano de 2015 (Figura 119). Em relação aos casos que receberam alta por cura com avaliação da incapacidade, observa-se que 2009 foi o ano com o maior quantitativo de GIF 1 na alta, com 327 casos, e 2012 o ano com o maior quantitativo de GIF 2 na alta, com 125 casos (Figura 120). No período da análise, 3.216 indivíduos receberam alta do tratamento com alguma incapacidade física; destes, 866 (26,9%) foram avaliados com GIF 2.

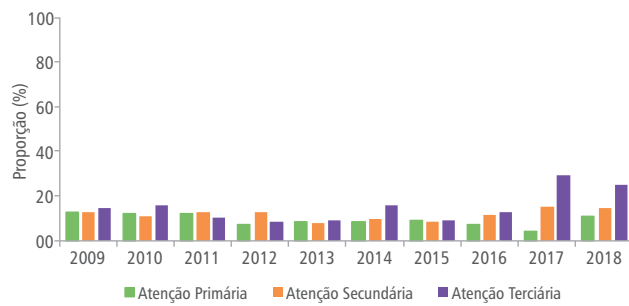


**FIGURA 117.** Proporção de casos novos de hanseníase quanto ao grau de incapacidade física, graus 1 e 2 no momento do diagnóstico. Paraná, 2009 a 2018



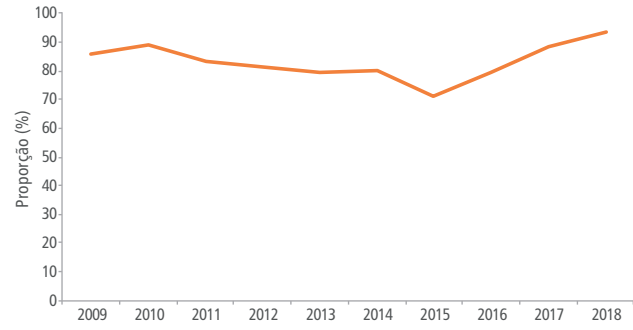
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 118.** Proporção de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física no momento do diagnóstico segundo nível de atenção. Paraná, 2009 a 2018



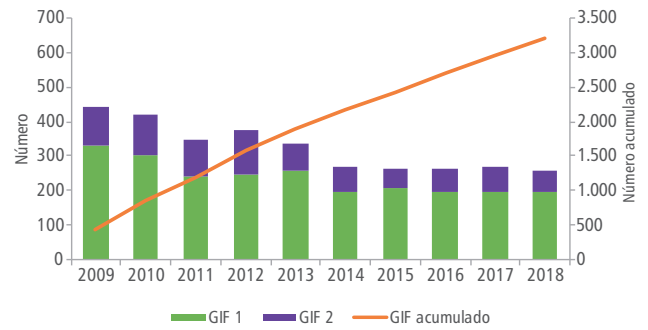
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 119.** Proporção de casos de hanseníase avaliados quanto ao grau de incapacidade física na cura. Paraná, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 120.** Número de casos de hanseníase avaliados quanto ao grau de incapacidade física na cura. Paraná, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.



# Pernambuco

No período de 2009 a 2018, foram diagnosticados 25.237 casos novos de hanseníase no estado de Pernambuco. Desses, 4.652 (18,4%) foram diagnosticados com incapacidade graus 1 e 2. O GIF 1 e 2 foi mais frequente na faixa etária de 30 a 59 anos, respondendo por mais de 50% dos casos. O sexo masculino foi predominante nos indivíduos avaliados com GIF 1 e 2, sendo o grau 2 correspondente a 66,2% do total de avaliados (Tabela 18).

Essa situação também se verificou quando analisada a variável raça/cor, sendo a maior frequência observada nos pardos, com mais de 57,7% dos casos avaliados em todas as categorias. Quanto à escolaridade, houve maior predomínio de GIF 2 em indivíduos com ensino fundamental incompleto, com 46,8%. Em relação à classificação operacional, os casos multibacilares também foram predominantes em todas as categorias do GIF, sendo a diferença mais acentuada nos casos com GIF 2, correspondendo a 90,1% dos casos. No que se refere ao modo de detecção, o encaminhamento apresentou o maior percentual de grau 2, com 57,5% (Tabela 18).

O estado de Pernambuco, no ano de 2018, apresentou endemicidade “muito alta” tanto na população de menores de 15 anos de idade quanto na população geral. Quando analisado o período de 2009 a 2018, verifica-se que a taxa de detecção geral passou de 36,45, em 2009, para 23,73 casos por 100 mil habitantes, em 2018, com declínio de 34,9% (Figura 121). Essa redução também foi observada na população de zero a 14 anos, em que a taxa passou de 13,56 para 6,77 casos por 100 mil habitantes no mesmo período, com redução de 50,1% (Figura 122).

A taxa de casos novos de hanseníase com GIF 2 de incapacidade física apresentou importante oscilação ao longo do tempo, com o menor registro em 2016, representando uma taxa de 8,71, e o maior em 2009, com 18,96 casos por 1 milhão de habitantes. Durante o período, o declínio no indicador foi de 29,8% (Figura 123). O comportamento das três taxas analisadas na UF acompanha o observado no país e na região.

**TABELA 18. Caracterização dos casos novos de hanseníase segundo o grau de incapacidade física avaliado no diagnóstico. Pernambuco, 2009 a 2018**

Variáveis	Grau 0*		Grau 1*		Grau 2*	
	n	%	n	%	n	%
	15.622	100	3.546	100	1.106	100
<b>Faixa etária</b>						
Menor de 15 anos	1.871	12,0	150	4,2	40	3,6
15-29	2.959	18,9	548	15,5	167	15,1
30-59	7.990	51,1	1.939	54,7	570	51,5
60 ou mais	2.802	17,9	909	25,6	329	29,7
<b>Sexo</b>						
Feminino	8.473	54,2	1.534	43,3	374	33,8
Masculino	7.146	45,7	2.012	56,7	732	66,2
Ignorado	3	0,0	0	0,0	0	0,0
<b>Raça/cor</b>						
Branca	3.020	19,3	767	21,6	204	18,4
Preta	1.979	12,7	509	14,4	163	14,7
Amarela	141	0,9	29	0,8	10	0,9
Parda	9.290	59,5	2.009	56,7	638	57,7
Indígena	52	0,3	5	0,1	4	0,4
Ignorado	1.140	7,3	227	6,4	87	7,9
<b>Escolaridade</b>						
Analfabeto	1.215	7,8	442	12,5	166	15,0
Ensino fundamental incompleto	7.127	45,6	1.710	48,2	518	46,8
Ensino fundamental completo e Ensino médio incompleto	1.797	11,5	391	11,0	108	9,8
Ensino médio completo e Educação superior incompleta	1.899	12,2	336	9,5	78	7,1
Educação superior completa	379	2,4	76	2,1	16	1,4
Não se aplica	393	2,5	18	0,5	3	0,3
Ignorado	2.812	18,0	573	16,2	217	19,6
<b>Classificação operacional</b>						
Paucibacilar	8.681	55,6	858	24,2	110	9,9
Multibacilar	6.938	44,4	2.687	75,8	996	90,1
Ignorado	3	0,0	1	0,0	0	0,0
<b>Modo de detecção</b>						
Encaminhamento	7.757	49,7	1.931	54,5	636	57,5
Demanda espontânea	6.027	38,6	1.203	33,9	351	31,7
Exame de coletividade	675	4,3	152	4,3	33	3,0
Exame de contatos	794	5,1	142	4,0	31	2,8
Outros modos	236	1,5	71	2,0	40	3,6
Ignorado	133	0,9	47	1,3	15	1,4

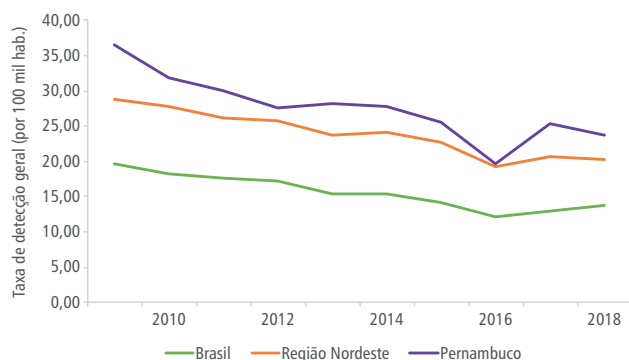
Fonte: Sinan/SVS-MS.

\*Grau de incapacidade física 0, 1 e 2.



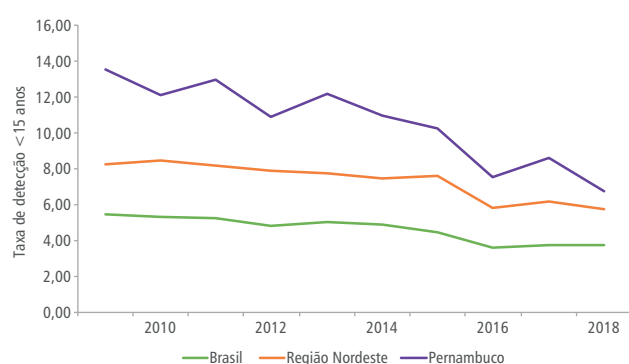


**FIGURA 121.** Taxa de detecção geral de casos novos de hanseníase (por 100 mil hab.). Pernambuco, região Nordeste e Brasil, 2009 a 2018



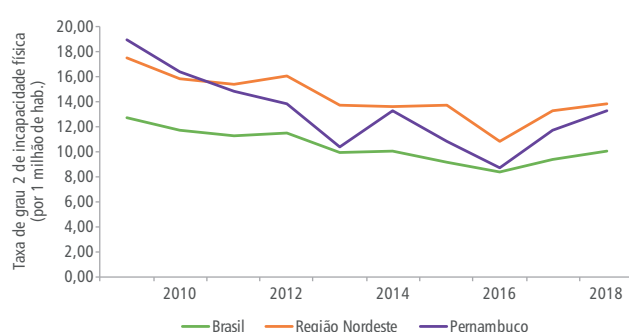
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 122.** Taxa de detecção de casos novos de hanseníase em menores de 15 anos (por 100 mil hab.). Pernambuco, região Nordeste e Brasil, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 123.** Taxa de detecção de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física (por 1 milhão de hab.). Pernambuco, região Nordeste e Brasil, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.

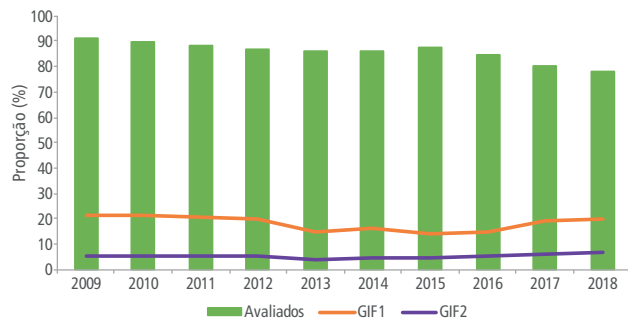
Pernambuco manteve-se no parâmetro “regular” para a avaliação do grau de incapacidade física no momento do diagnóstico. No que se refere ao GIF 2, esse indicador apresentou o menor percentual em 2013, com 4,3%, e o maior em 2018, com 7,21%, apresentando classificação “baixa” e “média”, respectivamente, segundo os parâmetros oficiais (Figura 124).

Analisando a proporção de casos novos com GIF 2 segundo nível de atenção, o maior percentual foi identificado na atenção terciária. Os maiores percentuais ao longo da série, na atenção primária, secundária e terciária, ocorreram no ano de 2018, com 6,5%, 7,6% e 12,8%, respectivamente (Figura 125).

A avaliação do GIF na cura foi considerada “precária”, em todo período, com o menor percentual observado no ano de 2013 (Figura 126). Entre os anos de 2009 e 2018, observa-se oscilação na frequência de casos que receberam alta por cura com incapacidade; 2010 foi o ano com o maior quantitativo de GIF 1 na alta, com 277 casos, e de GIF 2, com 92 casos (Figura 127). No período da análise, 3.011 indivíduos receberam alta do tratamento com alguma incapacidade física; destes, 762 (25,3%) foram avaliados com GIF 2.

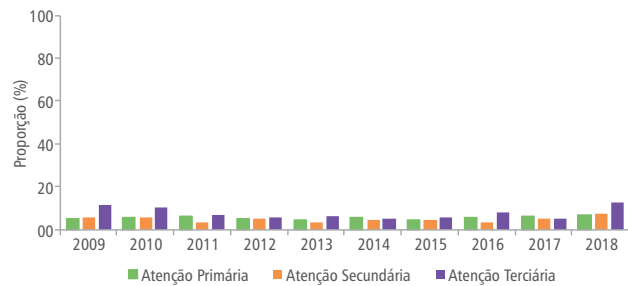


**FIGURA 124.** Proporção de casos novos de hanseníase quanto ao grau de incapacidade física, graus 1 e 2 no momento do diagnóstico. Pernambuco, 2009 a 2018



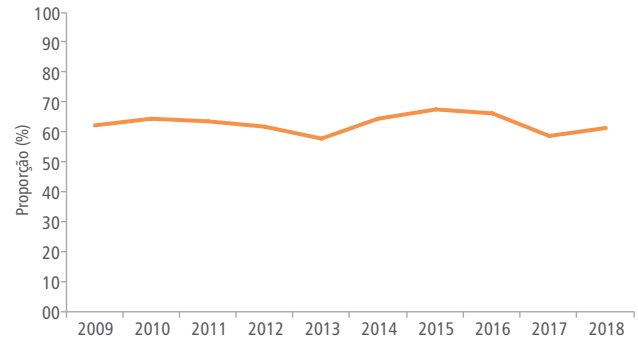
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 125.** Proporção de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física no momento do diagnóstico segundo nível de atenção. Pernambuco, 2009 a 2018



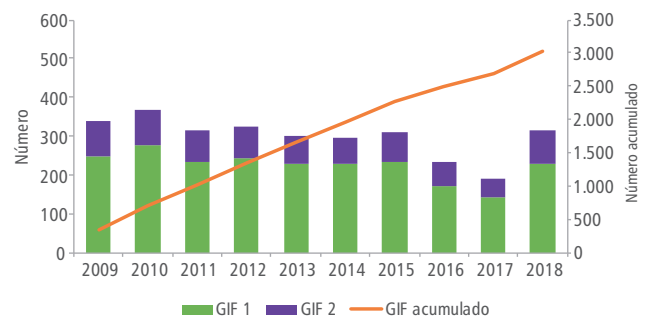
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 126.** Proporção de casos de hanseníase avaliados quanto ao grau de incapacidade física na cura. Pernambuco, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 127.** Número de casos de hanseníase avaliados quanto ao grau de incapacidade física na cura. Pernambuco, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.



# Piauí

No período de 2009 a 2018, foram diagnosticados 10.890 casos novos de hanseníase no estado do Piauí. Desses, 2.547 (23,4%) foram diagnosticados com incapacidade graus 1 e 2. O GIF 1 e 2 foi mais frequente na faixa etária de 30 a 59 anos, respondendo por mais de 47% dos casos. O sexo masculino foi predominante nos indivíduos avaliados com GIF 1 e 2, sendo o grau 2 correspondente a 70,4% do total de avaliados (Tabela 19).

Essa situação também se verificou quando analisada a variável raça/cor, sendo a maior frequência observada nos pardos, com mais de 67% dos casos avaliados em todas as categorias. Quanto à escolaridade, houve maior predomínio de GIF 2 em indivíduos com ensino fundamental incompleto, com 51,8%. Em relação à classificação operacional, os casos multibacilares também foram predominantes em todas as categorias do GIF, sendo a diferença mais acentuada nos casos com GIF 2, correspondendo a 94,4% dos casos. No que se refere ao modo de detecção, o encaminhamento apresentou o maior percentual de grau 2, com 53,7% (Tabela 19).

O estado do Piauí, no ano de 2018, apresentou endemicidade “muito alta” tanto na população de menores de 15 anos de idade quanto na população geral. Quando analisado o período de 2009 a 2018, a taxa de detecção geral passou de 40,25, em 2009, para 31,66 casos por 100 mil habitantes, em 2018, com declínio de 21,3% (Figura 128). Essa redução também foi observada na população de zero a 14 anos, cuja taxa passou de 10,69 para 7,59 casos por 100 mil habitantes no mesmo período, com redução de 29% (Figura 129).

A taxa de casos novos de hanseníase com GIF 2 de incapacidade física apresentou importante oscilação ao longo do tempo, com o menor registro em 2016, representando uma taxa de 13,70, e o maior em 2017, com 22,99 casos por 1 milhão de habitantes. Durante o período, o declínio no indicador foi de 3,9% (Figura 130). O comportamento das três taxas analisadas na UF é similar ao observado na região e divergente da tendência apresentada pelo Brasil.

**TABELA 19. Caracterização dos casos novos de hanseníase segundo o grau de incapacidade física avaliado no diagnóstico. Piauí, 2009 a 2018**

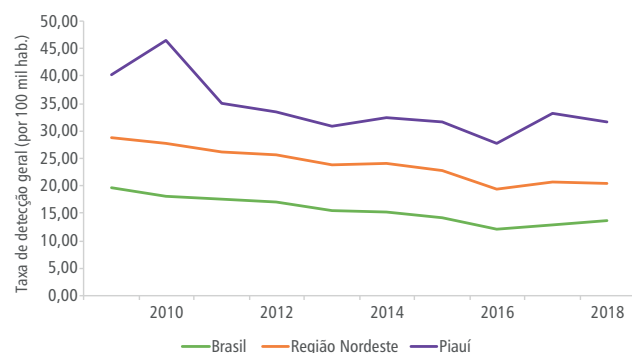
Variáveis	Grau 0*		Grau 1*		Grau 2*	
	n	%	n	%	n	%
	7.068	100	1.960	100	587	100
<b>Faixa etária</b>						
Menor de 15 anos	622	8,8	51	2,6	18	3,1
15-29	1.396	19,8	247	12,6	66	11,2
30-59	3.591	50,8	1.021	52,1	277	47,2
60 ou mais	1.459	20,6	641	32,7	226	38,5
<b>Sexo</b>						
Feminino	3.550	50,2	770	39,3	174	29,6
Masculino	3.518	49,8	1.190	60,7	413	70,4
Ignorado	-	-	-	-	-	-
<b>Raça/cor</b>						
Branca	938	13,3	260	13,3	73	12,4
Preta	1.041	14,7	315	16,1	102	17,4
Amarela	102	1,4	21	1,1	9	1,5
Parda	4.883	69,1	1.331	67,9	397	67,6
Indígena	22	0,3	5	0,3	2	0,3
Ignorado	82	1,2	28	1,4	4	0,7
<b>Escolaridade</b>						
Analfabeto	896	12,7	379	19,3	156	26,6
Ensino fundamental incompleto	3.389	47,9	1.023	52,2	304	51,8
Ensino fundamental completo e Ensino médio incompleto	941	13,3	192	9,8	56	9,5
Ensino médio completo e Educação superior incompleta	1.128	16,0	192	9,8	35	6,0
Educação superior completa	246	3,5	32	1,6	5	0,9
Não se aplica	72	1,0	3	0,2	0	0,0
Ignorado	396	5,6	139	7,1	31	5,3
<b>Classificação operacional</b>						
Paucibacilar	3.622	51,2	415	21,2	33	5,6
Multibacilar	3.445	48,7	1.545	78,8	554	94,4
Ignorado	1	0,0	0	0,0	0	0,0
<b>Modo de detecção</b>						
Encaminhamento	3.547	50,2	948	48,4	315	53,7
Demanda espontânea	2.727	38,6	772	39,4	204	34,8
Exame de coletividade	322	4,6	107	5,5	25	4,3
Exame de contatos	310	4,4	83	4,2	13	2,2
Outros modos	126	1,8	41	2,1	23	3,9
Ignorado	36	0,5	9	0,5	7	1,2

Fonte: Sinan/SVS-MS.

\*Grau de incapacidade física 0, 1 e 2.

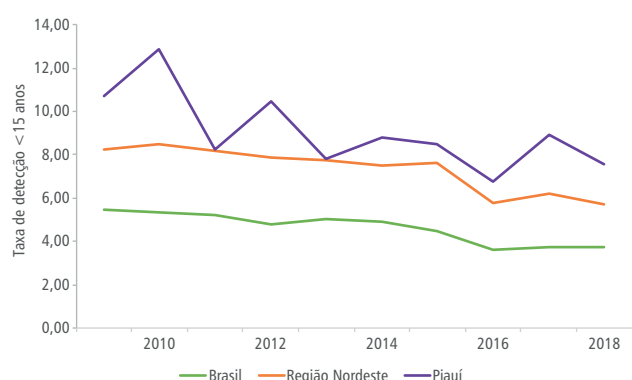


**FIGURA 128.** Taxa de detecção geral de casos novos de hanseníase (por 100 mil hab.). Piauí, região Nordeste e Brasil, 2009 a 2018



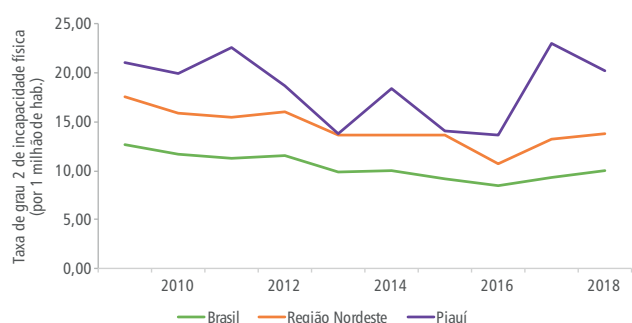
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 129.** Taxa de detecção de casos novos de hanseníase em menores de 15 anos (por 100 mil hab.). Piauí, região Nordeste e Brasil, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 130.** Taxa de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física no momento do diagnóstico (por 1 milhão de hab.). Piauí, região Nordeste e Brasil, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.

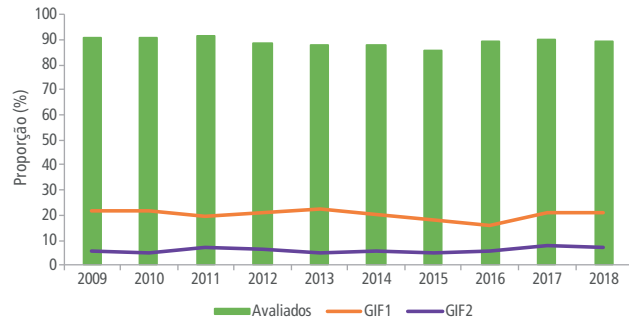
O estado do Piauí iniciou a série com parâmetro “bom” para a avaliação do grau de incapacidade física no momento do diagnóstico e, a partir do ano de 2012, passou a incluir-se no parâmetro “regular”. No que se refere ao GIF 2, esse indicador apresentou o menor percentual em 2010, com 4,7%, e o maior em 2017, com 7,7%, apresentando classificação “baixa” e “média”, respectivamente, segundo os parâmetros oficiais (Figura 131).

Analisando a proporção de casos novos com GIF 2 segundo nível de atenção, o maior percentual foi identificado na atenção terciária. Os maiores percentuais ao longo da série aconteceram nos anos de 2009 e 2011, com 11,6% e 10,6%, respectivamente (Figura 132).

A avaliação do GIF na cura foi considerada “precária” na maior parte do período, com o menor percentual observado no ano de 2017 (Figura 133). Entre os anos de 2009 e 2018, observa-se oscilação na frequência de casos que receberam alta por cura com incapacidade; 2011 foi o ano com o maior quantitativo de GIF 1 na alta, com 167 casos, e o ano de 2012 apresentou o maior número de GIF 2, com 42 casos (Figura 134). No período da análise, 1.350 indivíduos receberam alta do tratamento com alguma incapacidade física; destes, 304 (22,5%) foram avaliados com GIF 2.

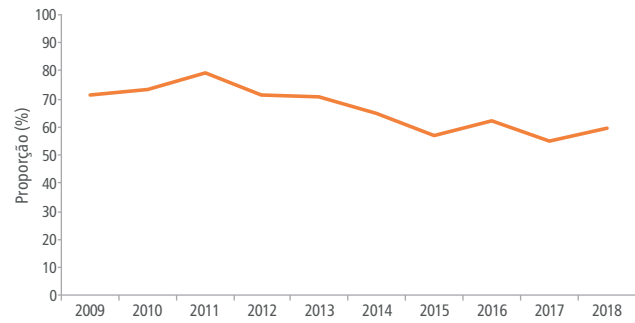


**FIGURA 131.** Proporção de casos novos de hanseníase quanto ao grau de incapacidade física, graus 1 e 2 no momento do diagnóstico. Piauí, 2009 a 2018



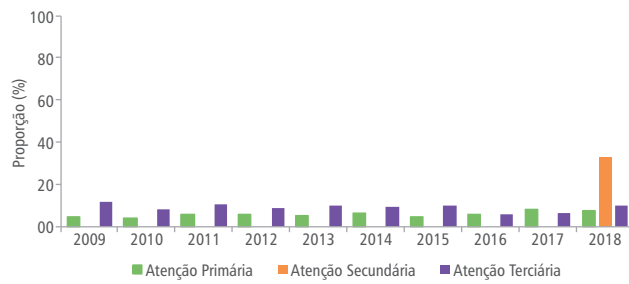
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 133.** Proporção de casos de hanseníase avaliados quanto ao grau de incapacidade física na cura. Piauí, 2009 a 2018



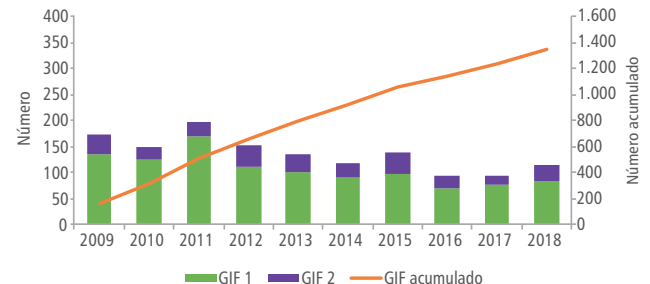
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 132.** Proporção de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física no momento do diagnóstico segundo nível de atenção. Piauí, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 134.** Número de casos de hanseníase avaliados quanto ao grau de incapacidade física na cura. Piauí, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.



# Rio de Janeiro

No período de 2009 a 2018, foram diagnosticados 13.097 casos novos de hanseníase no estado do Rio de Janeiro. Desses, 3.989 (30,5%) foram diagnosticados com incapacidade graus 1 e 2. O GIF 1 e 2 foi mais frequente na faixa etária de 30 a 59 anos, respondendo por mais de 50% dos casos. O sexo masculino foi predominante nos indivíduos avaliados com GIF 1 e 2, sendo o grau 2 correspondente a 68,6% do total de avaliados (Tabela 20).

Quando analisada a variável raça/cor, observa-se a maior frequência de GIF 2 em brancos, com mais de 38% dos casos avaliados. Em relação à escolaridade, houve maior predomínio de GIF 2 em indivíduos com ensino fundamental incompleto, com 49%. Quanto à classificação operacional, os casos multibacilares também foram predominantes em todas as categorias do GIF, sendo a diferença mais acentuada nos casos com GIF 2, correspondendo a 85,9% dos casos. No que se refere ao modo de detecção, o encaminhamento apresentou o maior percentual de grau 2, com 62,5% (Tabela 20).

O estado do Rio de Janeiro, no ano de 2018, apresentou endemicidade “média” tanto na população de menores de 15 anos de idade quanto na população geral. Quando analisado o período de 2009 a 2018, a taxa de detecção geral passou de 12,45, em 2009, para 5,63 casos por 100 mil habitantes em 2018, com declínio de 54,8% (Figura 135). Essa redução também foi observada na população de zero a 14 anos, em que a taxa passou de 3,07 para 1,26 casos por 100 mil habitantes no mesmo período, com redução de 59% (Figura 136).

A taxa de casos novos de hanseníase com GIF 2 de incapacidade física apresentou oscilação ao longo do tempo, com o menor registro em 2016, representando uma taxa de 4,99, e o maior em 2009, com 11,37 casos por 1 milhão de habitantes. Durante o período, o declínio no indicador foi de 54,4% (Figura 137). O comportamento das três taxas analisadas no estado assemelha-se ao observado na região e no Brasil.

**TABELA 20. Caracterização dos casos novos de hanseníase segundo o grau de incapacidade física avaliado no diagnóstico. Estado do Rio de Janeiro, 2009 a 2018**

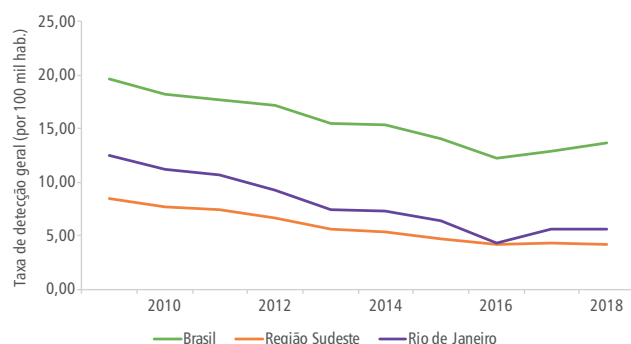
Variáveis	Grau 0*		Grau 1*		Grau 2*	
	n	%	n	%	n	%
	7.599	100	2.767	100	1.222	100
<b>Faixa etária</b>						
Menor de 15 anos	586	7,7	56	2,0	12	1,0
15-29	1.234	16,2	331	12,0	128	10,5
30-59	4.089	53,8	1.523	55,0	640	52,4
60 ou mais	1.690	22,2	857	31,0	442	36,2
<b>Sexo</b>						
Feminino	3.969	52,2	1.086	39,2	384	31,4
Masculino	3.629	47,8	1.681	60,8	838	68,6
Ignorado	1	0,0	0	0,0	0	0,0
<b>Raça/cor</b>						
Branca	3.179	41,8	1.167	42,2	475	38,9
Preta	1.359	17,9	527	19,0	249	20,4
Amarela	62	0,8	10	0,4	7	0,6
Parda	2.594	34,1	942	34,0	412	33,7
Indígena	23	0,3	5	0,2	2	0,2
Ignorado	382	5,0	116	4,2	77	6,3
<b>Escolaridade</b>						
Analfabeto	304	4,0	184	6,6	121	9,9
Ensino fundamental incompleto	3.225	42,4	1.288	46,5	599	49,0
Ensino fundamental completo e Ensino médio incompleto	1.094	14,4	383	13,8	137	11,2
Ensino médio completo e Educação superior incompleta	1.238	16,3	327	11,8	108	8,8
Educação superior completa	251	3,3	68	2,5	15	1,2
Não se aplica	125	1,6	7	0,3	1	0,1
Ignorado	1.362	17,9	510	18,4	241	19,7
<b>Classificação operacional</b>						
Paucibacilar	4.061	53,4	617	22,3	172	14,1
Multibacilar	3.538	46,6	2.150	77,7	1.050	85,9
Ignorado	-	-	-	-	-	-
<b>Modo de detecção</b>						
Encaminhamento	4.348	57,2	1.687	61,0	764	62,5
Demanda espontânea	2.472	32,5	825	29,8	353	28,9
Exame de coletividade	151	2,0	88	3,2	31	2,5
Exame de contatos	542	7,1	119	4,3	43	3,5
Outros modos	53	0,7	29	1,0	22	1,8
Ignorado	33	0,4	19	0,7	9	0,7

Fonte: Sinan/SVS-MS.

\*Grau de incapacidade física 0, 1 e 2.

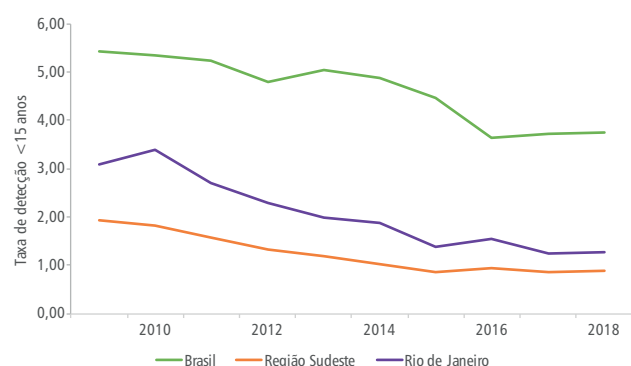


**FIGURA 135.** Taxa de detecção geral de casos novos de hanseníase (por 100 mil hab.). Estado do Rio de Janeiro, região Sudeste e Brasil, 2009 a 2018



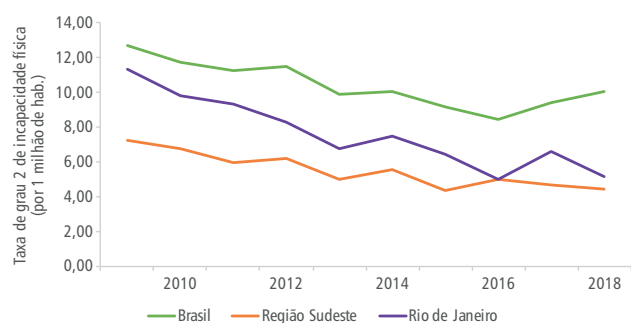
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 136.** Taxa de detecção de casos novos de hanseníase em menores de 15 anos (por 100 mil hab.). Estado do Rio de Janeiro, região Sudeste e Brasil, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 137.** Taxa de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física no momento do diagnóstico (por 1 milhão de hab.). Estado do Rio de Janeiro, região Sudeste e Brasil, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.

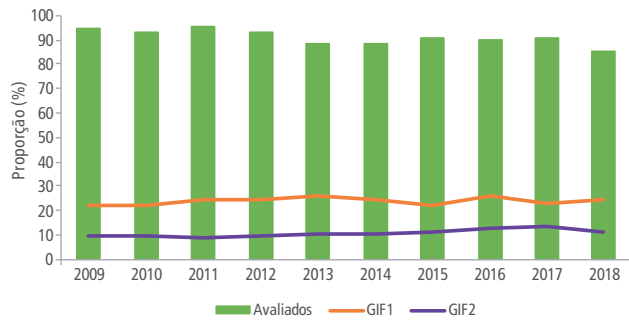
O Rio de Janeiro manteve-se no parâmetro “bom” para a avaliação do grau de incapacidade física no momento do diagnóstico, exceto para os anos de 2013, 2014 e 2018, que se incluíram no parâmetro “regular”. No que se refere ao GIF 2, esse indicador apresentou o menor percentual em 2011, com 9,2%, e o maior em 2017, com 13,2%, apresentando classificação “média” e “alta”, respectivamente, segundo os parâmetros oficiais (Figura 138).

Analisando a proporção de casos novos com GIF 2 segundo nível de atenção, o maior percentual variou entre os três níveis de atenção. Os maiores percentuais ao longo da série ocorreram em 2016, na atenção primária e secundária, com 16,4% e 13,1%, respectivamente, e em 2017, na atenção terciária, com 18,4% (Figura 139).

A avaliação do GIF na cura foi considerada “regular” na maioria dos anos, com o menor percentual observado no ano de 2015 (Figura 140). Entre os anos de 2009 e 2018, observa-se oscilação na frequência de casos que receberam alta por cura com incapacidade; 2011 foi o ano com o maior quantitativo de GIF 1 na alta, com 373 casos, e de GIF 2, com 185 casos (Figura 141). No período da análise, 3.740 indivíduos receberam alta do tratamento com alguma incapacidade física; destes, 1.202 (32,1%) foram avaliados com GIF 2.

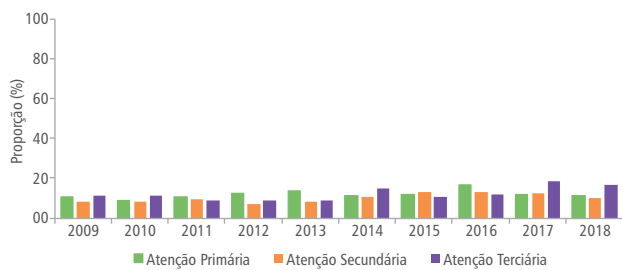


**FIGURA 138.** Proporção de casos novos de hanseníase quanto ao grau de incapacidade física, graus 1 e 2 no momento do diagnóstico. Rio de Janeiro, 2009 a 2018



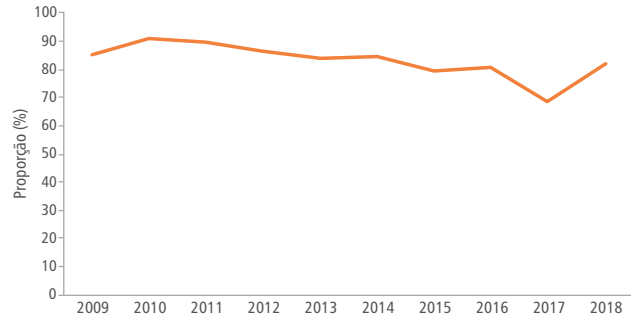
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 139.** Proporção de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física no momento do diagnóstico segundo nível de atenção. Rio de Janeiro, 2009 a 2018



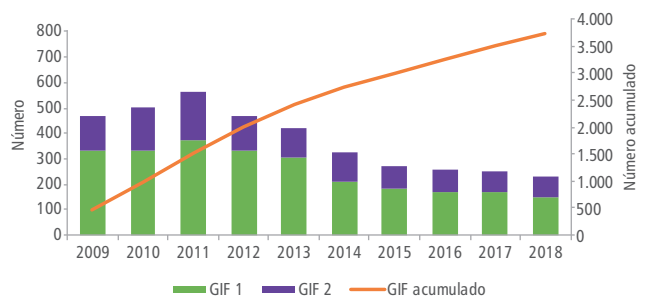
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 140.** Proporção de casos de hanseníase avaliados quanto ao grau de incapacidade física na cura. Rio de Janeiro, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 141.** Número de casos de hanseníase avaliados quanto ao grau de incapacidade física na cura. Rio de Janeiro, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.





# Rio Grande do Norte

No período de 2009 a 2018, foram diagnosticados 2.678 casos novos de hanseníase no estado do Rio Grande do Norte. Desses, 789 (29,5%) foram diagnosticados com incapacidade graus 1 e 2. O GIF 1 foi mais frequente na faixa etária de 30 a 59 anos, com 54%, enquanto o GIF 2 foi mais frequente na faixa etária de 60 anos e mais, com 43,6% dos casos. O sexo masculino foi predominante nos indivíduos avaliados com GIF 1 e 2, sendo esse último correspondente a 63,6% do total de avaliados (Tabela 21).

Quando analisada a variável raça/cor, observa-se a maior frequência em pardos, com mais de 54,4% dos casos avaliados com GIF 2. Em relação à escolaridade, houve maior predomínio de GIF 2 em indivíduos com ensino fundamental incompleto, com 47,2%. Quanto à classificação operacional, os casos multibacilares também foram predominantes em todas as categorias do GIF, sendo a diferença mais acentuada nos casos com GIF 2, correspondendo a 86,7% dos casos. No que se refere ao modo de detecção, o encaminhamento apresentou o maior percentual de grau 2, com 81,5% (Tabela 21).

O Rio Grande do Norte, no ano de 2018, apresentou endemicidade “média” tanto na população de menores de 15 anos de idade quanto na população geral. Quando analisado o período de 2009 a 2018, a taxa de detecção geral passou de 9,88, em 2009, para 7,26 casos por 100 mil habitantes em 2018, com declínio de 26,5% (Figura 142). Essa redução também foi observada na população de zero a 14 anos, cuja taxa passou de 2,01 para 1,11 casos por 100 mil habitantes no mesmo período, com redução de 44,8% (Figura 143).

A taxa de casos novos de hanseníase com GIF 2 de incapacidade física apresentou oscilação ao longo do tempo, com o menor registro em 2013, representando uma taxa de 3,56, e o maior em 2009, com 9,24 casos por 1 milhão de habitantes. Durante o período, o declínio no indicador foi de 38,9% (Figura 144). O comportamento das três taxas analisadas na UF é similar ao observado na região e no Brasil.

**TABELA 21. Caracterização dos casos novos de hanseníase segundo o grau de incapacidade física avaliado no diagnóstico. Rio Grande do Norte, 2009 a 2018**

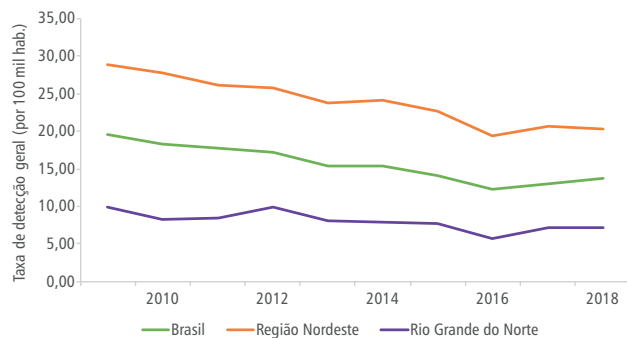
Variáveis	Grau 0*		Grau 1*		Grau 2*	
	n	%	n	%	n	%
	1.254	100	594	100	195	100
<b>Faixa etária</b>						
Menor de 15 anos	103	8,2	7	1,2	5	2,6
15-29	216	17,2	62	10,4	22	11,3
30-59	693	55,3	321	54,0	83	42,6
60 ou mais	242	19,3	204	34,3	85	43,6
<b>Sexo</b>						
Feminino	669	53,3	265	44,6	71	36,4
Masculino	585	46,7	329	55,4	124	63,6
Ignorado	-	-	-	-	-	-
<b>Raça/cor</b>						
Branca	374	29,8	193	32,5	61	31,3
Preta	127	10,1	57	9,6	18	9,2
Amarela	22	1,8	12	2,0	3	1,5
Parda	694	55,3	312	52,5	106	54,4
Indígena	4	0,3	0	0,0	0	0,0
Ignorado	33	2,6	20	3,4	7	3,6
<b>Escolaridade</b>						
Analfabeto	114	9,1	104	17,5	39	20,0
Ensino fundamental incompleto	615	49,0	298	50,2	92	47,2
Ensino fundamental completo e Ensino médio incompleto	161	12,8	69	11,6	22	11,3
Ensino médio completo e Educação superior incompleta	184	14,7	48	8,1	16	8,2
Educação superior completa	47	3,7	11	1,9	1	0,5
Não se aplica	13	1,0	0	0,0	0	0,0
Ignorado	120	9,6	64	10,8	25	12,8
<b>Classificação operacional</b>						
Paucibacilar	745	59,4	168	28,3	26	13,3
Multibacilar	509	40,6	426	71,7	169	86,7
Ignorado	-	-	-	-	-	-
<b>Modo de detecção</b>						
Encaminhamento	845	67,4	446	75,1	159	81,5
Demanda espontânea	245	19,5	100	16,8	21	10,8
Exame de coletividade	85	6,8	19	3,2	9	4,6
Exame de contatos	61	4,9	20	3,4	3	1,5
Outros modos	9	0,7	1	0,2	3	1,5
Ignorado	9	0,7	8	1,3	0	0,0

Fonte: Sinan/SVS-MS.

\*Grau de incapacidade física 0, 1 e 2.

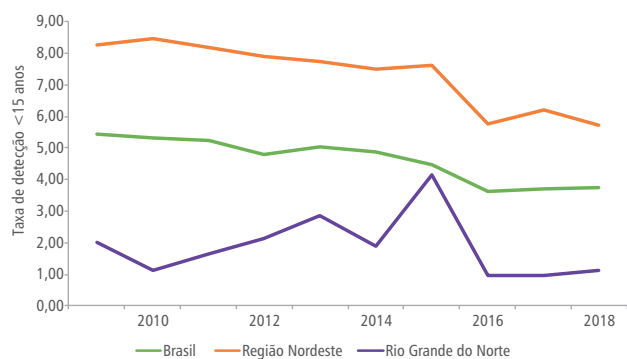


**FIGURA 142.** Taxa de detecção geral de casos novos de hanseníase (por 100 mil hab.). Rio Grande do Norte, região Nordeste e Brasil, 2009 a 2018



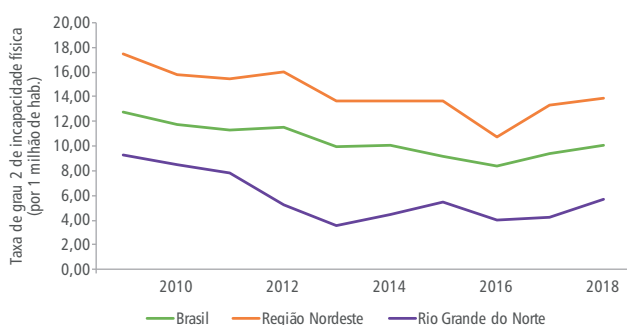
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 143.** Taxa de detecção de casos novos de hanseníase em menores de 15 anos (por 100 mil hab.). Rio Grande do Norte, região Nordeste e Brasil, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 144.** Taxa de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física no momento do diagnóstico (por 1 milhão de hab.). Rio Grande do Norte, região Nordeste e Brasil, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.

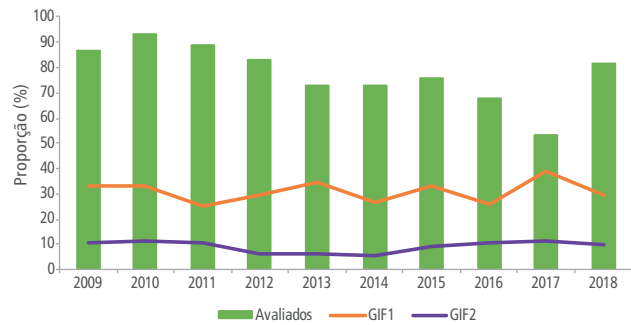
No período de análise, o Rio Grande do Norte apresentou importante oscilação nos parâmetros para a avaliação do grau de incapacidade física no momento do diagnóstico, sendo o parâmetro "regular" predominante entre os anos avaliados. No que se refere ao GIF 2, esse indicador oscilou entre 5,51%, em 2014, e 11,2%, em 2017, com classificação "média" e "alta", segundo os parâmetros oficiais (Figura 145).

Analisando a proporção de casos novos com GIF 2 no segundo nível de atenção, o maior percentual variou entre os três níveis de atenção. Os maiores percentuais ao longo da série foram, na atenção primária, 10,7% em 2009; na atenção secundária, 22,7% em 2017; e na atenção terciária, 15,9% em 2010 (Figura 146).

A avaliação do GIF na cura foi considerada "precária", em todo período, com o menor percentual observado no ano de 2015 (Figura 147). Entre os anos de 2009 e 2018, observa-se oscilação na frequência de casos que receberam alta por cura com incapacidade; 2009 foi o ano com o maior quantitativo de GIF 1 na alta, com 49 casos, e 2015 o ano com o maior quantitativo de GIF 2, com 25 casos (Figura 148). No período da análise, 576 indivíduos receberam alta do tratamento com alguma incapacidade física; destes, 154 (26,7%) foram avaliados com GIF 2.

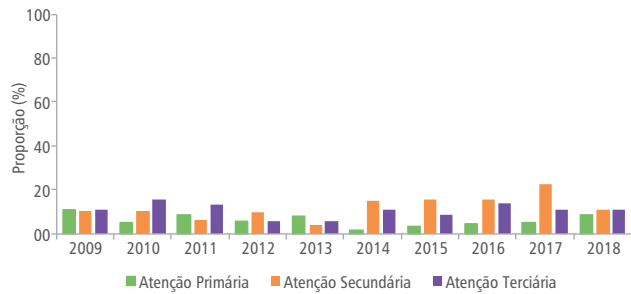


**FIGURA 145.** Proporção de casos novos de hanseníase quanto ao grau de incapacidade física, graus 1 e 2 no momento do diagnóstico. Rio Grande do Norte, 5009 a 2018



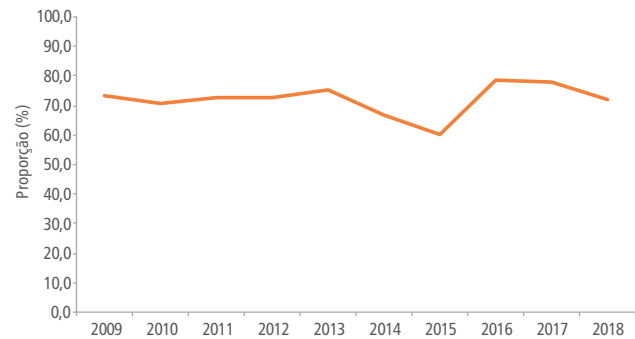
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 146.** Proporção de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física no momento do diagnóstico segundo nível de atenção. Rio Grande do Norte, 2009 a 2018



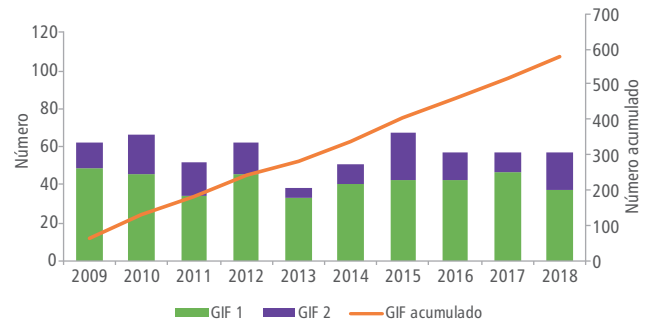
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 147.** Proporção de casos de hanseníase avaliados quanto ao grau de incapacidade física na cura. Rio Grande do Norte, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 148.** Número de casos de hanseníase avaliados quanto ao grau de incapacidade física na cura. Rio Grande do Norte, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.



# Rio Grande do Sul

No período de 2009 a 2018, foram diagnosticados 1.332 casos novos de hanseníase no estado do Rio Grande do Sul. Desses, 544 (40,8%) foram diagnosticados com incapacidade graus 1 e 2. O GIF 1 foi mais frequente na faixa etária de 30 a 59 anos, com 53,8%, e o GIF 2 apresentou o mesmo percentual nas faixas etárias de 30 a 59 anos e 60 anos e mais, ambas com 47,2% dos casos. O sexo masculino foi predominante nos indivíduos avaliados com GIF 1 e 2, sendo esse último correspondente a 63,1% do total de avaliados (Tabela 22).

Quando analisada a variável raça/cor, observa-se a maior frequência em brancos, com mais de 76,1% dos casos avaliados com GIF 2. Em relação à escolaridade, houve maior predomínio de GIF 2 em indivíduos com ensino fundamental incompleto, com 64,2%. Quanto à classificação operacional, os casos multibacilares também foram predominantes em todas as categorias do GIF, sendo a diferença mais acentuada nos casos com GIF 2, correspondendo a 96,6% dos casos. No que se refere ao modo de detecção, o encaminhamento apresentou o maior percentual de grau 69,3% (Tabela 22).

O Rio Grande do Sul, no ano de 2018, apresentou endemicidade “baixa” tanto na população de menores de 15 anos de idade quanto na população geral. Quando analisado o período de 2009 a 2018, a taxa de detecção geral passou de 1,44, em 2009, para 1,02 casos por 100 mil habitantes, em 2018, com declínio de 29,2% (Figura 149). Na população de zero a 14 anos, a taxa passou de 0,08 para 0,10 casos por 100 mil habitantes, apresentando um incremento de 25% (Figura 150).

A taxa de casos novos de hanseníase com GIF 2 de incapacidade física apresentou oscilação ao longo do tempo, com o menor registro em 2010, apresentando uma taxa de 1,10, e o maior em 2018, com 2,29 casos por 1 milhão de habitantes. Durante o período, o incremento no indicador foi de 108,2% (Figura 151). A taxa de GIF 2 apresentou comportamento similar ao da região Sul e do Brasil. Em relação às taxas na população geral e em menores de 15 anos, o comportamento da UF assemelha-se ao da região e difere da tendência apresentada pelo Brasil.

**TABELA 22. Caracterização dos casos novos de hanseníase segundo o grau de incapacidade física avaliado no diagnóstico. Rio Grande do Sul, 2009 a 2018**

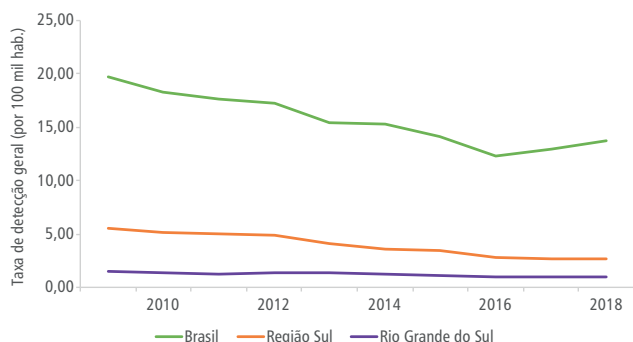
Variáveis	Grau 0*		Grau 1*		Grau 2*	
	n	%	n	%	n	%
	540	100	368	100	176	100
<b>Faixa etária</b>						
Menor de 15 anos	19	3,5	5	1,4	1	0,6
15-29	74	13,7	15	4,1	9	5,1
30-59	301	55,7	198	53,8	83	47,2
60 ou mais	146	27,0	150	40,8	83	47,2
<b>Sexo</b>						
Feminino	277	51,3	181	49,2	65	36,9
Masculino	263	48,7	187	50,8	111	63,1
Ignorado	-	-	-	-	-	-
<b>Raça/cor</b>						
Branca	421	78,0	285	77,4	134	76,1
Preta	35	6,5	16	4,3	9	5,1
Amarela	1	0,2	0	0,0	3	1,7
Parda	76	14,1	57	15,5	27	15,3
Indígena	2	0,4	6	1,6	1	0,6
Ignorado	5	0,9	4	1,1	2	1,1
<b>Escolaridade</b>						
Analfabeto	24	4,4	19	5,2	18	10,2
Ensino fundamental incompleto	265	49,1	223	60,6	113	64,2
Ensino fundamental completo e Ensino médio incompleto	66	12,2	45	12,2	18	10,2
Ensino médio completo e Educação superior incompleta	85	15,7	28	7,6	13	7,4
Educação superior completa	44	8,1	12	3,3	3	1,7
Não se aplica	5	0,9	0	0,0	0	0,0
Ignorado	51	9,4	41	11,1	11	6,3
<b>Classificação operacional</b>						
Paucibacilar	160	29,6	37	10,1	6	3,4
Multibacilar	380	70,4	330	89,7	170	96,6
Ignorado	0	0,0	1	0,3	0	0,0
<b>Modo de detecção</b>						
Encaminhamento	290	53,7	246	66,8	122	69,3
Demanda espontânea	160	29,6	77	20,9	35	19,9
Exame de coletividade	4	0,7	0	0,0	1	0,6
Exame de contatos	75	13,9	41	11,1	12	6,8
Outros modos	8	1,5	2	0,5	4	2,3
Ignorado	3	0,6	2	0,5	2	1,1

Fonte: Sinan/SVS-MS.

\*Grau de incapacidade física 0, 1 e 2.

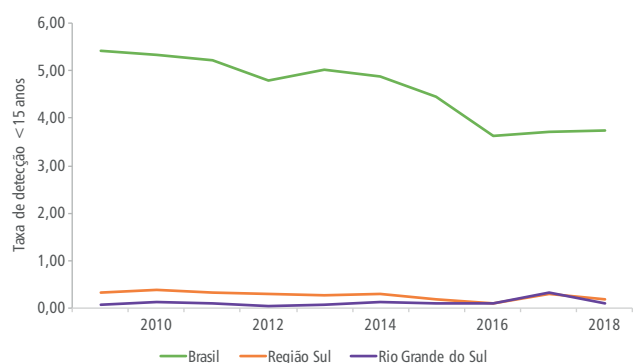


**FIGURA 149.** Taxa de detecção geral de casos novos de hanseníase (por 100 mil hab.). Rio Grande do Sul, região Sul e Brasil, 2009 a 2018



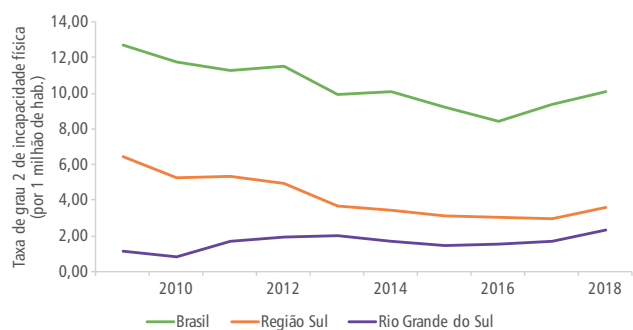
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 150.** Taxa de detecção de casos novos de hanseníase em menores de 15 anos (por 100 mil hab.). Rio Grande do Sul, região Sul e Brasil, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 151.** Taxa de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física no momento do diagnóstico (por 1 milhão de hab.). Rio Grande do Sul, região Sul e Brasil, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.

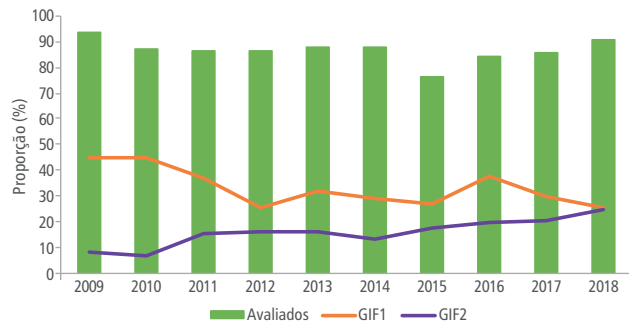
No período de análise, o Rio Grande do Sul manteve-se no parâmetro “regular” para a avaliação do grau de incapacidade física no momento do diagnóstico, exceto para os anos de 2009 e 2018, que apresentaram parâmetro “bom”. No que se refere ao GIF 2, observa-se aumento da proporção ao longo do período; em 2009, alcançou 8,2%, e em 2018, 24,8%, com classificação “média” e “alta”, segundo os parâmetros oficiais (Figura 152).

Analisando a proporção de casos novos com GIF 2 segundo nível de atenção, o maior percentual foi observado na atenção terciária. Os maiores percentuais ao longo da série ocorreram nos anos de 2011 e 2017, respectivamente, com 40% dos casos, e em 2016, com 50% dos casos (Figura 153).

A avaliação do GIF na cura foi considerada “precária” na maioria dos anos avaliados, com o menor percentual observado no ano de 2015 (Figura 154). Entre os anos de 2009 e 2018, observa-se oscilação na frequência de casos que receberam alta por cura com incapacidade; 2010 foi o ano com o maior quantitativo de GIF 1 na alta, com 45 casos, e 2013 o ano com o maior quantitativo de GIF 2, com 18 casos (Figura 155). No período da análise, 420 indivíduos receberam alta do tratamento com alguma incapacidade física; destes, 149 (35,5%) foram avaliados com GIF 2.

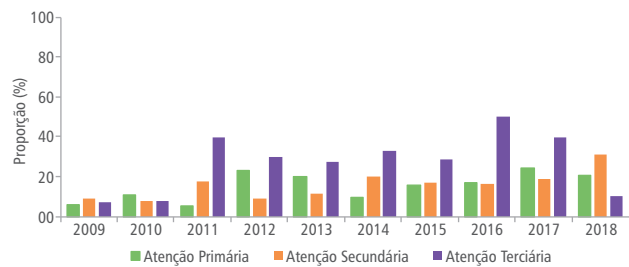


**FIGURA 152.** Proporção de casos novos de hanseníase quanto ao grau de incapacidade física, graus 1 e 2 no momento do diagnóstico. Rio Grande do Sul, 2009 a 2018



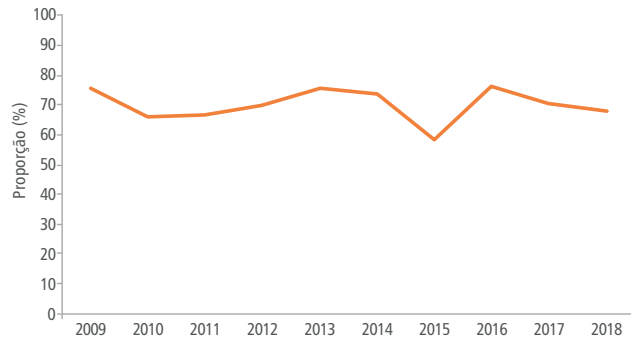
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 153.** Proporção de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física no momento do diagnóstico segundo nível de atenção. Grande do Sul, 2009 a 2018



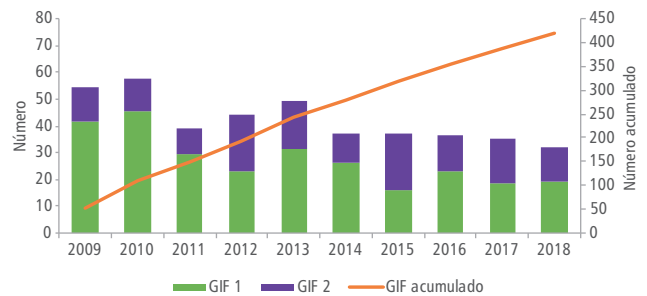
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 154.** Proporção de casos de hanseníase avaliados quanto ao grau de incapacidade física na cura. Rio Grande do Sul, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 155.** Número de casos de hanseníase avaliados quanto ao grau de incapacidade física na cura. Rio Grande do Sul, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.



# Rondônia

No período de 2009 a 2018, foram diagnosticados 7.386 casos novos de hanseníase no estado de Rondônia. Desses, 1.973 (26,7%) foram diagnosticados com incapacidade graus 1 e 2. O GIF 1 e 2 foi mais frequente na faixa etária de 30 a 59 anos, respondendo por mais de 57% dos casos. O sexo masculino foi predominante nos indivíduos avaliados com GIF 1 e 2, sendo o grau 2 correspondente a 66,8% do total de avaliados (Tabela 23).

Essa situação também se verificou quando analisada a raça/cor, sendo a maior frequência observada nos pardos, com mais de 55,3% dos casos avaliados em todas as categorias. Quanto à escolaridade, houve maior predomínio de GIF 2 em indivíduos com ensino fundamental incompleto, com 56,5%. Em relação à classificação operacional, os casos multibacilares também foram predominantes em todas as categorias do GIF, sendo a diferença mais acentuada nos casos com GIF 2, correspondendo à 93,5% dos casos. No que se refere ao modo de detecção, a demanda espontânea apresentou o maior percentual de grau 2, com 47,7% (Tabela 23).

O estado de Rondônia, no ano de 2018, apresentou parâmetro “hiperendêmico” na taxa de detecção geral e “muito alto” na população de menores de 15 anos de idade. Quando analisado o período de 2009 a 2018, a taxa de detecção geral passou de 69,49 em 2009 para 40,63 casos por 100 mil habitantes em 2018, com declínio de 41,5% (Figura 156). Essa redução também foi observada na população de zero a 14 anos, em que a taxa passou de 17,93 para 6,91 casos por 100 mil habitantes no mesmo período, com redução de 61,5% (Figura 157).

A taxa de casos novos de hanseníase com GIF 2 de incapacidade física apresentou importante oscilação ao longo do tempo, com o menor registro em 2016, representando uma taxa de 13,99, e o maior em 2009, com 43,22 casos por 1 milhão de habitantes. Durante o período o declínio no indicador foi de 16,3% (Figura 158). O comportamento das três taxas analisadas no estado acompanha o observado no país e na região.

**TABELA 23. Caracterização dos casos novos de hanseníase segundo o grau de incapacidade física avaliado no diagnóstico. Rondônia, 2009 a 2018**

Variáveis	Grau 0*		Grau 1*		Grau 2*	
	n	%	n	%	n	%
	4.741	100	1.599	100	434	100
<b>Faixa etária</b>						
Menor de 15 anos	372	7,8	32	2,0	8	1,8
15-29	1.131	23,9	239	14,9	69	15,9
30-59	2.693	56,8	1.020	63,8	251	57,8
60 ou mais	545	11,5	308	19,3	106	24,4
<b>Sexo</b>						
Feminino	2.184	46,1	607	38,0	144	33,2
Masculino	2.557	53,9	992	62,0	290	66,8
Ignorado	-	-	-	-	-	-
<b>Raça/cor</b>						
Branca	1.607	33,9	578	36,1	138	31,8
Preta	419	8,8	173	10,8	50	11,5
Amarela	37	0,8	11	0,7	3	0,7
Parda	2.631	55,5	817	51,1	240	55,3
Indígena	7	0,1	5	0,3	0	0,0
Ignorado	40	0,8	15	0,9	3	0,7
<b>Escolaridade</b>						
Analfabeto	288	6,1	180	11,3	67	15,4
Ensino fundamental incompleto	2.723	57,4	1.005	62,9	245	56,5
Ensino fundamental completo e Ensino médio incompleto	627	13,2	157	9,8	51	11,8
Ensino médio completo e Educação superior incompleta	772	16,3	152	9,5	45	10,4
Educação superior completa	128	2,7	25	1,6	6	1,4
Não se aplica	39	0,8	2	0,1	0	0,0
Ignorado	164	3,5	78	4,9	20	4,6
<b>Classificação operacional</b>						
Paucibacilar	2.099	44,3	226	14,1	28	6,5
Multibacilar	2.642	55,7	1.373	85,9	406	93,5
Ignorado	-	-	-	-	-	-
<b>Modo de detecção</b>						
Encaminhamento	1.377	29,0	501	31,3	170	39,2
Demanda espontânea	2.516	53,1	866	54,2	207	47,7
Exame de coletividade	127	2,7	49	3,1	16	3,7
Exame de contatos	661	13,9	151	9,4	29	6,7
Outros modos	42	0,9	24	1,5	9	2,1
Ignorado	18	0,4	8	0,5	3	0,7

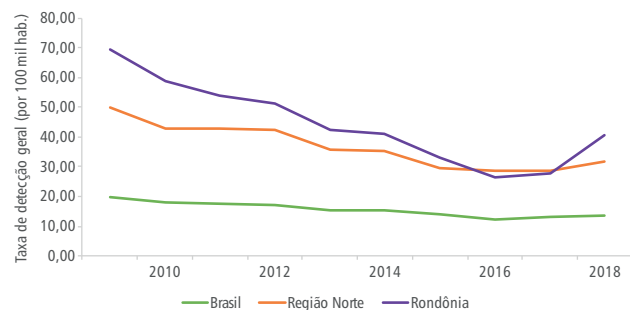
Fonte: Sinan/SVS-MS.

\*Grau de incapacidade física 0, 1 e 2.



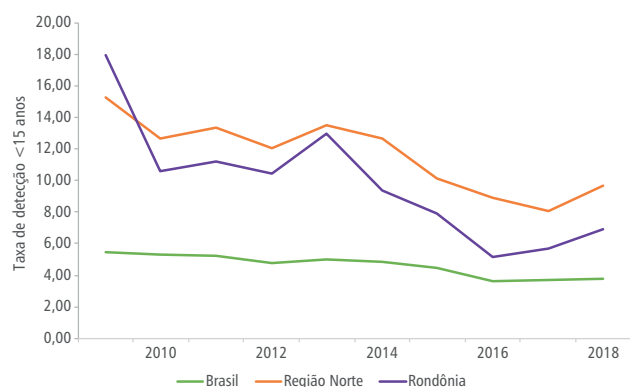


**FIGURA 156.** Taxa de detecção geral de casos novos de hanseníase (por 100 mil hab.). Rondônia, região Norte e Brasil, 2009 a 2018



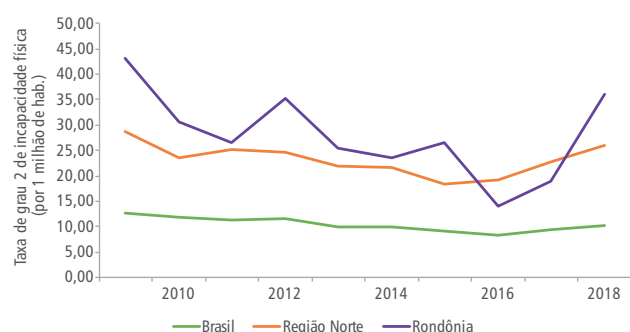
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 157.** Taxa de detecção de casos novos de hanseníase em menores de 15 anos (por 100 mil hab.). Rondônia, região Norte e Brasil, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 158.** Taxa de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física no momento do diagnóstico (por 1 milhão de hab.). Rondônia, região Norte e Brasil, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.

Rondônia manteve-se no parâmetro “bom” para a avaliação do grau de incapacidade física no momento do diagnóstico. No que se refere ao GIF 2, esse indicador apresentou o menor percentual em 2010, com 6%, e o maior em 2018, com 8,7%, apresentando classificação “média”, segundo os parâmetros oficiais (Figura 159).

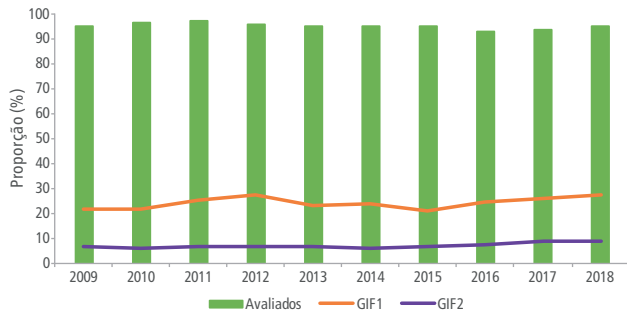
Analisando a proporção de casos novos com GIF 2 segundo nível de atenção, o maior percentual foi observado na atenção terciária. Os maiores percentuais ao longo da série ocorreram nos anos de 2012 e 2016, com 13,9% e 13,6% dos casos, respectivamente (Figura 160).

A avaliação do GIF na cura foi considerada “regular” na maior parte do período, com o menor percentual observado no ano de 2018 (Figura 161). Entre os anos de 2009 e 2018, observa-se oscilação na frequência de casos que receberam alta por cura com incapacidade; 2012 foi o ano com o maior quantitativo de GIF 1 na alta, com 152 casos, e 2014, o ano com o maior quantitativo de GIF 2, com 54 casos (Figura 162). No período da análise, 1.577 indivíduos receberam alta do tratamento com alguma incapacidade física; destes, 395 (35,5%) foram avaliados com GIF 2.



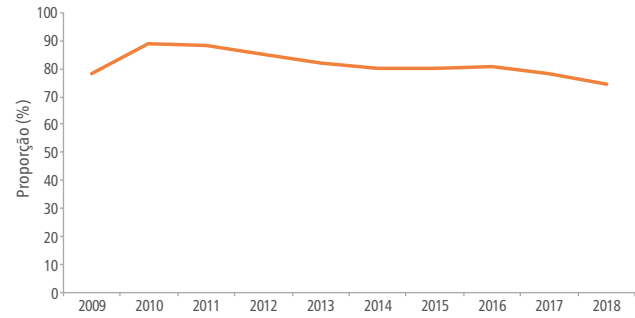


**FIGURA 159.** Proporção de casos novos de hanseníase quanto ao grau de incapacidade física, graus 1 e 2 no momento do diagnóstico. Rondônia, 2009 a 2018



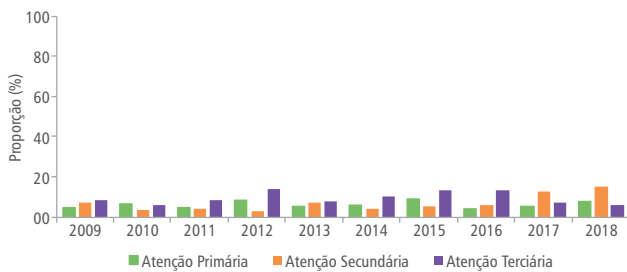
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 161.** Proporção de casos de hanseníase avaliados quanto ao grau de incapacidade física na cura. Rondônia, 2009 a 2018



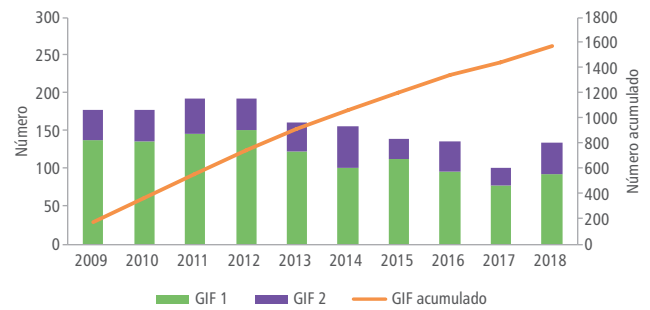
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 160.** Proporção de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física no momento do diagnóstico segundo nível de atenção. Rondônia, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 162.** Número de casos de hanseníase avaliados quanto ao grau de incapacidade física na cura. Rondônia, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.



# Roraima

No período de 2009 a 2018, foram diagnosticados 1.762 casos novos de hanseníase no estado de Roraima. Desses, 326 (18,5%) foram diagnosticados com incapacidade graus 1 e 2. O GIF 1 e 2 foi mais frequente na faixa etária de 30 a 59 anos, respondendo por mais de 47% dos casos. O sexo masculino foi predominante nos indivíduos avaliados quanto ao GIF 0, 1 e 2, sendo o grau 2 correspondente a 76,3% do total de avaliados (Tabela 24).

Essa situação também se verificou quando analisada a variável raça/cor, sendo a maior frequência observada nos pardos, com 60% dos casos avaliados. Quanto à escolaridade, houve maior predomínio de GIF 2 em indivíduos com ensino fundamental incompleto, com 53,8%. Em relação à classificação operacional, os casos multibacilares também foram predominantes em todas as categorias do GIF, sendo a diferença mais acentuada nos casos com GIF 2, correspondendo a 90% dos casos. No que se refere ao modo de detecção, o encaminhamento apresentou o maior percentual de grau 2, com 70% (Tabela 24).

O estado de Roraima, no ano de 2018, apresentou parâmetro de endemicidade “alto” na população de menores de 15 anos de idade e “muito alto” na população geral. Quando analisado o período de 2009 a 2018, a taxa de detecção geral passou de 37,96 para 20,16 casos por 100 mil habitantes, correspondendo a um decréscimo de 46,9% (Figura 163). Essa redução também foi observada na taxa de detecção anual de casos novos de hanseníase na população de zero a 14 anos, que passou de 7,48 para 4,48 casos por 100 mil habitantes, representando declínio de 40,1% (Figura 164).

A taxa de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física apresentou oscilação ao longo do tempo; em 2010, alcançou 37,68, e em 2018, 18,84 casos por 1 milhão de habitantes. Durante o período, o declínio no indicador foi de 33,8% (Figura 165). O comportamento das três taxas analisadas na UF acompanha o observado no país e na região Norte.

**TABELA 24. Caracterização dos casos novos de hanseníase segundo o grau de incapacidade física avaliado no diagnóstico. Roraima, 2009 a 2018**

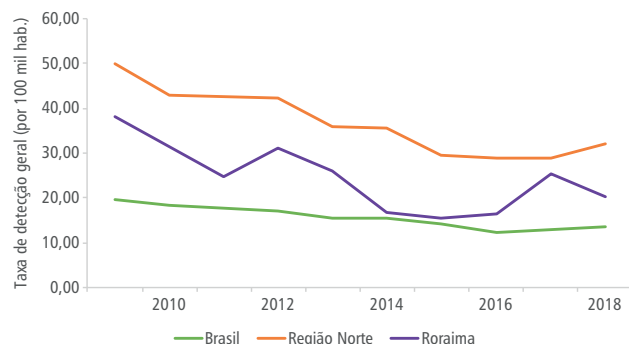
Variáveis	Grau 0*		Grau 1*		Grau 2*	
	n	%	n	%	n	%
	547	100	226	100	80	100
<b>Faixa etária</b>						
Menor de 15 anos	61	11,2	10	4,4	5	6,3
15-29	133	24,3	48	21,2	16	20,0
30-59	282	51,6	122	54,0	38	47,5
60 ou mais	71	13,0	46	20,4	21	26,3
<b>Sexo</b>						
Feminino	220	40,2	65	28,8	19	23,8
Masculino	327	59,8	161	71,2	61	76,3
Ignorado	-	-	-	-	-	-
<b>Raça/cor</b>						
Branca	143	26,1	57	25,2	23	28,8
Preta	44	8,0	20	8,8	6	7,5
Amarela	6	1,1	1	0,4	1	1,3
Parda	342	62,5	138	61,1	48	60,0
Indígena	4	0,7	5	2,2	1	1,3
Ignorado	8	1,5	5	2,2	1	1,3
<b>Escolaridade</b>						
Analfabeto	37	6,8	31	13,7	12	15,0
Ensino fundamental incompleto	237	43,3	98	43,4	43	53,8
Ensino fundamental completo e Ensino médio incompleto	94	17,2	33	14,6	10	12,5
Ensino médio completo e Educação superior incompleta	130	23,8	41	18,1	10	12,5
Educação superior completa	18	3,3	6	2,7	0	0,0
Não se aplica	4	0,7	2	0,9	0	0,0
Ignorado	27	4,9	15	6,6	5	6,3
<b>Classificação operacional</b>						
Paucibacilar	246	45,0	44	19,5	8	10,0
Multibacilar	301	55,0	182	80,5	72	90,0
Ignorado	-	-	-	-	-	-
<b>Modo de detecção</b>						
Encaminhamento	272	49,7	111	49,1	56	70,0
Demanda espontânea	192	35,1	73	32,3	19	23,8
Exame de coletividade	32	5,9	14	6,2	2	2,5
Exame de contatos	35	6,4	15	6,6	1	1,3
Outros modos	10	1,8	8	3,5	1	1,3
Ignorado	6	1,1	5	2,2	1	1,3

Fonte: Sinan/SVS-MS.

\*Grau de incapacidade física 0, 1 e 2.

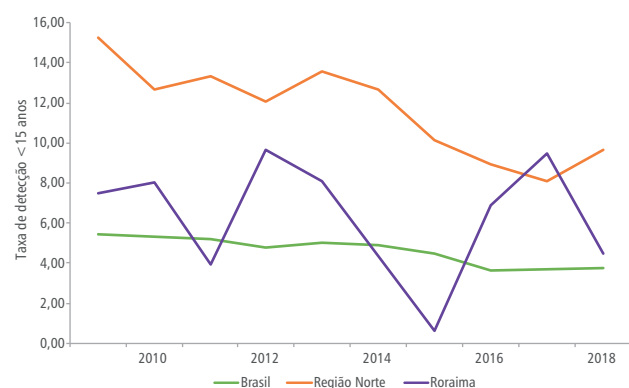


**FIGURA 163.** Taxa de detecção geral de casos novos de hanseníase (por 100 mil hab.). Roraima, região Norte e Brasil, 2009 a 2018



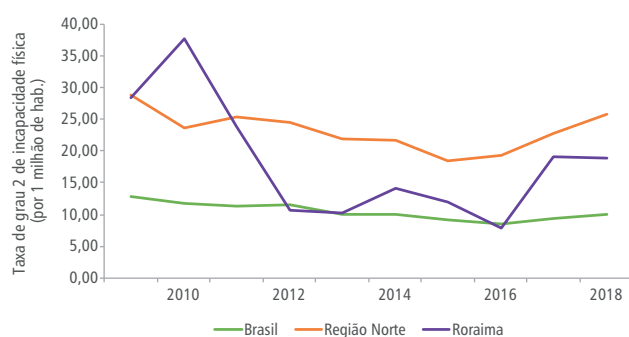
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 164.** Taxa de detecção de casos novos de hanseníase em menores de 15 anos (por 100 mil hab.) Roraima, região Norte e Brasil, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 165.** Taxa de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física no momento do diagnóstico (por 1 milhão de hab.). Roraima, região Norte e Brasil, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.

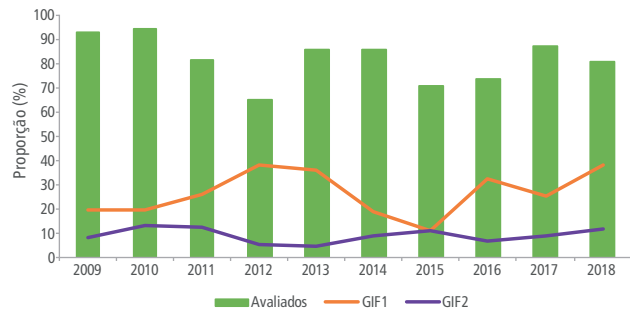
Ao longo do período, Roraima apresentou variações no parâmetro para a avaliação do grau de incapacidade física no momento do diagnóstico, obtendo os níveis “bom”, “regular” e “precário”. No que se refere ao GIF 2, esse indicador também oscilou, no período, entre 4,6% em 2013, com o menor percentual, e 12,8% em 2010, com o maior percentual; em 2018, obteve 11,6%, apresentando classificação “alta”, segundo os parâmetros oficiais (Figura 166).

Na análise da proporção de casos novos com GIF 2 segundo nível de atenção, o maior percentual variou entre dois níveis de atenção. Os maiores percentuais ao longo da série ocorreram na atenção secundária, com 21,2% em 2018, e na atenção terciária, com 25% em 2010 (Figura 167).

A avaliação do GIF na cura foi considerada “precária” em todo período, com o menor percentual observado no ano de 2015 (Figura 168). Em relação aos casos que receberam alta por cura com avaliação da incapacidade, observa-se que 2011 foi o ano com o maior quantitativo de GIF 1 e 2 na alta, com 25 e 6 casos, respectivamente. No período da análise, 142 indivíduos receberam alta do tratamento com alguma incapacidade física; destes, 33 (23,2%) foram avaliados com GIF 2 (Figura 169).

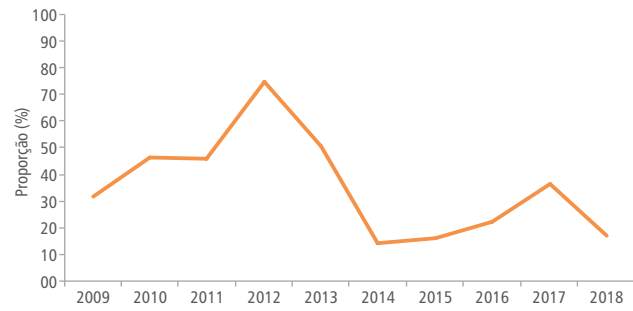


**FIGURA 166.** Proporção de casos novos de hanseníase quanto ao grau de incapacidade física, graus 1 e 2 no momento do diagnóstico. Roraima, 2009 a 2018



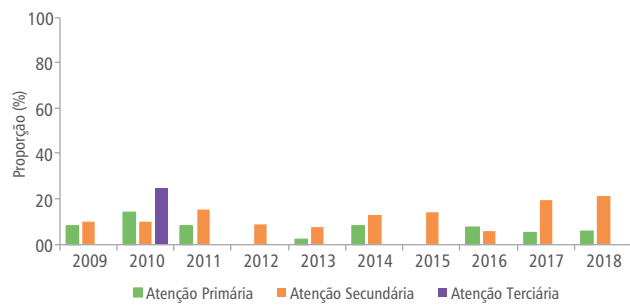
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 168.** Proporção de casos de hanseníase avaliados quanto ao grau de incapacidade física na cura. Roraima, 2009 a 2018



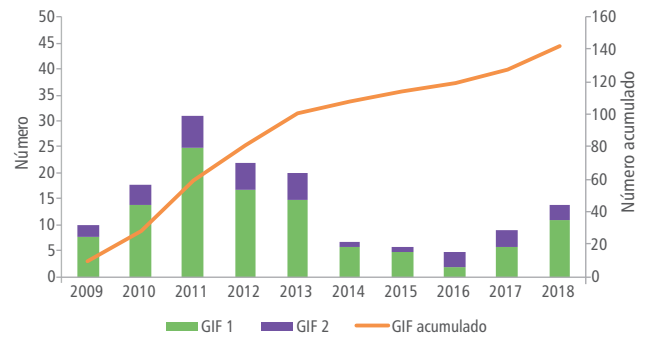
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 167.** Proporção de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física no momento do diagnóstico segundo nível de atenção. Roraima, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 169.** Número de casos de hanseníase avaliados quanto ao grau de incapacidade física na cura. Roraima, Brasil, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.



# Santa Catarina

No período de 2009 a 2018, foram diagnosticados 1.687 casos novos de hanseníase no estado de Santa Catarina. Desses, 692 (41,0%) foram diagnosticados com incapacidade graus 1 e 2. O GIF 1 e 2 foi mais frequente na faixa etária de 30 a 59 anos, respondendo por mais de 50% dos casos. O sexo masculino foi predominante nos indivíduos avaliados quanto ao GIF 0, 1 e 2, sendo o grau 2 correspondente a 70,7% do total de avaliados (Tabela 25).

Essa situação também se verificou quando analisada a variável raça/cor, sendo a maior frequência observada nos brancos, com mais de 80% dos casos avaliados. Quanto à escolaridade, houve maior predomínio de GIF 2 em indivíduos com ensino fundamental incompleto, com 62,2%. Em relação à classificação operacional, os casos multibacilares também foram predominantes em todas as categorias do GIF, sendo a diferença mais acentuada nos casos com GIF 2, correspondendo a 96,8% dos casos. No que se refere ao modo de detecção, o encaminhamento apresentou o maior percentual de grau 2, com 62,8% (Tabela 25).

O estado de Santa Catarina, no ano de 2018, apresentou endemicidade “baixa” tanto na população de menores de 15 anos de idade quanto na população geral. Quando analisado o período de 2009 a 2018, a taxa de detecção geral passou de 3,04 para 1,72 casos por 100 mil habitantes, correspondendo a um decréscimo de 43,4% (Figura 170). Apesar das variações ao longo da série, a taxa de detecção na população de zero a 14 anos permaneceu em 0,14 casos por 100 mil habitantes, quando analisados os anos de 2009 e 2018 (Figura 171).

A taxa de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física apresentou oscilação ao longo do tempo; em 2009, alcançou 3,43, e em 2018, 1,69 casos por 1 milhão de habitantes. Durante o período, o declínio foi de 50,7% (Figura 172). O comportamento das três taxas analisadas na UF acompanha o observado no país e na região Sul.

**TABELA 25. Caracterização dos casos novos de hanseníase segundo o grau de incapacidade física avaliado no diagnóstico. Santa Catarina, 2009 a 2018**

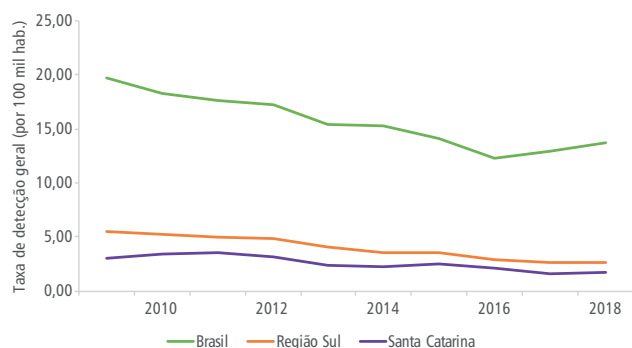
Variáveis	Grau 0*		Grau 1*		Grau 2*	
	n	%	n	%	n	%
	802	100	504	100	188	100
<b>Faixa etária</b>						
Menor de 15 anos	28	3,5	4	0,8	1	0,5
15-29	128	16,0	79	15,7	14	7,4
30-59	472	58,9	291	57,7	106	56,4
60 ou mais	174	21,7	130	25,8	67	35,6
<b>Sexo</b>						
Feminino	362	45,1	183	36,3	55	29,3
Masculino	440	54,9	321	63,7	133	70,7
Ignorado	-	-	-	-	-	-
<b>Raça/cor</b>						
Branca	649	80,9	414	82,1	152	80,9
Preta	40	5,0	28	5,6	7	3,7
Amarela	8	1,0	2	0,4	1	0,5
Parda	91	11,3	57	11,3	22	11,7
Indígena	2	0,2	0	0,0	1	0,5
Ignorado	12	1,5	3	0,6	5	2,7
<b>Escolaridade</b>						
Analfabeto	26	3,2	20	4,0	11	5,9
Ensino fundamental incompleto	412	51,4	270	53,6	117	62,2
Ensino fundamental completo e Ensino médio incompleto	100	12,5	57	11,3	15	8,0
Ensino médio completo e Educação superior incompleta	95	11,8	51	10,1	7	3,7
Educação superior completa	18	2,2	13	2,6	0	0,0
Não se aplica	2	0,2	0	0,0	0	0,0
Ignorado	149	18,6	93	18,5	38	20,2
<b>Classificação operacional</b>						
Paucibacilar	295	36,8	74	14,7	6	3,2
Multibacilar	507	63,2	430	85,3	182	96,8
Ignorado	-	-	-	-	-	-
<b>Modo de detecção</b>						
Encaminhamento	525	65,5	358	71,0	118	62,8
Demanda espontânea	183	22,8	95	18,8	52	27,7
Exame de coletividade	3	0,4	3	0,6	3	1,6
Exame de contatos	77	9,6	37	7,3	7	3,7
Outros modos	12	1,5	8	1,6	7	3,7
Ignorado	2	0,2	3	0,6	1	0,5

Fonte: Sinan/SVS-MS.

\*Grau de incapacidade física 0, 1 e 2.

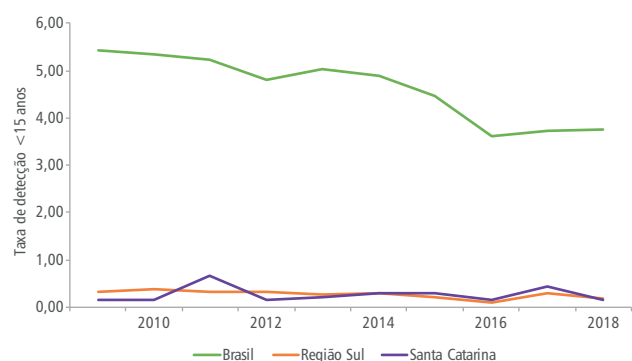


**FIGURA 170. Taxa de detecção geral de casos novos de hanseníase (por 100 mil hab.). Santa Catarina, região Sul e Brasil, 2009 a 2018**



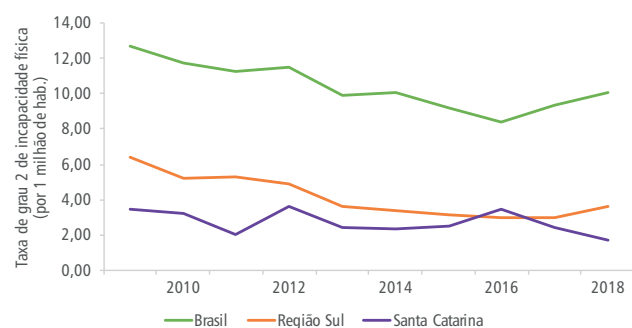
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 171. Taxa de detecção de casos novos de hanseníase em menores de 15 anos (por 100 mil hab.). Santa Catarina, região Sul e Brasil, 2009 a 2018**



Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 172. Taxa de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física no momento do diagnóstico (por 1 milhão de hab.). Santa Catarina, região Sul e Brasil, 2009 a 2018**



Fonte: Sinan/SVS-MS.

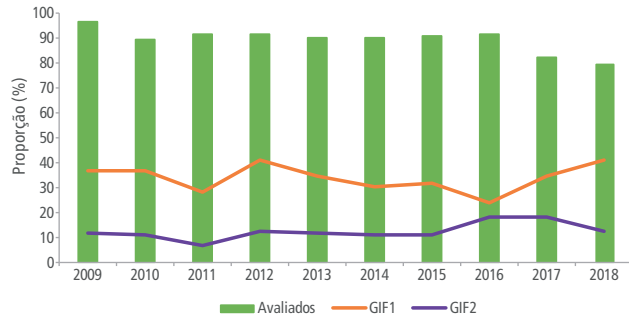
Ao longo do período Santa Catarina, apresentou variações no parâmetro para a avaliação do grau de incapacidade física no momento do diagnóstico, obtendo os níveis “bom” e “regular”. No que se refere ao GIF 2, esse indicador também oscilou, no período, entre 6,3% em 2011, com o menor percentual, e 18,3% em 2017, com o maior percentual, apresentando as classificações “média” e “alta”, segundo os parâmetros oficiais (Figura 173).

Na análise da proporção de casos novos com GIF 2 segundo nível de atenção, observa-se, ao longo da série, que o maior percentual de GIF 2 variou entre três níveis de atenção. Os maiores percentuais ao longo da série, na atenção primária, foram 22,2% em 2017; na atenção secundária, 25,8% em 2016; e na atenção terciária, 33,3% em 2013 (Figura 174).

A avaliação do GIF na cura foi considerada “precária” na maior parte do período analisado, com o menor percentual observado no ano de 2015 (Figura 175). Em relação aos casos que receberam alta por cura com avaliação da incapacidade, observa-se que 2009 foi o ano com o maior quantitativo de GIF 1 e 2 na alta, com 50 e 24 casos, respectivamente (Figura 176). No período da análise, 475 indivíduos receberam alta do tratamento com alguma incapacidade física; destes, 151 (31,8%) foram avaliados com GIF 2.

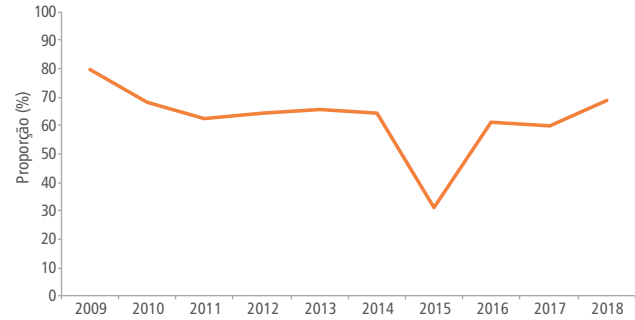


**FIGURA 173.** Proporção de casos novos de hanseníase quanto ao grau de incapacidade física, graus 1 e 2 no momento do diagnóstico. Santa Catarina, 2009 a 2018



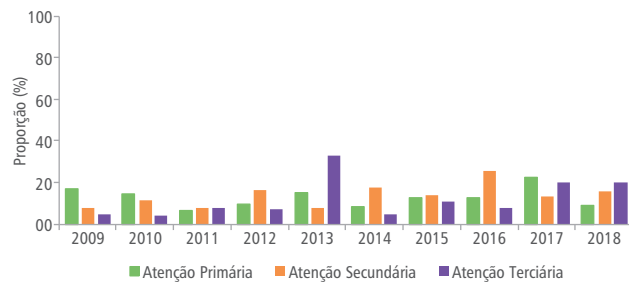
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 175.** Proporção de casos de hanseníase avaliados quanto ao grau de incapacidade física na cura. Santa Catarina, 2009 a 2018



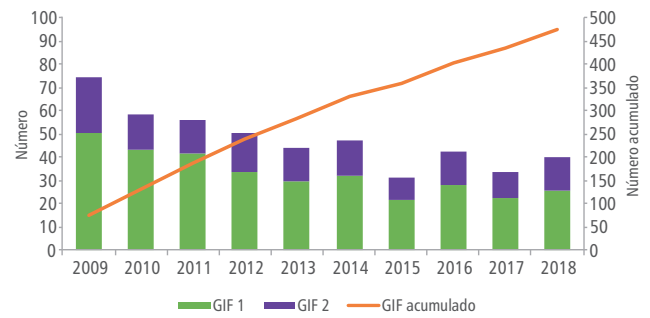
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 174.** Proporção de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física no momento do diagnóstico segundo nível de atenção. Santa Catarina, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 176.** Número de casos de hanseníase avaliados quanto ao grau de incapacidade física na cura. Santa Catarina, Brasil, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.



# São Paulo

No período de 2009 a 2018, foram diagnosticados 15.022 casos novos de hanseníase no estado de São Paulo. Desses, 5.642 (37,6%) foram diagnosticados com incapacidade graus 1 e 2. O GIF 1 e 2 foi mais frequente na faixa etária de 30 a 59 anos, respondendo por mais de 50% dos casos. O sexo masculino foi predominante nos indivíduos avaliados quanto ao GIF 0, 1 e 2, sendo o grau 2 correspondente a 70,7% do total de avaliados (Tabela 26).

Essa situação também se verificou quando analisada a variável raça/cor, sendo a maior frequência observada nos brancos, com mais de 60% dos casos avaliados. Quanto à escolaridade, houve maior predomínio de GIF 2 em indivíduos com ensino fundamental incompleto, com 49,9%. Em relação à classificação operacional, os casos multibacilares também foram predominantes em todas as categorias do GIF, sendo a diferença mais acentuada nos casos com GIF 2, correspondendo a 91,8% dos casos. No que se refere ao modo de detecção, o encaminhamento apresentou o maior percentual de grau 2, com 76,4% (Tabela 26).

O estado de São Paulo, no ano de 2018, apresentou parâmetro de endemicidade “baixo” na população menores de 15 anos de idade e “médio” na população geral. Quando analisado o período de 2009 a 2018, a taxa de detecção geral passou de 4,58 para 2,71 casos por 100 mil habitantes, correspondendo a um decréscimo de 40,8% (Figura 177). Essa redução também foi observada na taxa de detecção anual de casos novos de hanseníase na população de zero a 14 anos, que passou de 0,95 para 0,29 casos por 100 mil habitantes, representando declínio de 69,5% (Figura 178).

A taxa de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física apresentou oscilação ao longo do tempo; em 2009, atingiu 4,25, e em 2018, 3,68 casos por 1 milhão de habitantes. Durante o período, o declínio foi de 13,4% (Figura 179). O comportamento das três taxas analisadas do estado acompanha o observado no país e na região Sudeste.

**TABELA 26. Caracterização dos casos novos de hanseníase segundo o grau de incapacidade física avaliado no diagnóstico. Estado de São Paulo, 2009 a 2018**

Variáveis	Grau 0*		Grau 1*		Grau 2*	
	n	%	n	%	n	%
	7.707	100	4.112	100	1.530	100
<b>Faixa etária</b>						
Menor de 15 anos	333	4,3	67	1,6	10	0,7
15-29	1.360	17,6	525	12,8	128	8,4
30-59	4.310	55,9	2.261	55,0	774	50,6
60 ou mais	1.704	22,1	1.259	30,6	618	40,4
<b>Sexo</b>						
Feminino	3.692	47,9	1.641	39,9	448	29,3
Masculino	4.015	52,1	2.471	60,1	1.082	70,7
Ignorado	-	-	-	-	-	-
<b>Raça/cor</b>						
Branca	4.759	61,7	2.481	60,3	941	61,5
Preta	563	7,3	323	7,9	160	10,5
Amarela	50	0,6	24	0,6	1	0,1
Parda	2.157	28,0	1.174	28,6	375	24,5
Indígena	10	0,1	4	0,1	4	0,3
Ignorado	168	2,2	106	2,6	49	3,2
<b>Escolaridade</b>						
Analfabeto	299	3,9	235	5,7	140	9,2
Ensino fundamental incompleto	3.498	45,4	2.007	48,8	763	49,9
Ensino fundamental completo e Ensino médio incompleto	1.295	16,8	640	15,6	245	16,0
Ensino médio completo e Educação superior incompleta	1.373	17,8	569	13,8	133	8,7
Educação superior completa	301	3,9	152	3,7	25	1,6
Não se aplica	48	0,6	6	0,1	0	0,0
Ignorado	893	11,6	503	12,2	224	14,6
<b>Classificação operacional</b>						
Paucibacilar	3.574	46,4	856	20,8	125	8,2
Multibacilar	4.133	53,6	3.256	79,2	1.405	91,8
Ignorado	-	-	-	-	-	-
<b>Modo de detecção</b>						
Encaminhamento	4.883	63,4	2.897	70,5	1.169	76,4
Demanda espontânea	1.735	22,5	770	18,7	207	13,5
Exame de coletividade	103	1,3	88	2,1	41	2,7
Exame de contatos	883	11,5	278	6,8	73	4,8
Outros modos	85	1,1	46	1,1	32	2,1
Ignorado	18	0,2	33	0,8	8	0,5

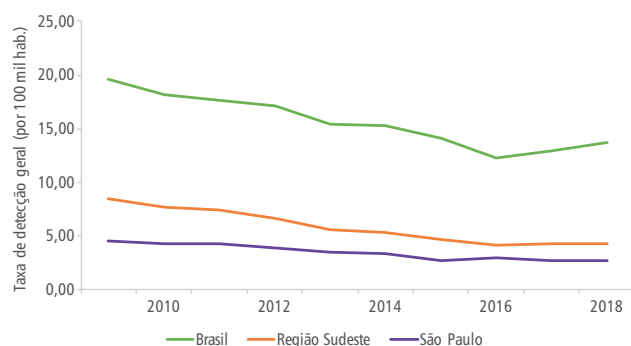
Fonte: Sinan/SVS-MS.

\*Grau de incapacidade física 0, 1 e 2.



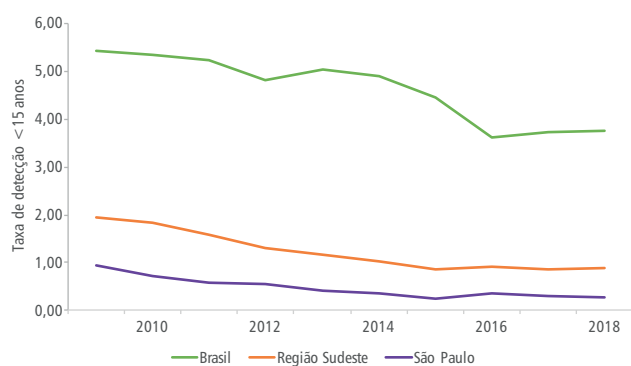


**FIGURA 177.** Taxa de detecção geral de casos novos de hanseníase (por 100 mil hab.). Estado de São Paulo, região Sudeste e Brasil, 2009 a 2018



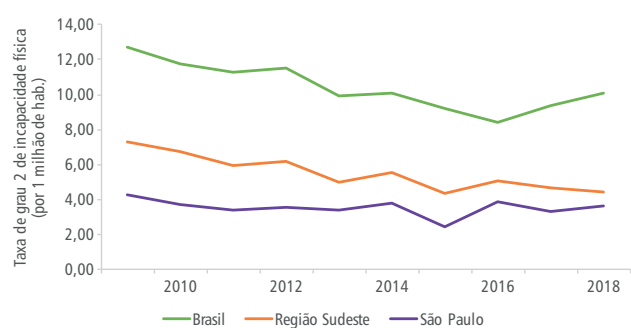
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 178.** Taxa de detecção de casos novos em menores de 15 anos (por 100 mil hab.). Estado de São Paulo, região Sudeste e Brasil, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 179.** Taxa de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física no momento do diagnóstico (por 1 milhão de hab.). Estado de São Paulo, região Sudeste e Brasil, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.

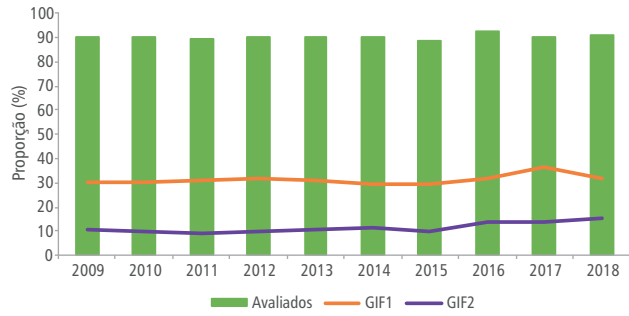
Ao longo do período, São Paulo apresentou variações no parâmetro para a avaliação do grau de incapacidade física no momento do diagnóstico, alcançando os níveis “bom” e “regular”. No que se refere ao GIF 2, esse indicador também oscilou, no período, entre 8,9% em 2011, com o menor percentual, e 15% em 2018, com o maior percentual, apresentando classificação “alta”, segundo os parâmetros oficiais (Figura 180).

Na análise da proporção de casos novos com GIF 2 segundo nível de atenção, o maior percentual variou entre dois níveis de atenção. Os maiores percentuais ao longo da série ocorreram na atenção primária, com 11% em 2009, e na atenção terciária, com 20,6% em 2017 (Figura 181).

A avaliação do GIF na cura foi considerada “regular” em todo período, com o menor percentual observado no ano de 2018 (Figura 182). Em relação aos casos que receberam alta por cura com avaliação da incapacidade, observa-se que 2009 foi o ano com o maior quantitativo de GIF 1 na alta, com 479 casos, e 2017 o ano com o maior quantitativo de GIF 2 na alta, com 181 casos (Figura 183). No período da análise, 5.494 indivíduos receberam alta do tratamento com alguma incapacidade física; destes, 1.623 (29,5%) foram avaliados com GIF 2.

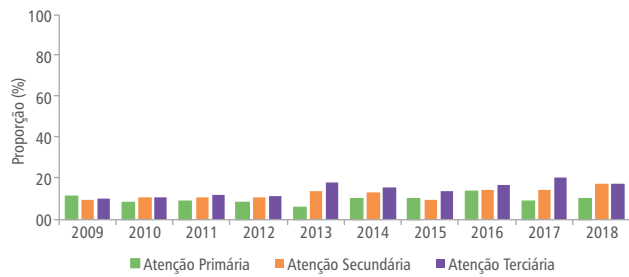


**FIGURA 180.** Proporção de casos novos de hanseníase quanto ao grau de incapacidade física, graus 1 e 2 no momento do diagnóstico. São Paulo, 2009 a 2018



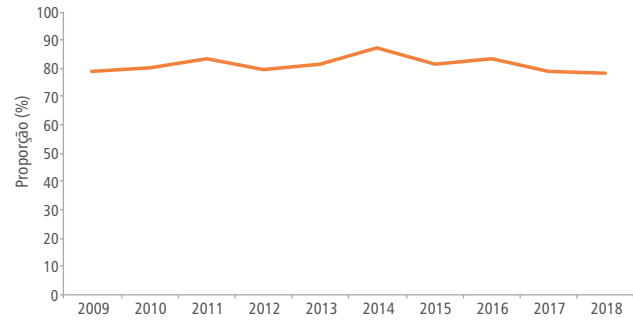
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 181.** Proporção de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física no momento do diagnóstico segundo nível de atenção. São Paulo, 2009 a 2018



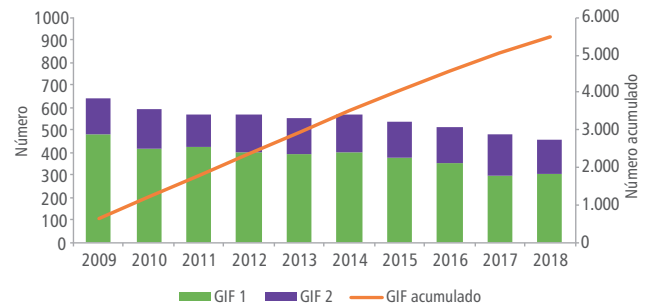
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 182.** Proporção de casos de hanseníase avaliados quanto ao grau de incapacidade física na cura. São Paulo, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 183.** Número de casos de hanseníase avaliados quanto ao grau de incapacidade física na cura. São Paulo, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.



# Sergipe

No período de 2009 a 2018, foram diagnosticados 3.955 casos novos de hanseníase no estado de Sergipe. Desses, 967 (24,5%) foram diagnosticados com incapacidade graus 1 e 2. O GIF 1 e 2 foi mais frequente na faixa etária de 30 a 59 anos, respondendo por mais de 48% dos casos. O sexo masculino foi predominante nos indivíduos avaliados quanto ao GIF 1 e 2, sendo o grau 2 correspondente a 66,8% do total de avaliados (Tabela 27).

Essa situação também se verificou quando analisada a variável raça/cor, sendo a maior frequência observada nos pardos, com mais de 60% dos casos avaliados. Quanto à escolaridade, houve maior predomínio de GIF 2 em indivíduos com ensino fundamental incompleto, com 52%. Em relação à classificação operacional, os casos multibacilares foram predominantes nas categorias de GIF 1 e 2, sendo a diferença mais acentuada nos casos com GIF 2, correspondendo a 82,7% dos casos. No que se refere ao modo de detecção, o encaminhamento apresentou o maior percentual de grau 2, com 59,6% (Tabela 27).

O estado de Sergipe, no ano de 2018, apresentou parâmetro de endemicidade “muito alto” na população de menores de 15 anos de idade e “alto” na população geral. Quando analisado o período de 2009 a 2018, a taxa de detecção geral passou de 24,51 para 13,94 casos por 100 mil habitantes, correspondendo a um decréscimo de 43,1% (Figura 184). Essa redução também foi observada na taxa de detecção anual de casos novos de hanseníase na população de zero a 14 anos, que passou de 4,21 para 5,23 casos por 100 mil habitantes, representando incremento de 24,2% (Figura 185).

A taxa de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física apresentou oscilação ao longo do tempo; em 2009, alcançou 20,30, e em 2018, 10,39 casos por 1 milhão de habitantes. Durante o período, o declínio foi de 48,8% (Figura 186). O comportamento das taxas de detecção geral e de GIF 2 analisadas na UF acompanha o observado no país e na região; entretanto, a taxa em menores de 15 anos diferenciou-se em relação ao Brasil e à região Nordeste.

**TABELA 27. Caracterização dos casos novos de hanseníase segundo o grau de incapacidade física avaliado no diagnóstico. Sergipe, 2009 a 2018**

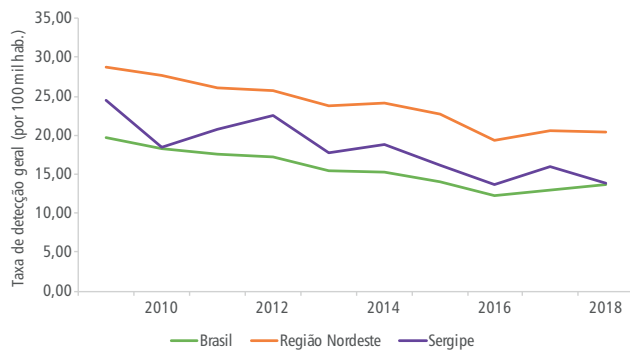
Variáveis	Grau 0*		Grau 1*		Grau 2*	
	n	%	n	%	n	%
	2.134	100	690	100	277	100
<b>Faixa etária</b>						
Menor de 15 anos	192	9,0	28	4,1	5	1,8
15-29	427	20,0	95	13,8	41	14,8
30-59	1.118	52,4	355	51,4	134	48,4
60 ou mais	397	18,6	212	30,7	97	35,0
<b>Sexo</b>						
Feminino	1.124	52,7	295	42,8	92	33,2
Masculino	1.010	47,3	395	57,2	185	66,8
Ignorado	-	-	-	-	-	-
<b>Raça/cor</b>						
Branca	418	19,6	136	19,7	53	19,1
Preta	270	12,7	89	12,9	37	13,4
Amarela	16	0,7	7	1,0	3	1,1
Parda	1.387	65,0	440	63,8	181	65,3
Indígena	9	0,4	2	0,3	0	0,0
Ignorado	34	1,6	16	2,3	3	1,1
<b>Escolaridade</b>						
Analfabeto	225	10,5	100	14,5	58	20,9
Ensino fundamental incompleto	1.054	49,4	347	50,3	144	52,0
Ensino fundamental completo e Ensino médio incompleto	321	15,0	94	13,6	31	11,2
Ensino médio completo e Educação superior incompleta	308	14,4	85	12,3	29	10,5
Educação superior completa	89	4,2	20	2,9	6	2,2
Não se aplica	16	0,7	3	0,4	0	0,0
Ignorado	121	5,7	41	5,9	9	3,2
<b>Classificação operacional</b>						
Paucibacilar	1.279	59,9	204	29,6	48	17,3
Multibacilar	855	40,1	486	70,4	229	82,7
Ignorado	-	-	-	-	-	-
<b>Modo de detecção</b>						
Encaminhamento	954	44,7	392	56,8	165	59,6
Demanda espontânea	984	46,1	254	36,8	98	35,4
Exame de coletividade	52	2,4	14	2,0	1	0,4
Exame de contatos	77	3,6	9	1,3	4	1,4
Outros modos	47	2,2	19	2,8	8	2,9
Ignorado	20	0,9	2	0,3	1	0,4

Fonte: Sinan/SVS-MS.

\*Grau de incapacidade física 0, 1 e 2.

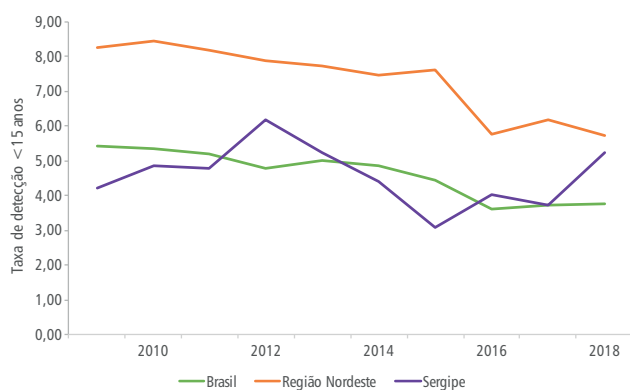


**FIGURA 184.** Taxa de detecção geral de casos novos de hanseníase (por 100 mil hab.). Sergipe, região Nordeste e Brasil, 2009 a 2018



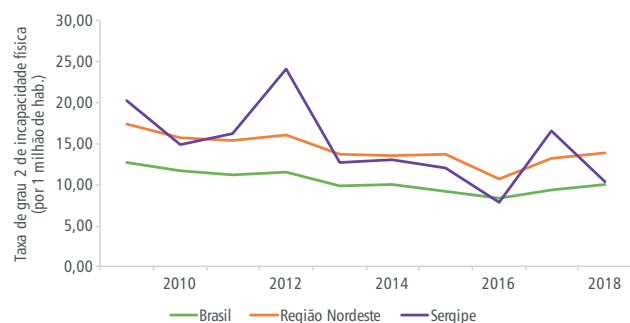
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 185.** Taxa de detecção de casos novos de hanseníase em menores de 15 anos (por 100 mil hab.). Sergipe, região Nordeste e Brasil, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 186.** Taxa de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física no momento do diagnóstico (por 1 milhão de hab.). Sergipe, região Nordeste e Brasil, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.

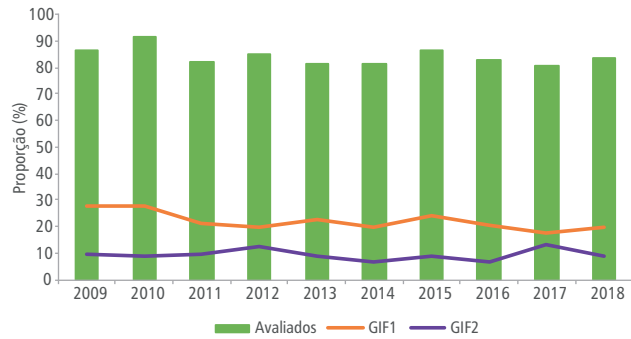
Ao longo do período, Sergipe apresentou variações no parâmetro para a avaliação do grau de incapacidade física no momento do diagnóstico, alcançando os níveis “bom” e “regular”, respectivamente. No que se refere ao GIF 2, esse indicador também oscilou, no período, entre 7% em 2014 e 2016, com o menor percentual, e 12,8% em 2017, com o maior percentual; em 2018, obteve 8,9%, apresentando classificação “média”, segundo os parâmetros oficiais (Figura 187).

Na análise da proporção de casos novos com GIF 2 segundo nível de atenção, o maior percentual variou entre dois níveis de atenção. Os maiores percentuais ao longo da série foram na atenção secundária, com 28,8% em 2012, e na atenção terciária, com 40% em 2015 (Figura 188).

A avaliação do GIF na cura foi considerada “precária” na maior parte dos anos, com o menor percentual observado no ano de 2015 (Figura 189). Em relação aos casos que receberam alta por cura com avaliação da incapacidade, observa-se que 2013 foi o ano com o maior quantitativo de GIF 1 e 2 na alta, com 57 e 27 casos, respectivamente (Figura 190). No período da análise, 599 indivíduos receberam alta do tratamento com alguma incapacidade física; destes, 169 (28,2%) foram avaliados com GIF 2.

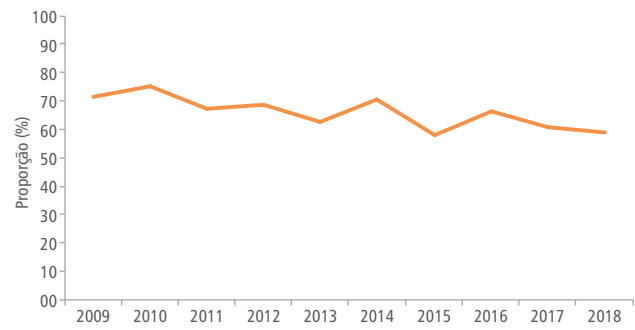


**FIGURA 187.** Proporção de casos novos de hanseníase quanto ao grau de incapacidade física, graus 1 e 2 no momento do diagnóstico. Sergipe, 2009 a 2018



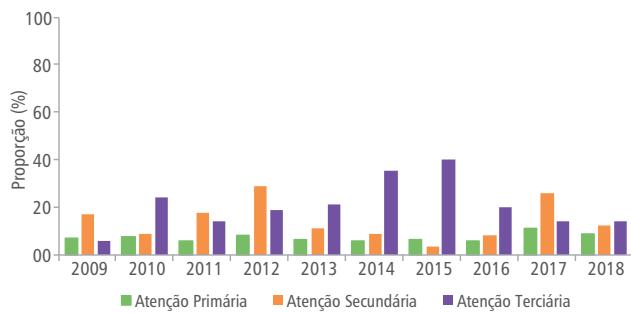
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 189.** Proporção de casos de hanseníase avaliados quanto ao grau de incapacidade física na cura. Sergipe, 2009 a 2018



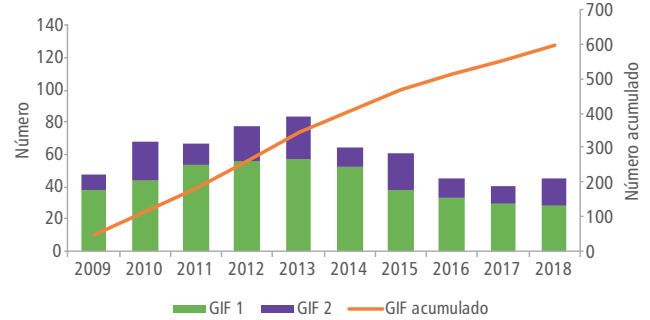
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 188.** Proporção de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física no momento do diagnóstico segundo nível de atenção. Sergipe, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 190.** Número de casos de hanseníase avaliados quanto ao grau de incapacidade física na cura. Sergipe, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.



# Tocantins

No período de 2009 a 2018, foram diagnosticados 11.394 casos novos de hanseníase no estado de Tocantins. Desses, 3.419 (30%) foram diagnosticados com incapacidade graus 1 e 2. O GIF 1 e 2 foi mais frequente na faixa etária de 30 a 59 anos, respondendo por mais de 46% dos casos. O sexo masculino foi predominante nos indivíduos avaliados quanto ao GIF 0, 1 e 2, sendo o grau 2 correspondente a 70,9% do total de avaliados (Tabela 28).

Essa situação também se verificou quando analisada a variável raça/cor, sendo a maior frequência observada nos pardos, com mais de 60% dos casos avaliados. Quanto à escolaridade, houve maior predomínio de GIF 2 em indivíduos com ensino fundamental incompleto, com 51,7%. Em relação à classificação operacional, os casos multibacilares também foram predominantes em todas as categorias do GIF, sendo a diferença mais acentuada nos casos com GIF 2, correspondendo a 94,8% dos casos. No que se refere ao modo de detecção, a demanda espontânea apresentou o maior percentual de grau 2, com 44,3% (Tabela 28).

O estado do Tocantins, no ano de 2018, apresentou parâmetro “hiperendêmico” tanto na população de menores de 15 anos de idade quanto na população geral. Quando analisado o período de 2009 a 2018, a taxa de detecção geral passou de 88,54 para 109,32 casos por 100 mil habitantes, correspondendo a um acréscimo de 23,5% (Figura 191). Esse acréscimo também foi observado na taxa de detecção anual de casos novos de hanseníase na população de zero a 14 anos, que passou de 26,48 para 30,13 casos por 100 mil habitantes, com 13,8% de incremento (Figura 192).

A taxa de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física apresentou oscilação ao longo do tempo; em 2009, alcançou 38,70, e em 2018, 84,87 casos por 1 milhão de habitantes. Durante o período, o incremento foi de 119,3% (Figura 193). O comportamento das três taxas analisadas da UF difere do observado no país e na região Norte.

**TABELA 28. Caracterização dos casos novos de hanseníase segundo o grau de incapacidade física avaliado no diagnóstico. Tocantins, 2009 a 2018**

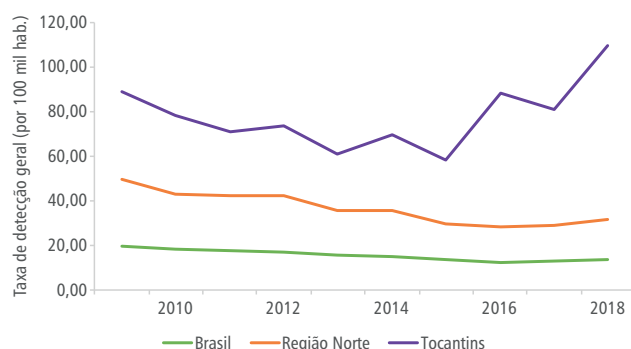
Variáveis	Grau 0*		Grau 1*		Grau 2*	
	n	%	n	%	n	%
	5.773	100	2.798	100	621	100
<b>Faixa etária</b>						
Menor de 15 anos	630	10,9	108	3,9	15	2,4
15-29	1.213	21,0	399	14,3	77	12,4
30-59	3.054	52,9	1.601	57,2	288	46,4
60 ou mais	876	15,2	690	24,7	241	38,8
<b>Sexo</b>						
Feminino	2.723	47,2	1.147	41,0	181	29,1
Masculino	3.050	52,8	1.651	59,0	440	70,9
Ignorado	-	-	-	-	-	-
<b>Raça/cor</b>						
Branca	905	15,7	428	15,3	107	17,2
Preta	814	14,1	420	15,0	105	16,9
Amarela	109	1,9	82	2,9	11	1,8
Parda	3.849	66,7	1.817	64,9	384	61,8
Indígena	47	0,8	22	0,8	11	1,8
Ignorado	49	0,8	29	1,0	3	0,5
<b>Escolaridade</b>						
Analfabeto	397	6,9	295	10,5	119	19,2
Ensino fundamental incompleto	2.579	44,7	1.326	47,4	321	51,7
Ensino fundamental completo e Ensino médio incompleto	957	16,6	433	15,5	76	12,2
Ensino médio completo e Educação superior incompleta	1.183	20,5	490	17,5	73	11,8
Educação superior completa	317	5,5	125	4,5	11	1,8
Não se aplica	86	1,5	7	0,3	1	0,2
Ignorado	254	4,4	122	4,4	20	3,2
<b>Classificação operacional</b>						
Paucibacilar	2.831	49,0	369	13,2	32	5,2
Multibacilar	2.942	51,0	2.429	86,8	589	94,8
Ignorado	-	-	-	-	-	-
<b>Modo de detecção</b>						
Encaminhamento	1.981	34,3	856	30,6	223	35,9
Demanda espontânea	2.826	49,0	1.337	47,8	275	44,3
Exame de coletividade	201	3,5	176	6,3	54	8,7
Exame de contatos	564	9,8	313	11,2	45	7,2
Outros modos	111	1,9	62	2,2	18	2,9
Ignorado	90	1,6	54	1,9	6	1,0

Fonte: Sinan/SVS-MS.

\*Grau de incapacidade física 0, 1 e 2.

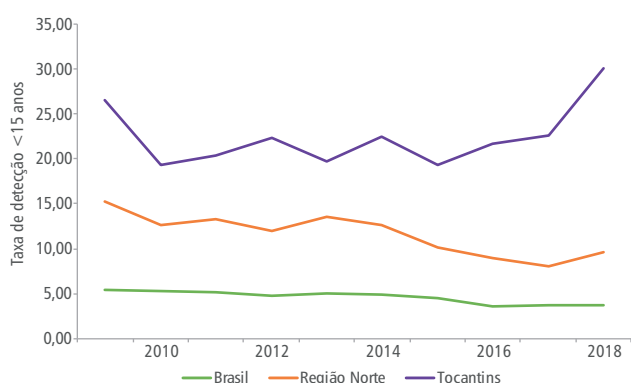


**FIGURA 191.** Taxa de detecção geral de casos novos de hanseníase (por 100 mil hab.). Tocantins, região Norte e Brasil, 2009 a 2018



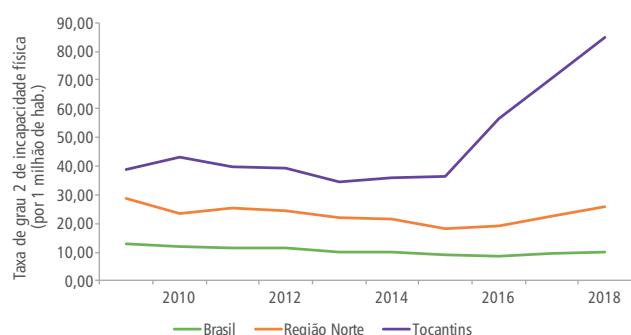
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 192.** Taxa de detecção de casos novos de hanseníase em menores de 15 anos (por 100 mil hab.). Tocantins, região Norte e Brasil, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 193.** Taxa de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física no momento do diagnóstico (por 1 milhão de hab.). Tocantins, região Norte e Brasil, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.

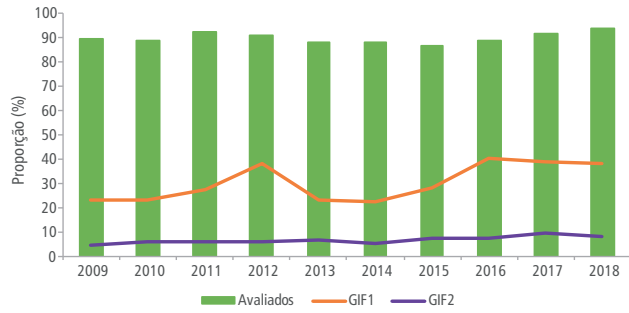
Ao longo do período, Tocantins apresentou variações no parâmetro para a avaliação do grau de incapacidade física no momento do diagnóstico, alcançando os níveis “bom” e “regular”, respectivamente. No que se refere ao GIF 2, esse indicador também oscilou, no período, entre 4,9% em 2009, com o menor percentual, e 9,5% em 2017, com o maior percentual, apresentando classificação “média”, segundo os parâmetros oficiais (Figura 194).

Na análise da proporção de casos novos com GIF 2 segundo nível de atenção, o maior percentual variou entre os três níveis. Os maiores percentuais ao longo da série, na atenção primária, foram 9,5% em 2017; na atenção secundária, 18,2% em 2016; e, na atenção terciária, 22,7% em 2009 (Figura 195).

A avaliação do GIF na cura foi considerada “precária” na maior parte dos anos, com o menor percentual observado no ano de 2018 (Figura 196). Em relação aos casos que receberam alta por cura com avaliação da incapacidade, observa-se que 2017 foi o ano com o maior quantitativo de GIF 1 na alta, com 274 casos, e 2018 o ano com o maior quantitativo de GIF 2 na alta, com 64 casos (Figura 197). No período da análise, 2.200 indivíduos receberam alta do tratamento com alguma incapacidade física; destes, 457 (20,8%) foram avaliados com GIF 2.

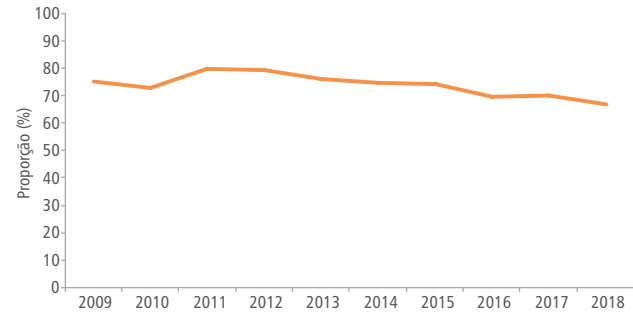


**FIGURA 194.** Proporção de casos novos de hanseníase quanto ao grau de incapacidade física, graus 1 e 2 no momento do diagnóstico. Tocantins, 2009 a 2018



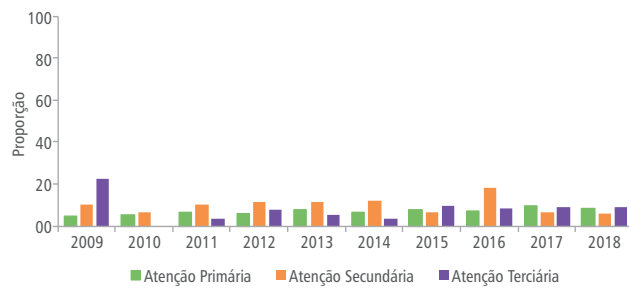
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 196.** Proporção de casos de hanseníase avaliados quanto ao grau de incapacidade física na cura. Tocantins, 2009 a 2018



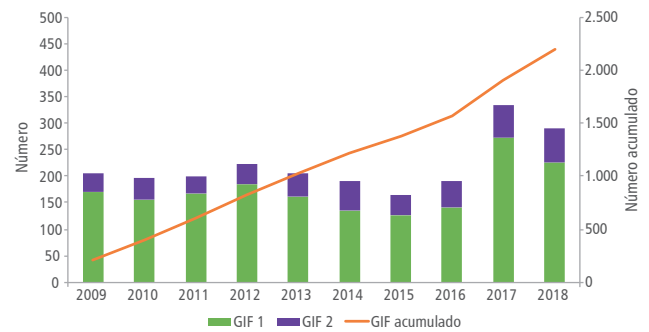
Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 195.** Proporção de casos novos de hanseníase com grau 2 de incapacidade física no momento do diagnóstico segundo nível de atenção. Tocantins, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.

**FIGURA 197.** Número de casos de hanseníase avaliados quanto ao grau de incapacidade física na cura. Tocantins, 2009 a 2018



Fonte: Sinan/SVS-MS.







# considerações

Esta publicação traz elementos para sensibilizar e subsidiar gestores e profissionais de saúde no sentido de priorizar ações de prevenção de incapacidades físicas na gestão do cuidado à pessoa acometida pela hanseníase. No contexto atual, o número de casos diagnosticados e que recebem alta dos serviços com incapacidade física é expressivo, demonstrando fragilidades nas ações de diagnóstico e prevenção dessas incapacidades, principalmente aquelas voltadas ao autocuidado.

Considerando que o diagnóstico é essencialmente clínico e epidemiológico, é fundamental que as ações de vigilância e controle da doença sejam contínuas e de qualidade, possibilitando o diagnóstico precoce, cuja estratégia principal é a vigilância dos contatos, os quais estão mais expostos à infecção.

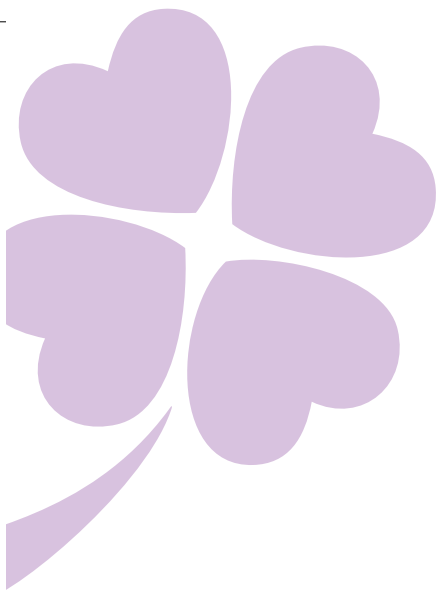
O diagnóstico, tratamento e acompanhamento da doença devem acontecer na Atenção Primária à Saúde (APS), a qual permite que as ações de cuidado sejam mais capilares e longitudinais. Essas ações requerem um olhar mais próximo sobre a situação de saúde das pessoas e o território no qual elas vivem.

A prevenção e a reabilitação das incapacidades físicas também podem ocorrer no âmbito da APS. No entanto, em algumas situações, a exemplo das incapacidades instaladas, é necessária a articulação com os demais pontos da Rede de Atenção à Saúde (RAS), principalmente quanto ao manejo das reações hansênicas e neurites. Estas são condições clínicas especiais e não raras na hanseníase, que culminam na incapacidade.

Além disso, as ações de prevenção, a reabilitação das incapacidades e a promoção do autocuidado evitam a piora e a instalação de novas deformidades, sobretudo no pós-alta. Cabe ressaltar que, mesmo após a alta da poliquimioterapia, a pessoa acometida pela hanseníase deve continuar inserida na RAS, quando presente incapacidade ou deformidade física, a fim de garantir a longitudinalidade e a integralidade do cuidado.

Diante dos pontos levantados, é preciso avançar no que diz respeito à inserção e qualificação do cuidado à pessoa acometida em todos os níveis de gestão e atenção, por meio do fortalecimento e organização da RAS, e da qualificação profissional, que são fatores fundamentais para o êxito no cuidado da hanseníase.





# referências

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância das Doenças Transmissíveis. **Diretrizes para vigilância, atenção e eliminação da hanseníase como problema de saúde pública**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância e Doenças Transmissíveis. **Guia de Vigilância em Saúde**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância e Doenças Transmissíveis. **Guia prático sobre a hanseníase**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2017.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Estratégia Global para a Hanseníase 2016-2020: aceleração rumo a um mundo sem hanseníase**. Nova Deli: OMS, 2016.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Global leprosy update, 2018: moving towards a leprosy free world. **Weekly epidemiological record**, Genebra, n. 94, p. 389-412, 30 ago. 2019. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/326775/WER9435-36-en-fr.pdf?ua=1>. Acesso em: 9 out. 2019.





